

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Instituto de Ciências Humanas e Sociais

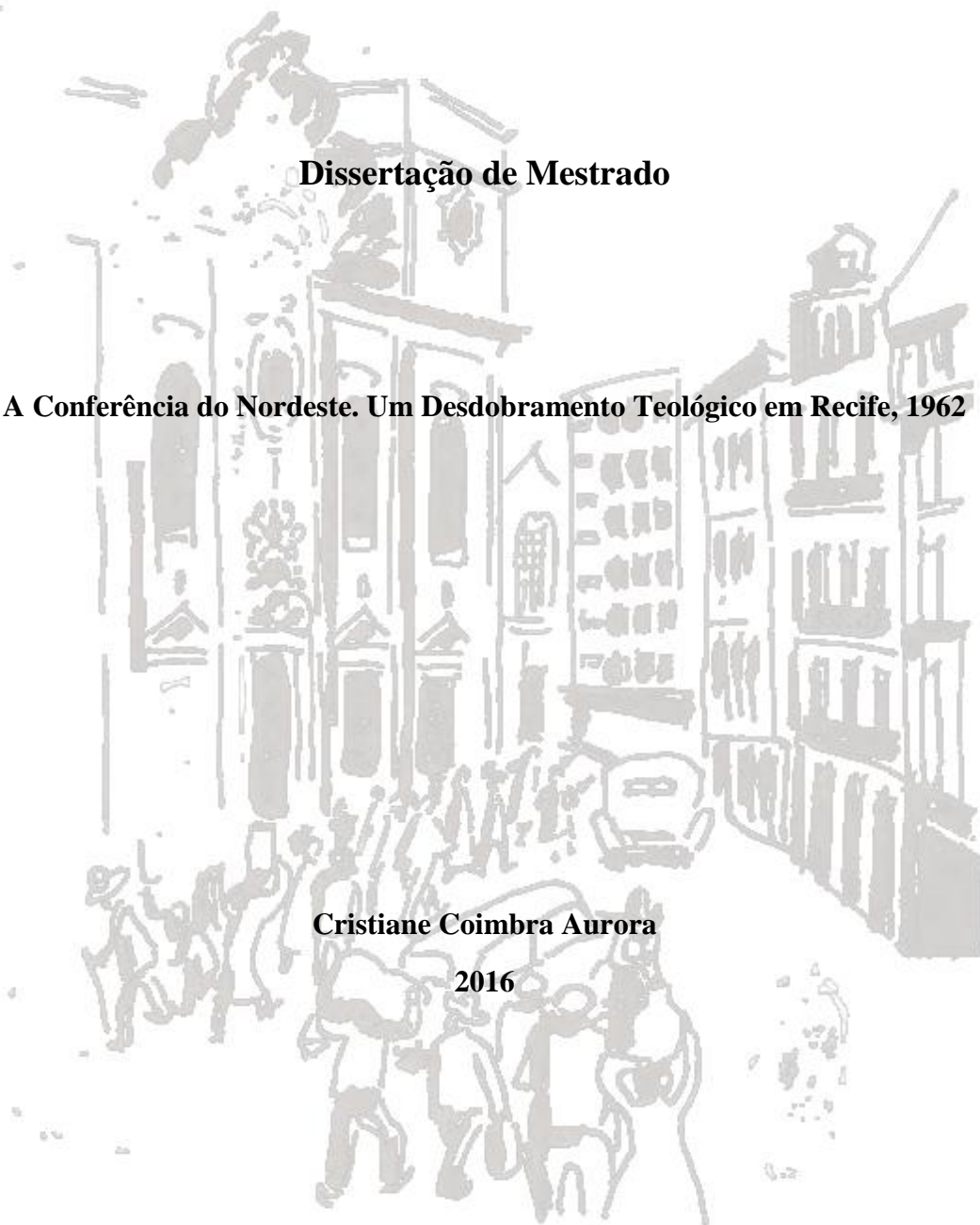
Programa de Pós Graduação em História

Dissertação de Mestrado

A Conferência do Nordeste. Um Desdobramento Teológico em Recife, 1962

Cristiane Coimbra Aurora

2016





UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

A Conferência do Nordeste. Um Desdobramento Teológico em Recife, 1962

CRISTIANE COIMBRA AURORA

Sob a orientação do Professor Doutor
Luís Edmundo de Souza Moraes

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de Pós Graduação em História

Seropédica
Junho, 2016

Dedico este trabalho a Renato Ramos de Andrade

AGRADECIMENTOS

Desejo, neste espaço, agradecer aos que se fizeram presentes em minha caminhada no decorrer do mestrado.

Sou grata aos professores-pastores Eduardo Galasso, Leonildo Silveira, Paulo Ayres Mattos e Zwinglio Mota Dias, não esquecendo do leigo Anivaldo Padilha, por terem contribuído com suas memórias e indicações de leituras no desenvolvimento da presente pesquisa.

Ao Secretário Paulo César, aos Coordenadores, Professor Dr. João Marcio Mendes Pereira e a Professora Dr^a Rebeca Gontijo, do Programa de Pós-Graduação em História da UFRRJ e também aos docentes do Programa que ministraram disciplinas importantes para o desenvolvimento da minha formação enquanto pós-graduanda.

Sou grata a Professora Dr^a Caetana Damasceno, que gentilmente me acolheu como ouvinte de sua disciplina em 2012. Foi minha orientadora em boa parte da pesquisa e na construção do objeto. A certa altura da elaboração do trabalho, não pode dar continuidade. Profundamente grata, pois durante o tempo que me orientou aprendi muita coisa, contando com sua paciência e sua generosidade.

Agradecimento especial ao Professor Dr Luís Edmundo de Souza Moraes, que contribuiu com sua presença na banca de qualificação, juntamente com a Professora Dr.^a Jesse Jane Vieira. Nos momentos finais, o Professor, aceitou o desafio de orientar esse trabalho com suas contribuições generosas.

A presente pesquisa contou com o apoio de pessoas notáveis que tive a oportunidade de conhecê-las e me aproximar: Alex Brito, Ângelo Gabriel Lins, Bruna Marques, Clarissa Oliveira, Leila Cristina Pires, Rafael Viana, Tereza Cristina de Andrade e Wallace Lucas Magalhães. A vocês, obrigada por todo apoio e incentivo.

Aos pesquisadores do protestantismo histórico André Brito, Daniel Augusto Schmidh, Zilma Adélia e Zózimo Trabuco, muito obrigada pelas conversas que agregaram à pesquisa.

Aos meus pais, Geyza e Waldeci, e minha irmã Lilian, agradeço pelo apoio. Ao meu esposo, Renato Ramos de Andrade, que acompanhou de perto o estresse com a pesquisa e ausências por estar horas debruçada em livros e computador. Por ter me acompanhado à Biblioteca Nacional e ao Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, trazendo com sua presença, o alívio cômico nas etapas, às vezes desgastante, na caminhada acadêmica.

E por fim, a Deus quem me deu força e sabor na pesquisa quando em muitas situações pensei em desistir.

981.06

A931c

T

Aurora, Cristiane Coimbra, 1984-
A Conferência do Nordeste. Um
Desdobramento Teológico em Recife, 1962 -
Cristiane Coimbra Aurora - 2016.
105 f.: il.

Orientador: Luis Edmundo de Souza
Moraes.

Dissertação (mestrado) Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em História.

Bibliografia: f. 99-104.

1. Brasil - História - Século XX -
Teses. 2. Teologia - História - Teses. 3.
Teologia - Teses. 4. Protestantismo
Teses. 5. Conferência do Nordeste (1962:
Recife, PE) - Teses. I. Moraes, Luis
Edmundo de Souza, 1966-. II. Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de
Pós-Graduação em História. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E
DOUTORADO**

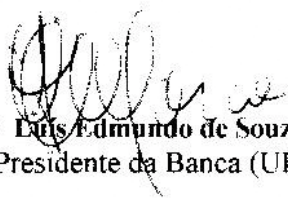
“A Conferência do Nordeste. Um Desdobramento Teológico em Recife, 1962”

CRISTIANE COIMBRA AURORA

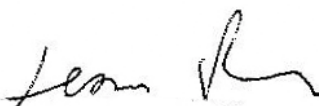
Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 27/06/2016

Banca Examinadora:



Professor Doutor **Luis Edmundo de Souza Moraes**
Orientador e Presidente da Banca (UFRRJ)



Professor Doutor **Jean Rodrigues Sales** (UFRRJ)



Professor Doutor **Michel Gherman** (UFRJ)

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é analisar a Conferência do Nordeste, realizada em Recife no ano de 1962, como um desdobramento teológico protestante. A Conferência foi realizada pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja, criado em 1955 e vinculado à Confederação Evangélica do Brasil, fundada em 1934. A Confederação era uma organização formada por igrejas do protestantismo histórico, tais como a Metodista, Presbiteriana Independente, Presbiteriana do Brasil, Luterana e Congregacional. Em meados do século XX, após a Segunda Grande Guerra, surge um movimento teológico protestante com suas preocupações voltadas para as questões sociais. Essa preocupação e essa nova teologia encontraram lugar no Brasil entre os anos de 1950 e 1960, através de organizações nos arraiais do protestantismo.

Palavras-chave: Conferência do Nordeste; teologia protestante

ABSTRACT:

The aim of this research is to analyze the "Conferência do Nordeste" (Northeast Conference), that took place in Recife in 1962, as one of the results of a post-World War II Protestant theology. The conference was held by the Sector of Social Responsibility of the Church, created in 1955 and linked to the Evangelical Confederation of Brazil, founded in 1934. The Confederation was an organization formed by churches of the historical Protestantism, such as the Methodist, Independent Presbyterian, Presbyterian of Brazil, Lutheran and Congregational Churches. In the mid-twentieth century, after the Second World War, there came up a Protestant theological movement, which focused their concerns on social issues. This concerns linked with this new theology found place in Brazil between the years 1950 and 1960, through organizations of the Protestantism.

Keywords: Northeast Conference, Protestant theology

SIGLAS E ABREVIACÕES

AI -Ato Institucional
AP - Ação Popular
ALN - Ação Libertadora Nacional
ARENA - Aliança Renovadora Nacional
CEEBRAS - Centro de Estudos Brasileiro
CIE - Centro de Informações do Exército
CIIC - Conselho Internacional de Igrejas Cristãs
CMI - Conselho Mundial de Igrejas
CNE - Conferencia do Nordeste
CNV - Comissão Nacional da Verdade
CODI - Centro de Operações de Defesa Interna
DOI - Destacamento de Operações e Informações
DOPS - Departamento de Ordem Política e Social
FMP - Frente de Mobilização Popular
ISAL - Iglesia y Sociedad en America Latina
MDB - Movimento Democrático Brasileiro
OBAN - Operação Bandeirantes
PCB - Partido Comunista Brasileiro
PPD - Protestantismo de Reta Doutrina
SNI - Serviço Nacional de Informação
SRSI - Setor de Responsabilidade Social da Igreja
SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UCEB - União Cristã de Estudantes do Brasil
UEE - União Estadual dos Estudantes
ULAJE - União Latino-Americana da Juventude
UNE - União Nacional dos Estudantes
VPR - Vanguarda Popular Revolucionária

TABELA E IMAGENS

TABELA 1- Presentes às reuniões

IMAGEM 1 -“O Cristão e a Política”

IMAGEM 2 - “Almir dos Santos no Nordeste vai ao Engenho da Galiléia (*sic*), entrevista Celso Furtado, Padre Melo e nos traz a declaração de que nós fazemos um Pique-Nique sobre um vulcão”.

IMAGEM 3 - Conferência do Nordeste, *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*, Salão Nobre do Colégio Agnes Erskine, Recife, julho de 1962

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT:	8
SIGLAS E ABREVIACÕES	9
TABELA E IMAGENS	10
INTRODUÇÃO	12
Por que a Conferência do Nordeste	21
CAPÍTULO 1 - Teologia em movimento	28
1.1 Articulações	28
1.1.1 Confederação Evangélica do Brasil (CEB)	28
1.1.2 Conselho Mundial de Igrejas (CMI)	30
1.2 Teologia em movimento	32
1.3 Setor de responsabilidade Social e as consultas (1955 e 1960)	41
1.4 A resposta conservadora e seu discurso	42
1.4.1 “Nós” e “eles”	51
1.5 Religião e Política	55
CAPÍTULO 2	58
A “Conferência do Nordeste”: Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. Um desdobramento teológico	58
2.1 O Diário	58
2.2 Reuniões preparatórias	64
2.3 O Nordeste, “região problema”	68
2.4 A Conferência	73
2.4.1 “Revolução do Reino de Deus. Revolução controlada e prevista.”	77
2.5 Narrador-Personagem e o seu olhar	82
2.6 Ausências na Conferência	86
2.7 Cinquenta anos depois...	91
CONCLUSÃO	99
FONTES CONSULTADAS	101
BLOGRAFIA CITADA	102
SITES CONSULTADOS	107

Introdução

A presente pesquisa possui como objeto de estudo o evento organizado por leigos e pastores do protestantismo histórico no Brasil¹, a Conferência do Nordeste (CNE), realizada em Recife entre os dias 22 e 29 de Julho de 1962 com o tema *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*. O evento será analisado como um desdobramento teológico do Pós-Segunda Guerra.

O evento religioso contou com a participação de pessoas de fora do universo protestante, como Celso Furtado, economista da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE – criada no governo de Juscelino Kubitschek), Gilberto Freire (sociólogo), Paul Singer (economista da USP), Juarez Brandão (professor da USP), bem como ícones do protestantismo nacional, tais como os Bispos Almir dos Santos (Igreja Metodista), João Dias Araújo (Igreja Presbiteriana), Joaquim Beato (da Igreja Presbiteriana Unida) e Rubem Alves (Igreja Presbiteriana).

A Conferência do Nordeste recebeu apoio do Conselho Mundial de Igrejas, entidade ecumênica fundada em 1948 e que gerou muitas críticas por aqueles que discordavam do diálogo com outros setores da sociedade fora dos arraiais protestantes.

A palavra *ecumenismo* é originária do grego, *oikos*, e significa casa, local de habitação. Conforme nos afirma Magali do Nascimento Cunha: “local de intimidade; nas etimologias recentes a que a palavra dá lugar, *oikoumene* guarda o mesmo sentido, ampliando-se à significação de ‘mundo habitado’, em suas três dimensões: o espaço, a cultura e a política”².

Restrita ao universo religioso, o ecumenismo com seu viés teológico tem por cerne congregar todos os indivíduos com sua multiplicidade, seja política, cultural e geográfica³.

No desenvolvimento de nossa pesquisa veremos um tipo de prática do ecumenismo que permitiu às diferentes denominações se unirem em prol do outro, da realidade

¹Os protestantes históricos que serão tratados no decorrer da pesquisa são os protestantes que se originam da Reforma ocorrida na Europa no século XVI e que chegou ao Brasil no século XIX através dos missionários norte-americanos, sendo então chamados de Protestantismo Histórico de Missão. Assim, esses protestantes se configuram nas igrejas Presbiterianas, Congregacional, Episcopal, Congregacional, Metodista e Batista. Diferentemente são as igrejas Luteranas, Anglicanas e Reformadas que também têm a mesma origem na Reforma mas chegaram ao Brasil no fluxo migratório (século XIX), sendo então chamadas de Protestantismo Histórico de Migração. Cf. CUNHA, Magali do Nascimento. *Crise, esquecimento e memória*. O Centro Ecumênico de Informação e a construção da identidade do Protestantismo Brasileiro. Dissertação de mestrado defendida pela, Uni-RIO, 1997, p. 6

²Idem, p. 8

³Idem, loc. cit

brasileira dos idos anos de 1960. O ecumenismo surgiu no Pós-Primeira Guerra Mundial em que as Igrejas na Europa se juntam para contribuir na construção da continente arrasado, marcando assim, o ecumenismo como “ações concretas que, dirigindo-se a seres humanos concretos, repercutem necessariamente no campo sociopolítico”⁴. Esse ecumenismo⁵ “de ação concreta” foi o que norteou o Conselho Mundial de Igrejas e a Conferência do Nordeste. Entretanto, essas ações foram vistas como “progressistas” por setores que não compartilhavam dessas práticas.

Magali Cunha ressalta que o Conselho era visto como “modernista” por parte dos fundamentalistas protestantes porque não se posicionou de forma contrária a uma nova teologia que também surge no Pós-Segunda Guerra. Enquanto o CMI seguia o trilha da unidade entre os cristãos, incluindo os católicos com a entrada das Igrejas Ortodoxas Orientais, em 1954, na outra margem, o norte-americano fundamentalista⁶ Carl McIntire “organizou, no mesmo ano, uma entidade interdenominacional, o Conselho Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC), que se tornou símbolo de uma batalha contra o ecumenismo”⁷.

O Pós-Segunda Guerra lançou as bases da teologia protestante tão criticada por fundamentalistas, presente tanto na Conferência do Nordeste bem como na vida dos protestantes cinquenta anos após o evento. Neste sentido, em nossa pesquisa avançaremos um pouco na periodização, para além dos anos de 1962, pois depois da CNE alguns efeitos foram produzidos no universo protestante, como a inserção de religiosos em movimentos contrários à Ditadura Militar bem como ações conservadoras dentro das denominações metodistas e presbiterianas.

Essa Teologia enxergava através do marxismo os problemas da época. Chamada Alemanha de Socialismo Religioso teve a análise marxista como interlocutora do social, enquanto a reflexão teológica teve em Paul Tillich seu grande representante. Esse novo olhar da teologia repercutiu na maneira como os protestantes entendiam as demandas

⁴Ibidem, p. 9

⁵Para o aprofundamento maior sobre o ecumenismo, como movimento, recomendamos a leitura da dissertação de ABUMANSSUR, Edin Sued. A Tribo Ecumênica. Um Estudo do Ecumenismo no Brasil nos anos 60 e 70. Dissertação em Ciências Sociais defendida em 1991 na Universidade Pontifícia Católica, SP.

⁶De acordo com João Dias Araújo, o fundamentalismo como movimento, surge em 1910 em Chicago. Como doutrina reafirmam o nascimento virginal de Cristo, divina inspiração da Bíblia e ressurreição corpórea de Jesus, além disso, esses grupos fundamentalistas se ligaram a direita política e social nos Estados Unidos e eram contrários aos movimentos de e com os movimentos contrários à “integração racial. A imprensa norte-americana denunciou que os fundamentalistas apoiam a “Ku Klux Klan”. Cf. ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição sem fogueiras*. 2 ed. Rio de Janeiro: ISER, 1982.

⁷Idem, p. 134

sociais: O corpo que padecia por fome e guerras deveria receber tanta preocupação quanto a salvação da alma.

Essa teologia protestante foi lida no Brasil com a chegada do missionário norte-americano Rishard Shaull. Sua vinda ao Brasil em de 1950 marcou a juventude cristã universitária ao lecionar no Seminário Teológico de São Paulo conforme nos afirma Eduardo Galasso Faria:

(...) ouvia nas rodas de conversa entre os alunos, após o almoço, à sombra das árvores na frente do prédio principal, várias críticas aos professores mais antigos e ao curso. Percebi que muitos mostravam grande admiração pelo professor Shaull, que se encontrava nos Estados Unidos em licença, concluindo estudos para o doutorado. Sobre ele corriam histórias do período em que atuara como missionário na Colômbia e fora perseguido, tendo que deixar o país. Havia também lendas sobre ele e tudo isso naturalmente aguçou minha curiosidade e expectativa. Eu, bastante jovem, estava entusiasmado e aguardava para participar das aulas que deveriam ser bastante inovadoras. Depois, como seu aluno, a cada dia crescia minha admiração por esse missionário norte-americano, em tudo diferente dos seus colegas⁸.

As ideias teológicas de Shaull foram produzidas entre as décadas de 1950 e 1960 como parte do processo de desenvolvimento de uma teologia crítica brasileira que foi interrompida por uma liderança teológica conservadora e pela Ditadura Militar. Esse viés teológico, presente na CNE, encontrou duras críticas por parte dos irmãos de outras denominações, conforme veremos em nossa pesquisa.

Realizada durante o governo do presidente João Goulart, a Conferência não pode ser analisada fora do cenário político da época, marcado, dentre outras medidas, pelas propostas de reformas de base indicadas pelo chefe do Executivo, tais como a bancária, fiscal, administrativa, urbana e universitária, além de conceder direito de voto aos analfabetos e a legalização do Partido Comunista Brasileiro (PCB), assim como o controle do capital estrangeiro, do monopólio estatal e de setores estratégicos da economia⁹

Eram medidas que demonstravam tanto para os grupos nacionalistas quanto para os de esquerda a intenção de mudar a estrutura econômica e política do país. A reforma agrária foi a mais difícil de solucionar, pois as esquerdas reunidas na Frente de Mobilização Popular (FMP)¹⁰, liderada pelo governador do Rio Grande do Sul, Leonel

⁸FARIA, Eduardo Galasso. Por e-mail em 01 de outubro de 2014.

⁹ FERREIRA Jorge, "Sociedade e Esquerda no Brasil" In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes (Org). *Democracia e ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

¹⁰ A Frente de Mobilização Popular (FMP) reunia as principais organizações de esquerda que lutavam pela reforma agrária. Idem, p. 99.

Brizola, queriam que o Congresso Nacional aprovasse a reforma sem indenizar os proprietários rurais, o que contrariava o artigo 141 da Constituição de 1946.

Para os camponeses a reforma agrária estava na pauta das discussões que eram verbalizadas pelas Ligas Camponesas¹¹ lideradas por Francisco Julião. No Recife, a “capital comunista do Brasil”¹², em meio à seca e à pobreza, trabalhadores rurais ganharam apoio dos bispos católicos. Os sacerdotes emprestavam suas paróquias para reuniões, fazendo com que os camponeses se sentissem protegidos pela instituição eclesial. Padres e bispos utilizavam sua formação de teologia, filosofia e seus conhecimentos da política nacional para apoiá-los na luta por melhores condições de vida. Essa aproximação dos padres com o campesinato foi vista como a “esquerdização do clero” apesar da Igreja ser anticomunista.¹³

Sacerdotes católicos não foram os únicos a se manifestarem ante a conjuntura sócio-política do Brasil. Igrejas do seguimento Protestante como metodistas, luteranas e presbiterianas, também o fizeram através da Confederação Evangélica do Brasil (CEB) uma fusão de três órgãos de serviço: Conselho de Educação Religiosa, a Comissão Brasileira de Cooperação e a Federação Evangélica do Brasil. A CEB (Confederação Evangélica do Brasil) promoveu encontros e debates que abarcavam a problemática social. Em 1961, convocou o presidente João Goulart solicitando as reformas de base, denunciando as injustiças sociais e reivindicando um novo sistema educacional¹⁴

A CEB foi a organizadora da Conferência do Nordeste. Em 1964, sob a alegação de falta de recursos financeiros, a CEB reduziu as atividades de setores considerados perigosos havendo denúncia de muitos leigos e pastores ao DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) e ao SNI (Serviço Nacional de Informação)¹⁵ órgãos que, respectivamente, realizavam perseguições, prisões e interrogatórios além de assessoria e informações ao presidente¹⁶

¹¹Surgidas em 1955, com o objetivo de organizar o campesinato propunham defender os camponeses contra a expulsão de suas terras, o aumento do preço do arrendamento e a prática do “cabão” na qual o trabalhador rural deveria trabalhar de graça uma vez por semana para o dono da terra. Cf. BORIS, Fausto. *História concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2009.

¹²Expressão usada por Gordon a John E. Rielly em entrevista concedida em 30 de maio de 1964 ao New York times. Apud, GREEN, James N. *Apesar de Vocês. Oposição à ditadura brasileira nos Estados unidos, 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹³VILELA, Daniel Marques “A Igreja contra os coronéis.” In: *Revista História Viva*. Ano V. N60. São Paulo.

¹⁴ SCHÜNEMANN, Rolf. *Do Gueto à Participação. O surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

¹⁵ Idem, p. 37

¹⁶ QUADRAT, Samantha Viz. “O Regime militar em tempo de (in)definições” (1964-1968). In: MARTINHO, 2005 op. cit.134

Nos anos 1960, o Brasil era visto pelos Estados Unidos como “demasiadamente vermelho”¹⁷. Essa instabilidade política foi a justificativa usada por membros das Forças Armadas para darem o golpe civil-militar de 31 de março de 1964, o qual foi apoiado por Lincoln Gordon, embaixador dos Estados Unidos no Brasil, e parte do Pentágono. Em 02 de abril de 1964 o presidente estadunidense, Lyndon Johnson, reconheceu o governo militar no Brasil. Para a esquerda o Tio Sam era um inimigo internacional que apoiou os generais no poder, pois havia um medo por parte dos Estados Unidos do Brasil se tornar comunista, a começar pelo Nordeste¹⁸.

Em 9 de março de 1964, o Comando Supremo da Revolução decretou o primeiro Ato Institucional (AI), o qual assegurava plenos poderes ao Executivo, autonomia ao mesmo nas questões econômicas e suspensão de direitos políticos. O governo de Castelo Branco, o primeiro general na presidência, foi eleito pelo Congresso Nacional em 11 de abril e em seu governo foi editado, em 27 de outubro de 1965, o segundo Ato (AI-2) que extinguiu os partidos políticos, dando lugar ao bipartidarismo com a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), além do fechamento do Congresso Nacional e o julgamento pela justiça militar aos crimes contra a Segurança Nacional¹⁹.

Em 15 de março de 1967, chega ao poder Costa e Silva. Em seu governo houve o fechamento do regime com violência e leis coercitivas como foi com a decretação do AI-5, em 13 de dezembro de 1968, um símbolo da repressão e da violação de direitos civis a partir do qual os militares se firmaram por tempo indeterminado, como demonstrado nos artigos abaixo:

- Art. 5- A suspensão de direitos políticos, com base neste Ato, importa simultaneamente em:
- I. cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função;
 - II. suspensão de direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais
 - III. proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de segurança:
 - a) liberdade vigiada;
 - b) proibição de frequentar determinados lugares;
 - c) domicílio determinado.

¹⁷ GREEN, James N. Apesar de Vocês. *Oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 25

¹⁸ Idem, p. 26 e 55.

¹⁹ QUADRAT, idem, op.cit. 130 e 133

Art.10o Fica suspensa a garantia de *habeas corpus*, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular²⁰

Em 1969 ganham força grupos armados de esquerda com ações de guerrilha contra o governo golpista. A guerrilha urbana teve como viés a ação direta e como tática as expropriações - interceptavam carros fortes, assaltavam bancos e atacavam quartéis - com a finalidade de arrecadar fundos para a compra de armamentos e munição e para a manutenção na clandestinidade de militantes procurados pelos órgãos de repressão. Dentro dessa orientação encontrava-se a Ação Libertadora Nacional (ALN) liderada por Carlos Marighela, uma organização dissidente do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e motivada pelo desacordo quanto à forma de derrubar o governo. Para essa dissidência, a luta armada era a saída para o Brasil expulsar o imperialismo norte-americano e aniquilar a Ditadura Militar²¹.

A ALN foi a maior organização da luta armada que chegou a contar com 300 militantes²². Nela havia católicos e batistas, entre outros protestantes, além de defensores do comunismo e da ditadura do proletariado, mas a proposta principal era a defesa de uma democracia popular na qual o povo decidiria através do voto o seu destino²³.

Não foi só a ALN que atuou na guerrilha, sendo a Ação Popular atraída para a luta armada. Entretanto após um atentado no aeroporto dos Guararapes contra o general Costa e Silva e que terminou com a morte e mutilação de pessoas inocentes, a organização rejeitou a luta armada²⁴. Esta organização que surgiu entre os estudantes da Igreja Católica em uma trajetória no sentido de luta pelo socialismo com o movimento de massas. A Ação Popular se pronuncia com ideologias próprias, com um “socialismo humanista”, pois havia na época preocupações humanistas presentes na pauta nos meios marxistas no Brasil e também na Europa. Com um princípio não-confessional, teve uma participação de protestantes como o teólogo Richard Shaull e Paulo Wright, este um dos líderes da organização²⁵.

²⁰ O AI 5 deixou de existir em 1o de janeiro de 1979, quando o Brasil caminhava para uma outra conjuntura política. ROLLEMBERG, Denise “A ditadura civil militar em tempos de radicalização” In: I MARTINHO, 2006, op. cit. p., 144.

²¹ SALLES, Rodrigues Jean. *A luta armada contra a ditadura militar. A esquerda brasileira e a influência da revolução cubana*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

²² GASPARIO, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo, Companhia das letras 2002.

²³ Carlos Eugênio Paz, o Clemente, ex-militante da ALN, por e-mail, em 27 de Agosto de 2010.

²⁴ Idem p. 112 e 113.

²⁵ Idem, p 37

A AP arrebanhou protestantes esquerdistas como Anivaldo Padilha, membro da Igreja Metodista de São Paulo, na época diretor do Departamento de Juventude Metodista do Brasil. Padilha não deixou de militar na esquerda, para ele seu trabalho ajudava aos jovens da Igreja a entender a situação política do país levando-os a se posicionarem contra a ditadura, por liberdades democráticas e direitos humanos²⁶.

De acordo com João Dias Araújo, os fundamentalistas se dispuseram aos militares para servirem como espiões e assim denunciar os inimigos da nação²⁷ e dentre esses estavam indivíduos como Padilha e Eleny Teles Guariba, também metodista e uma das articuladoras da revista Metodista *Cruz de Malta*²⁸.

De acordo com Helmut Henders, Heleny Telles Guariba era uma das jovens protestantes “representante de um protestantismo engajado e compromissado com o desenvolvimento do Brasil, sensível às expressões culturais específicas do povo e sua situação de vida real”²⁹.

Heleny Guariba foi militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR)³⁰ e em 1970 foi presa em São Paulo, saindo no ano seguinte, quando voltou à militância até ser presa em 12 de julho de 1971. Foi torturada e nunca mais foi vista³¹.

O envolvimento de protestantes nesses grupos de resistência foi motivado pelo pastor e teólogo (presbiteriano) estadunidense Richard Shaull, responsável pela introdução da ideia de que os cristãos não estão limitados a “proclamar as boas novas” devendo também atuar politicamente³².

Ao nos afastarmos do ano da CNE, vemos que alguns atores envolvidos no processo de desenvolvimento da Conferência e impactados pelo desdobramento teológico, com maior ou menor envolvimento, estiverem na luta contra a Ditadura Militar no Brasil. Além disso, alguns desses atores ao retomar a CNE, avançam no tempo histórico, como, por exemplo, Paulo Ayres.

²⁶ GREEN. 2009, op. cit., p. 308-309.

²⁷ ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição Sem Fogueiras. Vinte anos de História da Igreja Presbiteriana do Brasil: (1954 – 1974)*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1982.

²⁸ A revista Cruz de Malta, era uma publicação feita pela juventude que, em 1962, tinha uma tiragem de 20 mil exemplares por edição, aproximadamente. Cf. RENDERS, Helmut. “Os temas cultura e cidadania na Conferência do Nordeste de 1962” In: *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs.). São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012. p.73

²⁹ Idem, p. 82

³⁰ APERJ, Fundo Polícia Política do Rio de Janeiro. Setor Secreto, 66, Caixa 409.

³¹ <http://www.desaparecidospoliticos.org.br/pessoa>. Acesso em 26/11/09.

³² SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo. Editora Reflexão

Estudante de teologia em 1962, Paulo Ayres era membro de uma organização que de certa maneira tinha um envolvimento com o movimento estudantil. A formação do metodista Ayres se mistura a uma militância política e evangélica³³.

Paulo Ayres afirma que “os acontecimentos da 1ª Guerra Mundial, e depois da 2ª Guerra Mundial, tinham levado muitos cristãos de diferentes partes do mundo a se preocuparem a respeito do testemunho evangélico diante das situações sociais, políticas e econômicas”³⁴. Neste aspecto, o autor destaca a teologia da época e também a chegada de Rishard Shaull ao Brasil, qualificando-o como parte fundamental na gênese da CNE³⁵.

Ayres destaca que um dos primeiros envolvidos com o Departamento de Responsabilidade Social da Confederação evangélica do Brasil foi o general e leigo metodista Celso Dalto Santos, da Igreja Metodista de Vila Isabel, no Rio de Janeiro. Foi esse mesmo general que contribuiu na promoção das Conferências sobre a responsabilidade social das igrejas evangélicas. De acordo com Ayres, mesmo sendo um conservador político e teológico, o general foi um dos primeiros secretários do Departamento de Responsabilidade Social da Igreja³⁶.

Ayres foi líder dessa juventude, que tinha grande motivação em preocupar-se com as questões sociais e destaca que o Rev. Almir dos Santos era um grande ícone da sua época e que influenciou os jovens teólogos e a própria juventude metodista. Dentre esses jovens, Ayres destaca Caio Toledo Navarro (Professor da UNESP), Claudius Cecon (cartunista) e Derly Barroso (artista plástico). Nosso contemporâneo da CNE destaca esses jovens com seus testemunhos de fé e o que os movia “para fora das quatro paredes da Igreja” era o *Espírito Divino*³⁷.

As pontuações que Paulo Ayres faz sobre a juventude são interessantes, pois confirmam o empenho deste setor do protestantismo em dialogar com a sociedade, formando jovens protestantes como uma geração de vanguarda. E o que respalda de certa maneira essa geração é a canção que Ayres cita, chamada Novo Mundo:

³³MATTOS, Paulo Ayres. *Tudo suporto por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação*. In: *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs). São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012.

³⁴Idem, p. 22

³⁵Idem, loc. cit

³⁶Idem, p. 23

³⁷MATTOS, Paulo Ayres. Op. cit. 26

Novo Mundo

Jovens fortes, chama-nos Jesus,
Para um mundo novo construir,
Trevas, que hoje tentam destruir,
Hão de ser clara luz, alvo resplendor!
Levantemos sobre a Terra nossos braços libertados
Ao serviço convocados, por Jesus;
Pelos que são oprimidos, pelos que são perseguidos!
Eia! Que nós venceremos, no poder da cruz!
Ao combate, enquanto não soou
O momento em que há de raiar
Novo mundo, com Jesus, Senhor
Onde a paz e o amor sempre hão de reinar!³⁸

A letra dessa canção nos mostra a cosmovisão de um setor da juventude metodista, com esperança de redenção do mundo com o reino da paz e do amor, mas para que isso ocorra era necessário lutar pelos oprimidos e pelos perseguidos, conforme dizem os versos acima. Tal esperança aqueceu o coração de muitos jovens protestantes. Segundo Ayres, jovens, homens e mulheres perceberam o agir de Deus no país nos idos dos anos de 1950 e 1960, mas tal envolvimento foi mudado com o Golpe de 1964 e os envolvidos na CNE ou aqueles que foram influenciados, de certa maneira, por seus debates, pagaram alto preço: Nos dias que se seguiram ao Golpe Militar de 1º de abril de 1964, Waldo César, Jether Ramalho, Carlos Cunha, Dorival Beulke, e outros tantos foram levados ao cárcere³⁹.

Vemos a partir das palavras de Ayres a importância da CNE e sua lembrança. Vemos também que mesmo passados dois anos depois da Conferência as pessoas que nela estiveram envolvidas foram presas⁴⁰.

É por conta desse tipo de lembrança da Conferência e o afastamento do ano de 1962 é que pontuamos atores como Anivaldo Padilha, Heleny Telles Guariba, Ivan Mota Dias e Zwinglio Mota Dias e os instrumentalizamos, alguns deles, de dupla forma. Ora como fonte, ora como historiografia, como é o caso de Eduardo Galasso, Leonildo Silveira Campo e os já citados Zwinglio e Anivaldo Padilha.

³⁸Idem, p. 24. Não há referência do autor dessa canção no artigo de Ayres mas em uma busca na internet vimos esses versos vinculado a um site da Igreja Presbiteriana de Minas Gerais. <http://jovensfortesdolestedeminas.blogspot.com.br/> Acesso em 12/02/16

³⁹MATTOS, Paulo Ayres. op. cit, p. 27

⁴⁰Idem, loc. cit.

Passados cinquenta anos do Golpe de 1964, muito se tem discutido e pesquisado sobre a memória política de atores sociais (religiosos ou não) que militaram contra a Ditadura. No entanto, a nossa pesquisa tem por marco temporal o contexto pré-golpe, enfatizando especialmente a realização da CN, no ano de 1962 que aciona uma rede de eventos e discussões.

Além disso, a disputa pela memória político-religiosa ganha ‘corpo’ através da Comissão Nacional da Verdade (CNV) sancionada pela Presidenta da República Dilma em 2011. A CNV pretende apurar crimes cometidos pelo Estado entre os anos de 1937 e 1985, “a fim de efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a reconciliação nacional”⁴¹. Muitos dos protestantes envolvidos nessa luta fazem parte do grupo de trabalho sobre o papel das igrejas durante o regime militar na CNV⁴².

Ainda sobre a CNV⁴³, nos dias 11 e 12 de dezembro de 2014 foi realizado no Hotel Golden Park, na Glória, RJ, o Seminário Protestantes, ditadura e democracia⁴⁴. Neste seminário foi lançado o documentário *Muros e Pontes: Memória Protestante*. Nele são dados depoimentos de quem viveu aquela época (pré-Golpe e Golpe) nas Igrejas Protestantes⁴⁵. Também foi lançado o livro “Memórias ecumênicas protestantes. Os Protestantes e a Ditadura: Colaboração e Resistência”, organizado pelo Pastor Emérito Presbiteriano e ex-presos político Zwinglio Mota Dias⁴⁶. Livro importante para a pesquisa sobre um setor do protestantismo que é desconhecido pela população brasileira (em sua maioria) evangélica ou não. Além disso, contribui com a historiografia que trata do período sobre a Ditadura Civil-Militar.

Porque a Conferência do Nordeste

⁴¹Lei 12528/2011. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112528.htm. Acesso em 22/09/2014 às 21:08

⁴² <http://www.cnv.gov.br/index.php/2012-05-22-18-30-05/veja-todos-os-grupos-de-trabalho/28-papel-das-igrejas-durante-a-ditadura>. Acesso em 23/09/2014 às 16:16

⁴³ Relatório foi entregue a presidente Dilma Roussef no dia 10 de dezembro de 2014. <http://www.cnv.gov.br/index.php/outros-destaques/576-verdade-e-reconciliacao-dentro-e-fora>. Acesso em 14/01/2015 às 14:46.

⁴⁴ Realizado por Koinonia. Presença Ecumênia e Serviço e Memorial da Anistia. Com apoio do Projeto Marcas da Memória, da Comissão de Anistia e do Ministério da Justiça.

⁴⁵<https://www.youtube.com/watch?v=IGISCTezezE#t=85>, Cf <http://koinonia.org.br/protestantes/> Ambos acessados em 14/01/15 às 14:20 e 14:28, respectivamente.

⁴⁶Disponível inhttp://koinonia.org.br/protestantes/baixe_o_livro. Acesso em 14/01/15

A Conferência do Nordeste nos chama a atenção por ser pouco referenciada em trabalhos acadêmicos. No entanto, podemos destacar alguns pesquisadores e suas respectivas teses de doutorado e dissertação de mestrado, as quais retomam a relação de religião e política. Nosso foco ao elencarmos essas pesquisas não é de análise das mesmas, mas de apontar outros caminhos de pesquisas que retomam o protestantismo nos anos de 1950 e 1960 e que abordam temáticas sobre a provável importância que Richard Shaull possui para o protestantismo no Brasil nas referidas décadas; sobre ecumenismo; o conservadorismo entre os metodistas - partícipes da CNE - bem como as disputas políticas postas em debate a Conferência.

Arnaldo Érico Huff Júnior, com sua tese de doutorado defendida em 2012, no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o título *Um protestantismo protestante: Richard Shaull, missão e revolução*, que é de grande importância para elucidar qual o papel de Richard Shaull no universo protestante brasileiro no período em que esteve no Brasil. Além disso, traz também a sua formação acadêmica, a chegada do mesmo na Colômbia e sua experiência no campo missionário em solo latino-americano. Em relação à Conferência do Nordeste, Huff cita a CNE dentro de um contexto maior, que é mostrá-la como um evento ecumênico e que faz parte de uma nova perspectiva da fé cristã, além de falar sobre a sociedade responsável e a importância de Shaull no contexto.

Huff Júnior, aponta que durante os anos que Shaull passou na América Latina (Brasil e Colômbia), o teólogo moveu-se para uma teologia mais “secularizada e aberta a novidade”⁴⁷. Neste aspecto, se aproxima da nossa pesquisa, pois a renovação teológica protestante que foi lida através do Shaull provocou reverberações entre aqueles que estavam abertos a receber novas possibilidades de enxergar a igreja e a sua relação com o mundo.

Nossa pesquisa dialoga com dissertação de Arnaldo Huff Jr, sobre a importância do teólogo Shaull em todo o contexto preparatório da Conferência. Entretanto, nós analisamos de forma mais sistemática o processo e a realização da mesma, ao qualificar os diferentes atores nela envolvidos, bem como os presentes às reuniões que antecederam o evento de 1962.

⁴⁷JÚNIOR, Arnaldo Huff. *Um protestantismo protestante: Richard Shaull, missão e revolução*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, defendida em 2012.

Outra tese pertinente para a nossa pesquisa é do pesquisador André Souza Brito, submetida ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense e intitulada por *Cristianismo Ateu: O Movimento Ecumênico nas malhas da repressão militar do Brasil, 1964-1985*. Essa tese é de grande importância, pois situa dentro de um cenário político-social o movimento ecumênico dos protestantes, além de mostrar como a Ditadura Militar viu essas ações do segmento religioso.

Mesmo sendo o nosso objeto situado em um contexto pré-Golpe, esse trabalho contribui para entender o ambiente em que se gestou a Conferência do Nordeste, pois em nossa pesquisa, ao nos depararmos como atores envolvidos na Conferência, ao rememorá-la, estes deslizam para os anos que a sucederam. Todavia, uma diferença significativa na pesquisa de Brito é que este analisa o movimento de uma forma abrangente, e não atores de forma nominal.

A pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco, Zilma Adélia Lopes, com sua monografia *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro: Forças Religiosas e Atitudes Políticas na “Conferência do Nordeste” (1962)* é a que mais se aproxima de nossa pesquisa. Zilma Lopes se dedica a analisar as forças do protestantismo no esforço para realizar a CNE e a se tornar um marco no protestantismo brasileiro.

A pesquisadora no decorrer de seu trabalho buscou analisar como os debates em torno da temática da revolução ganhou destaque no Brasil. Além disso, ela irá buscar entender também a atuação dos Estados Unidos para conter o avanço do comunismo.

Quanto à metodologia, a pesquisa de Zilma Adélia Lopes e a nossa se entrelaçam, pois ela também faz o uso do *Diário* da CNE e das qualificações recebidas por parte do Rev. Israel Gueiros. Entretanto, a nossa pesquisa se distancia, pois buscamos analisar a Conferência como um desdobramento teológico e se os protestantes do tempo presente ainda respiram os mesmos ares que envolveram o debate promovido pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja.

Outro ponto de distanciamento é que apontamos, por meio de jornais da época, que alguns anos depois da CNE, críticas a nova teologia ainda se fazem presente de forma explícita, através do Rev. Israel Gueiros.

Outra pesquisa de grande relevância ao que se refere ao protestantismo no Brasil é a obra lançada em 2014, pelo teólogo da Universidade Metodista de São Paulo, Daniel

Augusto Schmidt, “Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil”⁴⁸. Em sua pesquisa, o autor se dedica, no terceiro capítulo, à reação ao conservadorismo metodista entre os anos de 1965 e 1970. Para Schmidt, a reação conservadora à nova teologia começa a partir de 1965, entretanto, veremos que em 1962, por meio de jornais, que as críticas começaram no mesmo ano da CNE, isso por parte da Igreja Presbiteriana Fundamentalista em Recife.

Essas pesquisas acima mencionadas colaboram com o nosso objeto de pesquisa, pois situam a mudança de paradigma teológico e a leitura que o lado conservador das igrejas fizeram sobre os cristãos ecumênicos, que fizeram parte de todo o processo de elaboração da CNE

Aventamos em nossa pesquisa obreve mapeamento de forma sistemática e o envolvimento de leigos e lideranças eclesiásticas - metodistas e presbiterianas - na nova teologia bem como sua presença nos debates sócio-político no Brasil nos idos anos de 1960. Além disso, instrumentalizamos artigos de pastores das referidas denominações e que também são professores de Teologia das faculdades metodistas e presbiterianas, cuja produção acadêmica reflete sobre aquela época. Deste modo, esses Pastores/pesquisadores aparecem em nossa pesquisa como autores “de dentro” do universo protestante. Pessoas que viveram aquela época e que passados cinquenta anos ainda retomam a Conferência, as questões teológicas, as questões sócio-políticas e a Ditadura Militar.

Na presente pesquisa há clara articulação com o estudo do Tempo Presente por este ser “portador da singularidade de conviver com testemunhos vivos que sob certo aspecto condicionam o trabalho do historiador”⁴⁹. Por estar próximo do seu objeto de estudo, o historiador deve estar atento ao tema pesquisado, pois ambos são contemporâneos e assim compartilham de ideias e ideais. Segundo René Remond, o historiador é um indivíduo pertencente a um tempo e receptor de influência postulada de sua época:

A História, cujo objeto precípua é observar as mudanças que afetam a sociedade, e que tem por missão propor explicações para elas, não escapa ela própria à mudança. Existe, portanto uma história da história que carrega o rastro das transformações da sociedade e reflete as grandes oscilações do movimento das ideias.⁵⁰

⁴⁸SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo. Editora Reflexão. 2014.

⁴⁹FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, Tempo Presente e História Oral*. Disponível: <<http://www.brasilrepublicano.com.br/index.php>>. Acesso em 09/10/10.

⁵⁰ REMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 13.

A Conferência do Nordeste foi um evento político-religioso que aconteceu em um contexto pré-Golpe, no qual protestantes com uma visão teológica voltada para ações mais concretas se dispuseram a debater com outros setores da sociedade a realidade brasileira daquela época.

O artigo de Aline Coutrot, “Religião e Política”⁵¹ é importante para a nossa pesquisa ao elucidar como se dão as mediações entre religião e a política. A autora refuta os argumentos de que a religião e política não se relacionam. Para isso, elenca uma série de pesquisas feitas na França que mapeiam a experiência religiosa cristã (católica e protestante) na vida política⁵².

Os estudos apontados por Coutrot verificam que não é mais o clero o objeto de estudo, mas o cristão comum. A autora retoma questionamentos do senso comum acerca da relação da religião (cristianismo) com a política: “O que há de comum entre a religião, que propõe a salvação no além, e a política, que rege a sorte dos homens aqui na terra?”⁵³ Segundo ela, os liberais defendem que a religião diz respeito a esfera do privado mas a fundamentação é que “a crença se manifesta em Igrejas que são corpos sociais dotados de uma organização que possui mais de um traço em comum com a sociedade política”⁵⁴.

Para a autora, o religioso é estruturado pelo político que lhe apresenta questões inevitáveis, que impõe e instiga os cristãos e as Igrejas a “admitir atos que os comprometem perante si mesmo e perante a sociedade”⁵⁵. A religião e a política continuam a se relacionar e ampliam seu raio de ação como aconteceu com os protestantes no Grupo de Trabalho da Comissão Nacional da Verdade. O texto de Aline Coutrot, nos ajudará a entender como a religião e a política estão juntas e que de acordo com um de nossos testemunhos do processo de construção da CNE, Anivaldo Padilha, “É difícil você falar em um evento religioso que não seja também político”⁵⁶.

A frase acima, foi dita sob a rememoração de um passado, em especial do ano de 1962. De acordo com Michael Pollak, em seu artigo *Memória e Identidade Social*⁵⁷, a

⁵¹COUTROT, Aline. “Religião e Política”. In: REMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro. FGV. 2003. 2ª ed.

⁵²Idem, p. 332 e 333

⁵³Idem, p. 355

⁵⁴Idem, p. 334

⁵⁵Idem, p. 335

⁵⁶PADILHA, Anivaldo. Entrevista, realizada no Rio de Janeiro em 12 de dezembro de 2014

⁵⁷*Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, v. 5, n. 10, 1992. p. 204.

memória é formada por pessoas, personagens e lugares - lugares de memória- que podem locais ligados a lembranças pessoais ou de um grupo. Em nossa pesquisa, a Conferência do Nordeste pode ser vista, de certa maneira, como um *lugar comum*, presente na memória de setores protestantes que compartilham da memória do que foi debatido, da produção teológica e seus desdobramentos.

A presente pesquisa está dividida em dois capítulos. No capítulo 1, a intenção é elucidar o que foi a movimentada teologia no começo do século XX, em que momento ela surge e quem são os teólogos que lançaram as bases para que a CNE tivesse acontecido e ganhasse notoriedade na imprensa da época, além da reação conservadora a todo esse processo. Assim, primeiro capítulo é o veio que dará sentido para melhor entender a concretude teológica protestante na Conferência.

No capítulo 2, pretendemos apresentar ao leitor o que foi a Conferência do Nordeste (CNE) realizada em Recife no ano de 1962, como resultado concreto de uma reflexão teológica protestante do Pós Segunda Guerra Mundial e que encontrou lugar e movimento com variados personagens de setores do protestantismo. Esse resultado prático da teologia protestante encontrou críticas por parte do setor conservador, setor que não estava aberto para uma nova leitura teológica protestante.

A metodologia por nós utilizada foi a análise do *Diário* da Conferência do Nordeste para entender o que foi o evento, a partir do olhar do narrador-personagem, Waldo César. Além disso, utilizamos jornais da época, para cruzar informações sobre a Conferência. Os jornais utilizados foram *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Diário de Pernambuco*, e a imprensa confessional, o jornal presbiteriano *Expositor Cristão* e revista metodista *Cruz de Malta*.

Na Biblioteca Nacional pudemos acessar os periódicos confessionais citados anteriormente. Na *Cruz de Malta*, encontramos artigos escritos pelo Waldo César sobre um evento realizado pelo CMI em Evanston, que foi de grande importância para a época. No *Jornal do Brasil*, encontramos uma entrevista também do Waldo César explicando o porquê da escolha de Recife como local da Conferência e cruzamos com a informação do *Diário* sobre o panorama social de Recife. Nas publicações confessionais encontramos as notícias sobre como o evento foi noticiado.

O jornal *Diário de Pernambuco* foi acessado através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. No periódico pudemos ver como foi o debate em torno da Conferência em que de um lado, defendendo o evento, estava o Reverendo Almir dos

Santos, presidente da Conferência e do outro lado, acusando o evento de ser uma infiltração comunista, o Reverendo fundamentalista, Israel Gueiros. No mesmo jornal, depois da Conferência, o Rev. fundamentalista continuava a levantar a sua bandeira contra as inovações teológicas postas em ação nos debates durante os dias da Conferência bem como críticas ao CMI.

Além disso, a nossa pesquisa contou com a utilização de fontes orais que são os protestantes contemporâneos da Conferência e de toda a efervescência teológica protestante e social dos anos de 1960. Alguns desses depoimentos foram feitos por e-mail. Dentre eles está Eduardo Galasso, Leonildo Silveira Campos e Zwinglio Mota Dias. Pessoalmente colhemos o depoimento de Anivaldo Padilha. Não podemos esquecer que o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) conta com um importante acervo sobre protestantes, que militaram em grupos contra a Ditadura e que foram fichados pela polícia como o Anivaldo Padilha, o desaparecido Ivan Mota Dias e Heleny Teles Guariba.

Todos esses protestantes listados nominalmente, foram envolvidos com uma nova perspectiva teológica protestante nos anos de 1960 e que encontrou lugar na Conferência do Nordeste como um dos desdobramentos dessa nova perspectiva teológica.

CAPÍTULO 1 - Teologia em movimento

1.1 Articulações

No presente capítulo, pretendemos aqui esboçar uma breve história da Confederação Evangélica do Brasil (CEB) organizadora da CNE, da influência do Conselho Mundial de Igrejas e de sua fundação. Outra questão relevante é o mapeamento teológico protestante do século XX e a chegada de Rishard Shaul no Brasil. Essas questões corroboraram para a construção das discussões em Recife e para a construção da proposta que visava oferecer uma resposta para a “realidade brasileira”.

1.1.1 Confederação Evangélica do Brasil (CEB)

A CEB foi fundada em 1934 com um viés ecumênico, congregando diferentes denominações⁵⁸ em suas fileiras. Sua fundação se articula dentro de alguns encontros em anos anteriores, como a Conferência Internacional de Missão (1910, Edimburgo) com o objetivo de promover uma evangelização de caráter ecumênico; outro encontro foi em 1921 nos EUA, o Conselho Missionário Internacional; *O movimento Fé e Ação* (Estocolmo, Suécia em 1925) e o *Movimento Fé e Ordem* (Lauseane, Suíça, 1927)⁵⁹.

⁵⁸Entendemos por denominação protestante o que a pesquisadora Magali do Nascimento Cunha descreve em sua dissertação de mestrado defendida em 1997. “A denominação é uma igreja independente composta por pessoas que a ela aderiam voluntariamente, de acordo com suas preferências e convicções pessoais”. CUNHA, Magali do Nascimento. *Crise, esquecimento e memória: O Centro Ecumênico de Informação e a Construção da Identidade do Protestantismo Brasileiro*. Dissertação apresentada ao o Curso de Mestrado em Memória Social e Documento da Universidade do Rio de Janeiro.

⁵⁹BRITO, André Souza. *Fermento da Massa. Ecumenismo em tempos de Ditadura Militar no Brasil, 1962-1982*. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação da UFRuralRJ, defendida em 2010.

Dois congressos de caráter ecumênico foram realizados em solo latino-americano: o Congresso de Montevideú, em 1925 e outro em Havana, 1929⁶⁰, inserindo todo o continente nessa pauta de discussões. Dentro desse cenário latino-americano surge o movimento *Iglesia y Sociedad en America Latina* (ISAL) que representou um esforço de protestantes latino-americanos sobre a responsabilidade dos cristãos frente às questões sociais. E isto irá influenciar o movimento teológico progressista latino-americano⁶¹.

O ano de 1961 foi notório devido a dois encontros em locais distintos. Em Huampaní, no Peru, foi realizada a primeira assembleia latino-americana *Igreja e Sociedade*. Esse encontro foi convocado pelas Confederações Evangélicas da Argentina, Brasil e Uruguai. Essa reunião foi intitulada de *Encuentro y Desafío: La acción criatiana evangélica latinoamericana ante La cambiante situación social, política y econômica*. Na ocasião, alguns conceitos e temáticas foram significativos, dentre eles “rápidas transformações sociais”, “revolução”, “estrutura tradicional”, “urbanização”, “industrialização” e “subdesenvolvimento”⁶² expressando o que pensavam setores do protestantismo. Tratava-se de uma forma de buscar atualizar as igrejas protestantes com a agenda da época. O terceiro encontro aconteceu em Nova Delhi, Índia, e tinha como pauta a “militância cristã na sociedade”⁶³.

Esses congressos ressoaram no Brasil e a Confederação Evangélica do Brasil foi um desdobramento desses encontros, da junção três outros grupos foi fundada a CEB: a “Comissão Brasileira de Cooperação”, “Conselho de Educação Religiosa no Brasil” e a “Federação de Igrejas Evangélicas do Brasil”⁶⁴.

O universo para-eclesiástico, também teve sua parcela de contribuição no processo de interação entre a igreja e a sociedade, segundo o contemporâneo da CNEA Anivaldo Padilha. São eles: o Setor de Responsabilidade Social da Igreja (SRSI), organizador da Conferência, a União Latino-Americana da Juventude (ULAJE) e a União Cristã de Estudantes do Brasil (UCEB). Além dessas, havia também o Movimento Latino-

⁶⁰ Idem, p. 74

⁶¹ BURITY, op. cit., p. 135. Cf BITTENOURT, Filho. “ISAL e seu contexto - um ensaio”. In: ROSA, Wanderley Pereira da, e FILHO, José Adriano (orgs). *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. A conferência do Nordeste 40 Anos depois. (1962-2012)*. Rio de Janeiro, Mauad, 2012

⁶² Burity, p. 137.

⁶³ Idem, p. 138

⁶⁴ REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aest, 2003

Americano de Igreja e Sociedade (ISAL) em que apresenta uma importante atuação do pensamento social na América Latina, especialmente no Brasil, afirma Padilha⁶⁵.

De acordo com Anivaldo Padilha, a juventude, os intelectuais e os pastores foram impactados pelas organizações supra citadas, bem como as reuniões do Setor, mencionadas nos capítulos anteriores, influenciando na colaboração com outros setores sociais⁶⁶.

1.1.2 Conselho Mundial de Igrejas (CMI)

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) foi fundado em Amsterdã, Holanda, no ano de 1948 e tinha por objetivo contribuir para a unidade das igrejas cristãs. Sua primeira assembleia teve como tema *A ordem de Deus e a desordem do homem* com o propósito de “fazer um confronto entre a Bíblia e a situação do mundo (humana) recém saído da II Guerra Mundial”⁶⁷.

A Igreja Metodista foi uma das primeiras a integrar o CMI, em 1942; a Igreja Luterana em 1950, em 1960, a pentecostal “O Brasil para Cristo” em 1965 a Igreja Episcopal Brasileira, e em 1970 a Igreja Reformada Latino Americana⁶⁸.

Em 1954, ocorreu a segunda reunião em Evanston, Estados Unidos, com o tema *Cristo, a esperança do mundo* e nessa assembleia surgiu o departamento Igreja e Sociedade que, segundo Schmidh, tinha o objetivo de analisar a responsabilidade cristã e as relações entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos⁶⁹. Neste evento foi cunhado o que o CMI entendia por “Sociedade Responsável”:

Sociedade Responsável não é um sistema político-social, entre outros, e sim um critério, por meio do qual julgamos todas as ordens sociais existentes e, ao mesmo tempo, uma norma para guiar-nos nas decisões específicas que teremos de tomar: Os cristãos estão sendo chamados a viver responsavelmente, a viver respondendo ao ato redentor de Deus em Cristo, qualquer que seja a sociedade em que vivam, mesmo dentro das estruturas sociais mais desfavoráveis⁷⁰.

⁶⁵PADILHA, Anivaldo. *Quando a Ditadura bate à porta*. ROSA, Pereira Wanderley & FILHO, José Adriano (orgs). *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. A Conferência do Nordeste 50 anos depois*. Rio de Janeiro/Lapa: MAUAD, 2012,

⁶⁶Idem, p. 80

⁶⁷ SCHMIDT, Daniel Augusto. Op. cit , p. 50

⁶⁸ REILY, Duncan Alexander. Op. cit, p. 264

⁶⁹Ibidem p. 50

⁷⁰ Declaração da Segunda Assembleia Geral do Conselho Mundial de Igrejas Evanston (EUA), 1954. Apud, Burity, Op. Cit., p. 121.

De acordo com o trecho acima, os cristãos deveriam viver responsabilmente em qualquer estrutura social.

Waldo César participou do encontro em Evanston e publicou sobre ele na revista *Cruz de Malta* na época em que era líder de mocidade. Nas palavras iniciais sobre o congresso, afirma que o jornal presbiteriano *Mocidade* também estaria publicando *Crônicas de Evanston*⁷¹. Waldo afirma que nenhum líder de mocidade deveria ficar sem ler todo o material produzido após o encontro. Esse congresso teve abertura no estádio Soldier Field, em Chicago, e contou, segundo ele, com 125 mil pessoas e 1500 delegados, 161 igrejas com 48 países distribuídos por cada continente.⁷²

A publicação na *Cruz de Malta* pontua temas tratados, como “unidade da igreja (Fé e Ordem), questões sociais, evangelismos, negócios internacionais, relações inter-grupos (*sic*) (o problema racial), o leigo e a igreja”⁷³. Waldo salienta ainda que esses temas resultam de anos de pesquisa e reuniões⁷⁴. Em 1950, o Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas reuniu-se para criar uma Comissão de teólogos e leigos para preparar os documentos a serem enviados às Igrejas-membros do CMI. Essa Comissão contou com a colaboração de teólogos como Karl Barth, Emil Brunner, J. L. Hromadk, John Mackay, Reinhold Niebuhr, D. T. Niles e H. P. Van Dursen⁷⁵.

Ainda segundo a publicação, Waldo César esclarece o porquê do tema do Congresso em Evanston (*Cristo, a esperança do mundo*), pois segundo ele o “homem comum” tem seus desejos projetados para o futuro incerto e a esperança do cristão é descansar em Deus e suas promessas⁷⁶, e o contraponto seriam

“(…) humanismo democrático, o humanismo científico, o marxismo e o existencialismo (a esperança dos sem esperança), contraditórios quanto à esperança cristã. E concluía destacando que se a Igreja quer ser entendida ao anunciar a verdadeira esperança, ela deve conhecer e entender as esperanças de nosso tempo”⁷⁷.

⁷¹ CÉSAR, Waldo. “Evanston, 1954 A.D.” *Cruz de Malta*. Fevereiro – Março de 1955. Acervo da Biblioteca Nacional do Brasil

⁷² Idem, p. 42

⁷³ Idem, p. 44

⁷⁴ Idem, p. 45

⁷⁵ Idem, loc. cit

⁷⁶ Idem, loc. cit

⁷⁷ Idem, loc. cit

Tal justificativa de se aproximar para entender e conhecer é interessante porque esclarece, de certa maneira, a classificação que esses evangélicos receberam ao se aproximar de outros setores da sociedade, como foi na CNE.

Em Nova Délhi, 1961, o tema *JesusCristo, a luz do mundo*, tratou de questões como a condenação do antissemitismo, a mensagem cristã e o uso de armamentos nucleares, além do “uso dos meios de comunicação para a difusão da mensagem cristã e o estabelecimento de programas de evangelização”⁷⁸

Todo esse dinamismo do CMI foi de certa maneira rebatido por setores do conservadorismo. No jornal *Diário de Pernambuco* do dia 09 de novembro de 1961, foi noticiado que o Reverendo Israel Gueiros da Igreja Presbiteriana Independente, presidente da Aliança Latino-Americana de Igrejas Cristãs, viajou para a Índia com o objetivo de encontrar-se com o presidente do International Concil of Christian Churches, o Reverendo, Carl McIntyri⁷⁹. O propósito era debater a “infiltração comunista nas igrejas cristãs”⁸⁰ bem como o “Modernismo Teológico que vem invadindo a seara cristã”⁸¹. No mesmo jornal, Gueiros salienta que a liderança do International Concil, fará um trabalho evangelístico com o intuito de contra-atacar o CMI⁸². Essa resposta do Rev. Gueiros nos faz pensar em uma polarização entre duas teologias protestantes. De um lado, os encontros do Conselho Mundial de Igrejas e suas reuniões sobre questões da agenda política-social, do outro lado, estavam os conservadores que interpretava essa pauta do Conselho muito *à esquerda*.

De acordo com o historiador Marcio Vilela⁸³, os termos esquerda/direita ou conservador/progressista “foram operacionalizados por setores da Igreja para qualificar posições e desqualificar outras”⁸⁴, conforme veremos mais adiante.

1.2 Teologia em movimento

É fundamental abordarmos a produção teológica europeia do século XX para elucidarmos as articulações entre os encontros citados e os debates presentes na

⁷⁸ SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo. Editora Reflexão. 2014, p. 50

⁷⁹ “Ministro Presbiteriano reúne-se a líderes mundiais na Índia”. *Diário de Pernambuco*, 09/11/1961, p. 6 Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - Brasil

⁸⁰ Idem, p. 6

⁸¹ Idem, loc. cit

⁸² Idem, p. 6

⁸³ VILELA, Márcio Ananias. *Discursos e práticas da igreja presbiteriana do brasil durante as décadas de 1960 e 1970: diálogos entre religião e política*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, 2014

⁸⁴ Idem, p. 84

Conferência. Essa produção teológica é representada por Karl Barth, Paul Tillich, Emil Brunner e Dietrich Bonhoeffer⁸⁵. Tais teólogos, de certa maneira, encontraram ressonância no Brasil entre os anos de 1950 e 1960⁸⁶ exatamente no período em que a CEB organizou seus encontros.

Mapear a teologia europeia é importante porque nos ajuda a compreender a CNE e sua preocupação com a questão social posta em debate pelos religiosos, bem como a abertura para o diálogo com cientistas sociais.

Essa teologia que chegou ao Brasil foi fruto também da participação das igrejas nos encontros ecumênicos internacionais conforme salienta Magali Nascimento Cunha em sua dissertação de mestrado “*Crise, esquecimento e memória: O Centro Ecumênico de Informação e a Construção da Identidade do Protestantismo Brasileiro*”⁸⁷.

Zwinglio Mota Dias⁸⁸ afirma que a abertura para o entendimento da realidade nacional aconteceu em um contexto de novas perspectivas teológicas oriundas dos EUA e da Europa. Tais perspectivas ganharam corpo com a juventude protestante “esclarecida” e descontente com as interpretações individualistas nas mensagens pregadas no ambiente evangélico. Espaço permeado por uma proposta “eclesiológica, com seu aparentemente invisível projeto sociopolítico, dado seu rigorismo ético-moralista, pouco a pouco começara a perder sua capacidade de produção de sentido para os setores médios”⁸⁹.

Diante da incapacidade de perceber as mudanças na sociedade com a industrialização e urbanização, as pregações nas igrejas irão implicar em uma cosmovisão limitada da realidade nacional. De acordo com o Pastor Mota Dias, a Conferência foi uma tentativa de romper com essa situação estagnada do protestantismo. Uma tentativa de fazer as igrejas se envolverem mais com o que estava acontecendo no Brasil naquele momento e retomar uma postura “socioantropológica” do testemunho de vida cristã entranhado no fundamentalismo individualista⁹⁰.

⁸⁵ Cf. SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo. Editora Reflexão 2014. O autor faz uma breve biografia de cada um desses situando os mesmos com as suas leituras sobre o comunismo.

⁸⁶ BURITY, Joanildo. *Fé na Revolução. Protestantismo e o discurso revolucionário brasileiro (1961-1964)*. Rio de Janeiro. Novos Diálogos. 2011

⁸⁷ Dissertação apresentada ao o Curso de Mestrado em Memória Social e Documento da Universidade do Rio de Janeiro em 1998.

⁸⁸ DIAS, Zwinglio Mota. *A Conferência do Nordeste de 1962: um intento de encarnação*. In. CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs). *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012, p. 110

⁸⁹ Idem, p. 111

⁹⁰ Idem, p. 112

O fundamentalismo protestante seria aquele em que a religiosidade seria mais emocional e mais devocional⁹¹, diferentemente dos chamados protestantes progressistas que eram mais abertos às novas ideias e práticas religiosas⁹².

De acordo com João Dias Araújo, partícipe da CNE, o fundamentalismo tem por objetivo: “a) o fortalecimento do radicalismo conservador, combatendo as ‘novidades’ daqueles que eles rotulam de ‘modernistas’ e ‘ecumênicos’; b) defender ardorosamente o sistema capitalista e acusar de ‘comunista’ todos aqueles que não se simpatizavam com o ‘fundamentalismo’”⁹³

Mesmo havendo o combate à novidade teológica, conforme nos aponta João Dias Araújo, o novo pensamento teológico foi bem recebido pelos jovens seminaristas, como nos afirma Rubem Alves em seu livro “*Religião e Repressão*”⁹⁴.

A obra acima foi escrita no final dos anos de 1970 e originalmente intitulada *Protestantismo e Repressão*. O autor, presbiteriano, viveu toda a efervescência dos anos de 1950-1960 e a repressão no interior da própria igreja para com aqueles que pensavam diferentemente. Esse tipo de protestantismo repressor foi por ele chamado de “Protestantismo de Reta Doutrina (PRD)”. Segundo Alves, o PRD “é aquele que cuida com zelo especial das palavras certas. Da palavra certa depende a salvação da alma. Quem fala as palavras erradas está condenado ao fogo eterno”⁹⁵.

Rubem Alves salienta que a *Reta Doutrina* não é algo exclusivo do protestantismo, pois para ele “A ‘verdade’ é o instrumento de que se valem os inquisidores, nas suas múltiplas versões, para matar - ou silenciar - aqueles que têm ideias diferentes das suas”⁹⁶.

Sobre palavras certas e erradas a serem ditas, no *Diário da Conferência*, Waldo Cesar diz que não há unanimidade entre as denominações protestantes acerca da ação na sociedade. Pois houve recusa de um grupo, que Cesar não especifica quem é, que se negou a participar de um evento que não estava em consonância com fé a cristã:

⁹¹SILVA, Elizete da. *Protestantismo ecumênico e realidade brasileira: evangélicos progressistas em Feira de Santana*. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2010. p. 35. Apud. VILELA, Márcio Ananias. *Discursos e práticas da igreja presbiteriana do Brasil durante as décadas de 1960 e 1970: diálogos entre religião e política*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, 2014

⁹²Idem, Apud, p 35

⁹³ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição sem fogueiras*. 2 ed. Rio de Janeiro: ISER, 1982, p. 31

⁹⁴ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005

⁹⁵ALVES, Rubem, op. cit, p. 11

⁹⁶Idem, p. 12

Em relação a esta Conferência, por exemplo, um grupo rejeitou o convite em vista de "resolução existente desde o início desta obra em nosso país, por meio de cuja resolução só podemos participar de empreendimentos, reuniões ou movimentos religiosos estritamente concernentes a nossa Fé"⁹⁷

Esse trecho é revelador, pois ao que nos parece, eventos em que se fizeram presentes pessoas de fora do universo religioso protestante e que se utilizaram do dito “marxismo ateu” para fazer leitura social, eram identificados como contrários à fé por ministrarem, de acordo com a leitura cristã, as “palavras erradas”.

Segundo Burity, na passagem para o século XX, houve algumas tentativas do “Cristianismo ao desafio socialista e à realidade de injustiça e exploração da sociedade capitalista”⁹⁸, descritas como *Evangelho Social*(EUA) e *Socialismo Religioso* (Alemanha) e que se configuram em pontos essenciais “para a elaboração de um discurso teológico-político por parte do protestantismo”⁹⁹

Segundo Burity, o pastor batista e também historiador Walter Rauschenbush foi um dos principais expoentes do *Evangelho Social* que defendia a concretude do Reino de Deus com base no progresso dos países desenvolvidos¹⁰⁰. Ainda segundo o autor, de acordo com essa vertente teológica, haveria uma conscientização “dos cristãos burgueses para sua responsabilidade para com os milhões de trabalhadores que, no mundo inteiro, lutavam pela sobrevivência”¹⁰¹ e além disso o *Evangelho Social* rejeitava a aproximação com o liberalismo e com o socialismo, entretanto reconhecia-os como ato profético contra a dominação e exploração das sociedades capitalistas¹⁰².

Diferentemente, o *Socialismo Religioso* enfatizava a “responsabilidade social dos cristãos” e o desafio socialista não era recusado¹⁰³. Essa vertente teológica protestante, contou com a formação de Paul Tillich, Richard Wgener, Johan Christoph Blumhardt e Christoph Blumhardt que não descartavam a análise social do marxismo como uma interlocutora da reflexão teológica¹⁰⁴

⁹⁷ CÉSAR, Waldo. *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste* (diário). Rio de Janeiro: Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, 1962.

⁹⁸ BURITY, Joanildo, op. cit, p. 123

⁹⁹ Idem, loc. cit

¹⁰⁰ Idem, p. 124

¹⁰¹ BURITY, Joanildo, op. cit p. 124

¹⁰² Idem, p. 124

¹⁰³ Idem, p. 125

¹⁰⁴ Idem p.124 et. seq

De acordo com Burity, essa movimentação contribuiu para abertura do caminho de crítica à sociedade capitalista e a redução do hiato entre a fé cristã e o socialismo¹⁰⁵. O autor observa que de acordo com Tillich e Wegener, havia maior afinidade entre o cristianismo e o socialismo pois “a competição individualmente capitalista e o militarismo que dela decorria eram oposição ao cristianismo”¹⁰⁶.

Burity sublinha que após a Segunda Guerra Mundial e com o movimento ecumênico do CMI, alguns teólogos tiveram projeção dentro e fora do protestantismo, dentre eles, além de Tillich, Karl Barth, Emil Bruner e Dietrich Bonhoeffer. Esses teólogos que foram reconhecidos “pelo movimento ecumênico e pelos protestantes brasileiros, forneceram a base de muito do que representou o discurso teológico-político nos anos de 1950-1960 no Brasil”¹⁰⁷.

A obra do cientista político Joanildo Burity, *Fé na Revolução: Protestantismo e o Discurso Revolucionário Brasileiro (1961-1964)* se dedica a analisar a Conferência do Nordeste como um esforço de setores progressistas do protestantismo na discussão de questões que estavam na pauta do dia daquela época. Em sua análise, o autor pontua o discurso presente na CNE, o protestantismo na contemporaneidade e o que ele chama de “Teologia da revolução” para interpretar o significado da Conferência. Sua análise aponta que tipo de teologia circulava nos anos de 1960. O que nos ajudará a entender melhor a teologia presente na Conferência bem como os seus possíveis significados para os seus formuladores e para alguns interlocutores desses mesmos discursos.

De acordo com Burity, na Europa do século XX surgiu uma tentativa de resposta do cristianismo para o socialismo e às injustiças do sistema capitalista. Em nota de rodapé, o autor explica que na França muitos dos militantes do movimento socialista no século XIX eram cristãos (católicos ou protestantes). É uma informação interessante, pois nos faz pensar no esforço de religiosos em participar dos movimentos políticos¹⁰⁸.

Em relação a influência teológica protestante no Brasil, Rubem Alves em seu livro apresenta três correntes: 1) o pensamento de Emil Bruner e Karl Barth gestado em momentos de tensões na Europa como as Primeiras e Segundas Grandes Guerras e a Revolução Russa, suscitando questões sobre a responsabilidade política dos cristãos, como a decorrente da passividade da igreja cristã na Alemanha Nazista; 2) a teologia bíblica em

¹⁰⁵ Idem, p. 125

¹⁰⁶ Idem, p. 125

¹⁰⁷ Idem, p. 128

¹⁰⁸ BURITY, Joanildo. *Fé na Revolução: Protestantismo e o Discurso Revolucionário Brasileiro (1961-1964)*. Rio de Janeiro, Novos Diálogos, 2011

que a fé em Jesus deve ser expressa em termos de responsabilidade social; 3) o movimento ecumênico em que a preocupação inicial era de unir as igrejas protestantes e a participação dos cristãos de forma responsável e consciente nos movimentos políticos e econômicos¹⁰⁹.

Mesmo que Rubem Alves na referida obra não trate da CNE em si¹¹⁰, faz menção à influência exercida pela teologia europeia para a emergência do debate e a responsabilidade dos cristãos diante da sociedade, o que foi colocado em discussão na Conferência.

Magali do Nascimento Cunha afirma que esses teólogos - Karl Barth, Paul Tillich, Emil Brunner - desenvolveram uma teologia contextualizada com as questões do presente¹¹¹. Nos anos de 1950 e 1960 essa postura foi colocada em debate nas reuniões da Confederação Evangélica do Brasil, isto é, a postura de fé e de ação na sociedade daquela época.

No Diário da CNE, de acordo com Waldo Cesar, os protestantes deveriam estar na vanguarda no movimento de renovação e de acordo com Waldo, Cristo era a maior esperança de revolução: “cito apenas a frase quase irônica de Karl Barth, ao falar da esperança que Cristo nos deu, como "a esperança mais revolucionária que se pode conceber, ao lado da qual todas as outras revoluções não são mais do que miseráveis foguetinhos"¹¹². No entanto, esse tipo de teologia aparece em solo latino-americano e em especial no Brasil, através da figura do teólogo Richard Shaull.

Richard Shaull, missionário presbiteriano chegou ao Brasil em 1952. Durante seu processo de aprendizado da Língua Portuguesa, foi convidado para lecionar no Seminário Presbiteriano de Campinas e foi ali que a teologia protestante nacional teve abertura para as tendências teológicas vindas da Europa e dos Estados Unidos¹¹³

Essa abertura do pensamento teológico com a chegada de Shaull, juntamente com a participação de setores do protestantismo nas assembleias do CMI, contribuiu para uma

¹⁰⁹ ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005

¹¹⁰ Rubem Alves circunscreve o protestantismo no Brasil com a influência da teologia europeia e a forma como a Reta Doutrina sufocou essa influência. Cf. ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005

¹¹¹ CUNHA, Magali do Nascimento. *Crise, esquecimento e memória: O Centro Ecumênico de Informação e a Construção da Identidade do Protestantismo Brasileiro*. Dissertação apresentada ao o Curso de Mestrado em Memória Social e Documento da Universidade do Rio de Janeiro.

¹¹² CÉSAR, Waldo. *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste* (diário). Rio de Janeiro: Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, 1962, p. 86

¹¹³ SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo. Editora Reflexão. 2014, p. 54.

nova brisa teológica no protestantismo brasileiro¹¹⁴. A partir da leitura da obra de Shaull, *O Cristianismo e a Revolução Social*¹¹⁵ Schmidh, afirma que o cristão também deveria ser atuante na vida política¹¹⁶. Além disso, “já nos anos de 1970, ele começou a defender uma proximidade de ideias com os comunistas”¹¹⁷

Uma vez esclarecido que uma sociedade mais humana e mais justa exigia mudanças de sistema (...) Descobrimos também que os marxistas eram... os que mais partilhavam dessa visão, tinham as mesmas preocupações com os pobres e a mesma ansiedade de justiça que nós, cristãos, tínhamos¹¹⁸.

Entretanto, Schmidt afirma que o teólogo não se intitulava comunista e não defendia que os cristãos devessem sê-lo. O que fazia o teólogo se aproximar do comunismo era que a “vocação básica como cristão era a de estarmos totalmente engajados na luta para vencer a estrutura de dominação e de exploração existente (...) nos aliaríamos aos marxistas numa luta comum”¹¹⁹

Essa “proximidade” com as ideias marxistas se insere em um contexto da Guerra Fria em que o comunismo era visto como grande mal, resultando na classificação de “comunistas” de qualquer pessoa que dele se aproximasse, e por essa razão setores conservadores do protestantismo no Brasil reagiram a essa *postura esquerdista*¹²⁰.

Burity afirma que a presença Shaull no Brasil destacou-se a “teologia da revolução” em que:

1 - Existe uma revolução em curso no mundo, pela primeira vez de caráter mundial, e que se caracteriza, em primeira instância, por não ser o comunismo, mas estar acima dele. O comunismo é apenas uma das manifestações ou parte da revolução mundial.

2 - Tal revolução é definida, primeiro, como erupção das massas deserdadas do mundo subdesenvolvido enquanto força política autoconsciente de situação e disposta a mudá-la radicalmente. Mas a reivindicação dessas massas não é apenas material. Não se trata de matar

¹¹⁴ Idem, p. 55

¹¹⁵ SHAULL, Richard. *O Cristianismo e a Revolução Social*. São Paulo União Cristã de Estudantes do Brasil, 1953. Apud, SCHMIDT, Daniel Augusto. Op. cit

¹¹⁶ SCHMIDT, p. 55

¹¹⁷ Idem, p. 56

¹¹⁸ SHAULL, Richard. *Entre Jesus e Marx. Cristianismo e a revolução social*. São Paulo: União Cristã dos Estudantes do Brasil. 1953, p. 202. Apud, SCHMIDT, p. 56

¹¹⁹ SHAULL, op. cit., p, 203. Apud, SCHMIDT, p. 56

¹²⁰ SCHMIDT, p. 57

a fome. No centro da luta está a busca da *dignidade e responsabilidade*, e estas passam pela *posse do poder(sic)*¹²¹.

Essa teologia revolucionária foi argumentada por João Dias Araújo, professor do Seminário Presbiteriano do Norte (Recife). Segundo Araújo, discípulo de Shauull, os cristãos fazem parte da rebelião dos dias atuais (leia-se 1962), e precisam estar na vanguarda dos movimentos de transformação do mundo contemporâneo¹²².

O pesquisador Leonildo Campos¹²³, que gentilmente se dispôs a contribuir com nossa dissertação, entrou em contato com seu amigo Eduardo Galasso¹²⁴, que elencou quem foram esses possíveis “discípulos” de Shauull: João Dias de Araújo (pastor, ex-reitor do Seminário Presbiteriano do Norte, Recife, e educador em Feira de Santana, na Bahia); Rubem Alves (educador, escritor, psicanalista em Campinas, teólogo); Waldo Cesar (sociólogo e escritor, Rio de Janeiro); Eduardo Galasso Faria (professor e pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil). Todos eles, segundo Galasso, foram alunos de Richard Shauull no período em que esteve no Brasil.

A relação professor e aluno ultrapassou os limites dos muros do Seminário. Shauull e Waldo Cesar formaram uma parceria como dirigentes da “Comissão Igreja e Sociedade” (vinculada à Confederação Evangélica do Brasil), que em 1955 passou a se chamar Setor de Responsabilidade Social da Igreja (SRSI) do qual Waldo Cesar era o secretário executivo.

Eduardo Galasso¹²⁵ dedica a gênese da Conferência à Richard Shauull e para evidenciar tamanha importância aponta as ações do missionário. Nos anos que Shauull esteve na Colômbia (1942-1950) teve contato com o marxismo e aprofundou-se em estudá-lo no intuito de compreender a atração das massas para com o marxismo na América do Sul¹²⁶.

¹²¹ BURITY, Joanildo. Op. cit, p. 141 et. seq

¹²² CÉSAR, Waldo. Op. cit, 64

¹²³ Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

¹²⁴ Mestre em Ciência da Religião, pastor e professor de História do Pensamento Cristão e Teologia no Seminário Teológico de São Paulo, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Autor do livro *Fé e Compromisso. Richard Shauull e a Teologia no Brasil*. Galasso foi aluno do Shauull no Seminário Teológico de Campinas, citado no corpo do texto.

¹²⁵ FARIA, Eduardo Galasso. “Richard Shauull e a Conferência do Nordeste”. In: *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA,

¹²⁶ Idem, p. 91

Em 1952, quando Shaull chegou ao Brasil, lecionou em Campinas e com a sua experiência na Colômbia levou seus alunos a se aproximarem das pessoas e dos problemas de seus bairros¹²⁷. Discutia com seus alunos o testemunho evangélico na sociedade e o desafio que o marxismo representava à fé cristã; incentivou-os a dialogarem com a União Estadual dos Estudantes (UEE) em SP e com a União Nacional dos Estudantes (UNE), tornando-se uma espécie de guru para os seus alunos¹²⁸.

Outro ponto que nos parece interessante para compreender a importância do missionário-guru e a gênese da Conferência foi a experiência da Vila Anastácio com um grupo de leigos, entre os anos de 1957-1959. Enquanto esteve na Igreja Presbiteriana da Lapa, São Paulo, com a colaboração da CEB preparou o grupo para evangelizar e conhecer o movimento sindical e a vida pessoal dos operários. Essa experiência na Vila Anastácio foi uma amplificação do que fora feito com seus estudantes que no período de férias trabalhavam nas fábricas para conhecerem os trabalhadores com o intuito de evangelizá-los.¹²⁹

A experiência de aproximação e compreensão do marxismo, incentivou aos seus alunos no testemunho evangélico na sociedade, deixa um pouco mais claro como Shaull era capaz de influenciá-los na maneira dialógica da Conferência.

Com o esforço de Shaull, no ano seguinte à CNE, foi elaborado um plano de criação de um Centro de Estudos Brasileiros para dar continuidade aos estudos sobre a realidade brasileira, mas foi abortado pela CEB mesmo com a verba liberada pelo CMI¹³⁰.

A experiência em Recife (Conferência) foi levada à Genebra, sede do CMI, em 1966 e Shaull como preletor falou da perspectiva teológica no terceiro Mundo, tendo como ponto de partida a Conferência do Nordeste¹³¹.

Galasso aponta que o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) acionou o missionário sobre a possibilidade de fazer um evento similar à Evanston na América Latina, levando em consideração as peculiaridades da região a ser escolhida. O pré-requisito para o CMI estava pautado em:

Ser patrocinada por um grupo não oficial, sem a presença de membros do CMI, com grande participação de leigos e líderes de igrejas brasileiras; A

¹²⁷ Idem, Loc. cit.

¹²⁸ Ibidem, p.92

¹²⁹ Ibidem, p. 93.

¹³⁰ Falaremos melhor sobre o Centro de Estudos no Capítulo dois.

¹³¹ Ibidem, p. 96

ênfase deveria recair “sobre a revolução social” com a assistência de pessoas de fora, preparadas para assessorar em questões de responsabilidade social¹³²

1.3 Setor de responsabilidade Social e as consultas (1955 e 1960)

O Setor promoveu quatro consultas que tentavam estabelecer um diálogo entre Igreja e sociedade.

A primeira consulta foi realizada em 1955 com o tema mais genérico, “Responsabilidade Social da Igreja” cujo objetivo era analisar as bases bíblicas e teológicas do que se chamava de “responsabilidade dos cristãos no campo sócio-político”¹³³. Essa consulta foi marcada pela influência das discussões nos encontros do CMI. Nesse encontro, participaram 21 leigos e 19 pastores na cidade de São Paulo¹³⁴.

A segunda foi em 1957 com uma temática mais específica, “A Igreja e as Rápidas Transformações Sociais”¹³⁵. O tema sugere que o objetivo era inserir os cristãos nos processos de mudanças no Brasil e no mundo, demonstrando a preocupação com as mudanças sem uma abordagem teológica, representada pela ausência da Igreja nesses processos.¹³⁶

Em 1960, aconteceu a terceira consulta com a finalidade de estudar “A presença da Igreja na Evolução da Nacionalidade”, na qual foram debatidas novas perspectivas de mudança relativas ao governo de Juscelino Kubitschek (1956-1959)¹³⁷.

A referida consulta contou com a participação de líderes do CMI, financiador do Setor de Responsabilidade Social, e atores situados fora do universo protestante. Eram educadores e sociólogos dentre os quais havia alguns marxistas¹³⁸. Essa interlocução com intelectuais marxistas desencadeou a resposta conservadora de algumas igrejas protestantes e membros da CEB, mas, por outro lado, também alargou a possibilidade de dialogar com

¹³² Ibidem, p. 94

¹³³ CEB. Relatórios 11º biênio – 1955-1956, p. 21. *Apud*, BARRETO, Raimundo C. Jr. *O Movimento Ecumênico e o Surgimento da Responsabilidade Social no Protestantismo Brasileiro*. Disponível em <http://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/1503/1050>. Acesso em 21/01/15.

¹³⁴ REILY, Duncan Alexander. *Op. cit*, p. 297

¹³⁵ Ibid, p. 77. *Apud*, BARRETO, p. 305.

¹³⁶ BARRETO, loc. cit

¹³⁷ Idem, Loc. cit

¹³⁸ BRITO, André Souza. *Fermento da Massa. Ecumenismo em tempos de Ditadura Militar no Brasil, 1962-1982*. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação da UFRuralRJ, defendida em 2010.

outros setores da sociedade à luz do pensamento cristão embebido pelo que poderíamos denominar de certo “frescor teológico”.

A participação desses intelectuais também aconteceu em 1962 na Conferência do Nordeste e recebeu críticas por parte da ala conservadora de outras denominações protestantes conforme observado.

1.4 A resposta conservadora e seu discurso

A abertura do debate com outros setores da sociedade não foi bem vista no universo protestante. E esse diálogo foi criticado por setores do protestantismo de Reta Doutrina que são os conservadores.

Na *Revista Religião e Sociedade*¹³⁹, em edição especial, presta-se uma homenagem a Rishard Shaull. Com o artigo intitulado *Igreja e Sociedade ou Sociedade e Igreja?* Waldo Cesar¹⁴⁰ retoma brevemente o caminho percorrido por ele e seus amigos, em sua maioria discípulos de Shaull, até a realização da CNE, a situação das igrejas evangélicas no Brasil naquela época. No artigo, Cesar afirma ter recebido a visita de um agente do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) na terceira consulta. O agente queria saber o que discutiam e o significado do tema “Presença da Igreja na evolução da nacionalidade”¹⁴¹. Essa revista, escrita em 2003, traz em seu cerne a memória de setores do protestantismo que fizeram parte de um movimento de fé contextualizada com uma determinada época.

Segundo Cesar, o representante do DOPS queria assistir a reunião da tarde e pediu para que não fosse mencionada a sua presença ali. Ao rememorar esse episódio, o autor afirma:

a repressão só viria com toda a sua força em 1964, já estava investigando o que se passava num programa que pretendia estudar a realidade brasileira e dar um novo sentido ao compromisso da igreja para com a sociedade¹⁴².

¹³⁹ WALDO, César. *Igreja e Sociedade ou Sociedade e Igreja? Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro, ISER v. 23, edição especial, 2003. Essa edição é em homenagem ao teólogo Rishard Shaull.

¹⁴⁰ Cabe lembrar que Waldo Cesar foi secretário executivo do SRSI fundado por Shaull.

¹⁴¹ Idem, p. 20.

¹⁴² Idem, p. 22.

Segundo César, essa fiscalização do DOPS em 1957 se fez presente de forma direta e pessoal. Em Recife, os órgãos de segurança do Estado acompanhavam diariamente o que era discutido através da imprensa.

A Confederação Evangélica do Brasil era um órgão ecumênico que tinha por proposta a união de denominações protestantes como já dissemos no início do capítulo. Entretanto, a Confederação apresenta um lado conservador. Tivemos acesso por e-mail¹⁴³ a uma entrevista de Waldo Cesar em que narra sobre a CEB e a Conferência do Nordeste.

Segundo ele, o lado conservador se revelava aos poucos. Waldo Cesar afirma que era possível o diálogo com marxistas, mas não com católicos. Ainda havia a ideia de perseguição dos católicos em relação aos protestantes, uma disputa pela hegemonia católica no cenário nacional. Nas reuniões anteriores não havia a possibilidade de chamar algum católico. Ao ser convidado para um evento dessa natureza e ter aceitado, foi criticado porque segundo a ótica mais conservadora da CEB ele não poderia participar de um evento desse tipo.¹⁴⁴

Imbuída do espírito anticomunista¹⁴⁵ que tão fortemente assombrava as mentes e os corações dos homens, a CEB fez questionamentos a Waldo Cesar e a Claudius Ceccon sobre a foice e a cor vermelha no cartaz da Conferência do Nordeste.

Os protestantes temiam o comunismo ateu porque este pensava as relações humanas apenas do ponto de vista materialista, deixando de lado o plano divino-espiritual¹⁴⁶. De acordo com Silva, a “imprensa evangélica investiu na divulgação de matérias que mostrassem aos pernambucanos o *perigo* de um regime que viria minar os alicerces de um *sistema democrático*”¹⁴⁷.

No Nordeste, a Conferência foi muito comentada. César, quando retornou de Recife foi afastado de suas atividades no Setor de Responsabilidade Social da Igreja. O Bispo metodista Almir dos Santos não pode fazer muita coisa mesmo sendo o presidente da CEB,

¹⁴³ CESAR, Waldo. Entrevista Recebido por e-mail pela bibliotecária de Koinonia, Andréa Oliveira.

¹⁴⁴ Idem, p.

¹⁴⁵ No que se refere ao medo do comunismo no Brasil, sugerimos: SILVA, Paulo Julião. *Protestantes no embate anticomunista em Pernambuco (1945-1964)*. In <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/bitstream/tede2/4788/2/Paulo%20Juliao%20da%20Silva.pdf>; CAVALCANTI, Erinaldo. *Medo, memória e narrativa: o (anti)comunismo em Pernambuco nos anos 1960*. In http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1339723652_ARQUIVO_Medo,memoriaenarrativa-o_anti_comunismoemPernambuconosanos1960._ABHO_.pdf; MONTENEGRO, Antônio Torres. *Labirintos do Medo: o Comunismo (1950 – 1964)*. In CLIO: Revista de pesquisa histórica, n° 22, 2004.

¹⁴⁶ SILVA, Paulo Julião. *Protestantes no embate anticomunista em Pernambuco (1945-1964)*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Pernambuco em 2010.

¹⁴⁷ Idem, p. 62. Grifo do autor

pois ele não era único na direção. Waldo diz que ouviu uma conversa entre dois pastores no intervalo de uma reunião, dizendo para irem com calma pois se houvesse um golpe comunista, Waldo Cesar seria o defensor da igreja¹⁴⁸.

A reação conservadora foi explícita através dos jornais. O jornal *Diário de Pernambuco* foi o veículo de comunicação utilizado para propagar em tom de denúncia o discurso de Israel Gueiros no referido jornal. Uma “minoría evangélica” realiza uma conferência “*caracteristicamente comunista*”:

Jesus Cristo afirmou que não estava constituído como repartidor de bens e fortunas. Nunca propugnou pela queda de qualquer regime por processo revolucionário; ensinou que as potestades vêm de Deus, e que a elas estamos sujeitos.¹⁴⁹

No tocante à repressão, Anivaldo Padilha, na época um jovem da Igreja metodista, lembra que a Conferência do Nordeste gerou uma reação conservadora dentro das denominações protestantes, antes mesmo do Golpe de 1964:

(...) ela gerou também a reação de vários setores conservadores dentro das igrejas – tem que pensar no contexto- a Guerra Fria estava em pleno vapor, toda a propaganda, campanha, de disseminação da ideologia comunista era muito forte e isso estava muito presente dentro das igrejas e uma coisa que eu não disse que a Conferência gerou também foi a necessidade de uma renovação da Igreja a gente começou a discutir a questão da missão da igreja no Brasil, a participação dos cristãos na luta pela justiça era objeto de grande debate no meio das igrejas e eu pelo menos naquele momento não percebia nenhuma presença externa da repressão, o que havia era uma repressão interna, isso sim. Como parte dessa disputa ideológica que havia dentro da igreja. Você percebia uns grupos fazendo pressão para demissão de pastores, afastamento de lideranças, jovens principalmente¹⁵⁰.

Com essa nova perspectiva ou o que Padilha chama de “abertura”, a CN teve como consequência o expurgo dentro das igrejas, o fechamento de departamentos da CEB e a perseguição à professores e alunos dos seminários, conforme aponta Magali do Nascimento Cunha em seu artigo, “*O passado nunca está morto. Um tributo a Waldo César e sua contribuição ao movimento ecumênico brasileiro*”¹⁵¹. De acordo com a autora:

¹⁴⁸ Idem, op. cit

¹⁴⁹ Congresso Evangélico Dominado por Vermelhos. Pastor Denuncia. *Diário de Pernambuco*. Terça-feira, 24 de julho de 1962.

¹⁵⁰ Entrevista concedida no dia 12/12/14.

¹⁵¹ REVISTA Estudos de Religião, Ano XXI, n. 33, 136-158, jul/dez 2007. In: https://portal.metodista.br/fateo/noticias/Magali_conferencia.pdf. Acesso em 16 de outubro de 2015

A reação dos dirigentes pode ser compreendida como o resultado de um histórico fechamento ao novo, com o qual o protestantismo de toda forma deveria, cedo ou tarde, se defrontar. Os grupos conservadores negavam a pluralidade e a diversidade de significações, trabalhando para que prevalecesse apenas a sua concepção de igreja e de fé. Este “medo do novo” era expresso não somente em relação aos grupos ecumênicos, mas também a outras manifestações e práticas diferenciadas do modo de ser trazido pelos missionários, como, por exemplo, a ação pentecostal e dos movimentos de renovação carismática.¹⁵²

Os encontros conclamados pelo CMI tinham como tema as questões sobre pobreza, trabalho e críticas às desigualdades provocadas pelo capitalismo. Mas o conservadorismo do Protestantismo de Reta Doutrina via a questão da pobreza como vontade de Deus. Em oposição a essa perspectiva, Rubem Alves, herdeiro da renovação teológica e outro discípulo de Shaull, argumenta que se a história da humanidade tem relação com a providência divina e sua vontade, logo, a pobreza e a riqueza são da vontade de Deus. Desse modo, conclui que a pobreza, na perspectiva do *Protestantismo de Reta Doutrina*, deveria coexistir para que houvesse harmonia do todo. Ao pobre caberia a aceitação de sua condição, a submissão a qual Deus o colocou e sempre com gratidão a Deus, pois essa é a sua vontade¹⁵³.

Outra problemática identificada por Rubem Alves em relação ao conservadorismo protestante ou o que ele chama de *Reta Doutrina* é que a pobreza e a riqueza têm raiz moral e espiritual de cada indivíduo. Os ricos através do trabalho poderiam acumular riquezas e eram abençoados. Assim, para o protestantismo, segundo o autor, a pobreza não é um problema fundamental, mas que os pobres aceitem sua condição pois é a vontade de Deus, já que tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus¹⁵⁴. Deste modo a pobreza é algo secundário e o que de fato é importante é a salvação da alma¹⁵⁵.

Durante a Conferência do Nordeste a problemática social estava em debate. Entretanto, na perspectiva das lideranças conservadoras ali presentes, essas questões são de responsabilidade do Estado e nada tem a ver com a Igreja a qual deveria se ater às coisas espirituais. De acordo com esse olhar, a presença de sociólogos, com vistas a dar explicações de cunho científico, para explicar a “realidade brasileira” seriam apenas

¹⁵² Idem, p. 146

¹⁵³ ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo. Edições Loyola. 2005.

¹⁵⁴ Romanos, capítulo 8, versículo 28, In: *Bíblia de Estudo Plenitude*. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil. 2005

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 264.

superficiais, secundárias e descritivas¹⁵⁶. Rubem Alves argumenta que para esse protestantismo, explicações sociológicas dos problemas sociais são um esqueleto de um corpo sem vida que precisa de alma que se relacione com entre si e com Deus: “Assim, só existe esperança de transformação para a sociedade na medida em que cada um dos seus membros se transformar. E isso significa, precisamente, converter-se a Cristo”¹⁵⁷.

De acordo com Rubem Alves, para o setor conservador do protestantismo ou o que ele chama de *Protestantismo de Reta Doutrina*, a resolução dos problemas de ordem social, está ligada a conversão do indivíduo à Cristo. Esse discurso conservador se manifestava também através dos jornais confessionais.

Joanildo Burity explicita esse discurso conservador no *O Jornal Batistade* 1961 com a propaganda contra o comunismo ateu que qualifica-o como fruto do diabo, opositor de Deus. A distribuição de riqueza também é atacada, afinal, a riqueza ou a pobreza é um dom divino e ser pobre é algo que deve ser aceito também como vontade divina¹⁵⁸.

Muitos jovens e teólogos envolvidos com o processo de construção da Conferência do Nordeste e com as ideias *ecumenistas* como disse Zwinglio Mota Dias no documentário *Muros e Pontes.Memória Protestante na Ditadura*¹⁵⁹ foram atacados pelos conservadores e pelo DOPS. No mais, foram classificados como hereges, pois a preocupação com o social era identificada com a “ideologia totalitária”.¹⁶⁰

No tocante ao discurso conservador no seio do protestantismo, Burity sugere que esse discurso, apresenta variações que não estão restritas às necessidades de reformas sócio-políticas desde que, a liberdade religiosa, a separação entre Igreja e Estado, propriedade privada e economia de mercado, fossem garantidos¹⁶¹

A reação conservadora também aconteceu no “calor da hora”, ao mesmo tempo em que terminava a Conferência do Nordeste. No dia 24 de julho de 1962, o jornal Diário de Pernambuco noticiou: “Congresso Evangélico Dominado por Vermelhos: Pastor Denuncia”¹⁶². O mesmo Rev. que fez críticas ao CMI, teceu comentários ao que ele chamou de “minoría evangélica que realiza nesta capital uma reunião de terminologia,

¹⁵⁶ Ibidem, p. 266

¹⁵⁷ Ibidem, loc. cit.

¹⁵⁸ BURITY, BURITY, Joanildo. *Fé na Revolução. Protestantismo e o discurso revolucionário brasileiro (1961-1964)*. Rio de Janeiro. Novos Diálogos. 2011, p. 165.

¹⁵⁹ Disponível in:<http://koinonia.org.br/protestantes/produtos/video/17/muros-e-pontes-memoria-protestante-na-ditadura/>. Acesso em 13 de abril de 2015.

¹⁶⁰ Ibidem, p. 164

¹⁶¹ BURITY, Joanildo, Op. cit, p. 164

¹⁶² *Congresso Evangélico Dominado por Vermelhos: Pastor Denuncia*. Diário de Pernambuco. 24/07/1962. Hemeroteca Digital

processos e propaganda caracteristicamente comunistas”¹⁶³. Além disso, afirma que a reunião

patrocinada pela Confederação de Igrejas Evangélicas do Brasil, que se deixou envolver por agitadores, temos a declarar ao grande público que a esta altura está considerando todos os evangélicos como comunistas, ou socialistas, que nós realmente evangélicos que aceitamos os fundamentos da fé cristã como se acham na Bíblia sagrada, nada temos com aqueles líderes nem com a propaganda que lá se faz¹⁶⁴

Esse trecho é revelador, pois o Rev. Israel Gueiros quer deixar claro para os leitores do *Diário de Pernambuco* que há uma separação entre os evangélicos. Os que não concordam com os debates da CNE são os “realmente evangélicos” e os que estão na Conferência, não os são. Essa acusação foi rebatida no dia seguinte pelo presidente da CNE, o Rev. Almir dos Santos.

Em 25 de julho de 1962, no referido jornal sai uma matéria como um direito de resposta a acusação feita por Gueiros¹⁶⁵. Segundo a notícia, o Rev. procurou o secretário de Segurança para exigir providências em ralação a acusação proferida pelo Ver. Israel Gueiros.

O Rev. Almir salienta que Gueiros não conhece o conteúdo das preleções e colabora para que o evento da CEB seja interpretado de forma distorcida¹⁶⁶.

Essa troca de declarações entre os reverendos, o metodista Almir dos Santos e o fundamentalista presbiteriano, apresenta de forma nítida, a disputa teológica da época. O Rev. fundamentalista se mostra preocupado em não ser visto como comunista ou socialista e usa a Bíblia para respaldar sua observação.

No mesmo jornal, *Diário de Pernambuco* na página 12, “Conferência Evangélica, infiltrada de Vermelhos, faz propaganda subversiva”¹⁶⁷, com subtítulo “Infiltração evidente” o Rev. Ebenezer Furtado Gueiros começa a acusação a partir do cartaz da Conferência:

A infiltração vermelha na citada Conferência é evidente a começar do cartaz de propaganda de 95 X 65 com em fundo vermelho, com uma cruz

¹⁶³ Idem, p. 3

¹⁶⁴ Idem, p. 3

¹⁶⁵ *Diário de Pernambuco*, 25 de julho de 1962. Hemeroteca Digital

¹⁶⁶ Idem, p. 3

¹⁶⁶ *Diário de Pernambuco*, 25 de julho de 1962. Hemeroteca Digital. p. 3

¹⁶⁷ Acusação feita pelo Reverendo Ebenezer Furtado Gueiros, membro do Conselho da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil. “Conferência Evangélica, infiltrada de Vermelhos, faz propaganda subversiva.” *Diário de Pernambuco*, 29/07/1962, p. 12. Hemeroteca Digital.

inclinada, tangida por um vendaval do qual se sobressai uma foice. Contem (sic) os seguintes dizeres: “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro”. Se o C da palavra Cristo se juntar no sentido horizontal o T da mesma palavra, teremos a conhecida e estilizada figura da foice e martelo. Esse cartaz foi fixado aos milhares pelas ruas da cidade¹⁶⁸

No capítulo seguinte, veremos, a partir da entrevista (rememoração) do Waldo César, que o cartaz gerou problemas no interior da CEB, mas ele não menciona essa matéria do *Diário de Pernambuco* em 1962.

O Rev. Ebenezer Gueiros faz críticas aos livros que seriam vendidos na livraria da Conferência do Nordeste, dentre eles, o livro “Reflexões sobre a Revolução Cubana”. Outra crítica é a relação dos convidados não pertencerem aos arraiais evangélicos: “ainda que se trate de ilustres e eruditas figuras, em matéria de orientação religiosa, nada nos tem a oferecer”¹⁶⁹.

Para embasar suas críticas à Conferência, Gueiros cita um trecho da Bíblia, proferida pelo apóstolo Paulo a Timóteo em que “Porque virá tempo em que sofrerão a sã doutrina; mas tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências”¹⁷⁰

Não encontramos nenhuma resposta por parte da presidência da Conferência do Nordeste para se defender ou explicar o contexto do cartaz. Essa sinalização dos protestantes fundamentalistas (institucionalmente falando) revela o que estaria por vir.

Passados cinco anos após a realização da CNE, o movimento de grupos conservadores ainda aparece no jornal *Diário de Pernambuco*, em 1967. Um evento intitulado “VII Congresso da Aliança Latino-Americana de Igrejas Cristãs” foi noticiado no jornal no dia 16 de julho de 1967¹⁷¹. Nessa publicação, o Rev. Israel Gueiros sublinhou a importância do evento:

Para os cristãos fundamentalistas não somente para sua denominação (Presbiteriana), mas para todos os crentes das diversas igrejas evangélicas e de outros grêmios religiosos, que aceitavam como reta e justa a posição dos que apoiavam o movimento Fundamentalista contra os erros do Modernismo Teológico, do Ecumênismo e do Comunismo infiltrados atualmente, em todas as igrejas ditas cristãs, no Recife, pelo Brasil a fora, nos Estados Unidos, na Europa, na África e Ásia¹⁷².

¹⁶⁸ Idem, p. 12

¹⁶⁹ Idem, p. 12

¹⁷⁰ Idem, p.12

¹⁷¹ *Diário de Pernambuco*, 16 de julho de 1967. Hemeroteca Digital-Biblioteca Nacional.

¹⁷² Idem, p.18

Passados cinco anos após a CNE, também no Recife, houve um encontro do movimento fundamentalista que coloca como “reto e justo” seu posicionamento. Esse termo, “reto” nos lembra a “reta” de Rubem Alves. O Rev. Gueiros usa o termo “reto” para a defesa das ideias fundamentalistas em oposição aos erros teológicos, como vimos na citação acima. Por sua vez, Alves usa o termo “reta” no sentido de (des)qualificar os conservadores, como já dissemos. Se a doutrina fundamentalista é “reta e justa”, a teologia protestante em debate na CNE seria torta e injusta?

No dia 23 de julho do mesmo ano, o Rev. Isreal Gueiros, no Diário de Pernambuco, afirmou que:

Todos os crentes e cristãos fiéis à Bíblia, no Recife, e em todo o Brasil, conheceu o propósito da ALADIC e do Congresso Internacional de Igrejas, em sua luta para separar o joio do trigo, na seara cristã, representado pelo Ecumenismo Religioso, o Modernismo Teológico e o Comunismo¹⁷³.

O Rev. Gueiros insiste em criar qualificações para se referir ao fundamentalismo - “trigo” e o ecumenismo, teologia moderna e comunistas com o joio, fazendo a distinção entre “nós” e “eles” em que talvez em sua perspectiva, “eles” não fazem parte da comunidade religiosa conforme o entendimento dos fundamentalistas.

Essa reação conservadora por parte dos presbiterianos fundamentalistas acontece simultaneamente em relação ao CNE. Entretanto, de acordo com o teólogo Daniel Augusto Schmidh, a reação conservadora entre os metodistas acontece na metade da década de 1960, especificamente entre os anos de 1965 e 1970, mas no setor da juventude. O autor destaca como “ícone” desse conservadorismo, o Bispo Isaías Fernandes Suacasas que está diretamente ligado à prisão Anivaldo Padilha¹⁷⁴.

De acordo com o autor, a juventude metodista, estava decepcionada com as lideranças em relação as decisões sobre a crise da Faculdade de Teologia¹⁷⁵. Essa crise aconteceu no ano de 1968, na qual a instituição passou uma reestruturação administrativa que afetou o corpo de professores, os quais tiveram seus tempos reduzidos afetando assim o currículo dos alunos¹⁷⁶. No começo do ano letivo, em 26 de abril de 1968, os alunos

¹⁷³Diário de Pernambuco, 23 de julho de 1967. ALADIC é a sigla para Aliança Latino-Americana de Igrejas Cristãs.

¹⁷⁴SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo. Editora Reflexão. 2014, p. 152.

¹⁷⁵Idem, p. 134

¹⁷⁶Idem, 102

entraram em greve. A pauta era entre outras questões a ausência frequente do reitor, autoritarismo da direção sobre o corpo de professores e os alunos bem como e o currículo inadequado em relação à realidade brasileira¹⁷⁷.

Os alunos aguardavam uma resposta a essa pauta, mas a mesma não chegou. Os professores por sua vez só aceitavam discutir se eles voltassem para as aulas. Os seminaristas não retornaram e o conselho diretor da Faculdade decidiu suspender o ano letivo e fechar a instituição¹⁷⁸.

De acordo com Schmidth, o Gabinete Geral da Igreja Metodista qualificou a greve como algo sem fundamento, além disso, suspendeu as aulas do ano letivo e dispensou alguns funcionários e os ministros professores foram orientados a voltarem para as suas regiões eclesiais bem como os alunos¹⁷⁹. Essa decisão foi dividida entre favoráveis e contra à decisão do Gabinete Gera; dentre as vozes à favor, está o Bispo Sucasas e que segundo ele, os seminaristas deveriam ser “disciplinados”¹⁸⁰. Após uma reunião do Concílio Geral Extraordinário, realizado entre os dias 6 e 7 de setembro de 1968, foi decidido a expulsão dos alunos e a demissão dos professores¹⁸¹.

Esse período provocou na juventude um forte desânimo, conforme salienta Schmidt, sobretudo com a mudança de tom do Rev. Almir dos Santos¹⁸². De acordo com o autor, o Rev., no início dos anos de 1960, era prestigiado entre a juventude por sua postura progressistas e por dar voz os jovens, nas páginas do *Expositor Cristão*¹⁸³. A postura do Rev. Almir dos Santos mudou depois de sua chegada ao episcopado, em 1965¹⁸⁴.

O então Bispo Almir teria se recusado a participar de uma reunião de jovens. O convite para tal reunião teria partido de um aluno expulso da Faculdade de Teologia por ter usado as “dependências da faculdade para uma reunião do movimento estudantil”¹⁸⁵ e ao receber esse convite teria se recusado por não querer participar de debates com jovens rebeldes¹⁸⁶. O autor aponta que essa mudança de postura é algo que mereceria uma pesquisa mais aprofundada¹⁸⁷.

¹⁷⁷Idem, p. 103

¹⁷⁸Ibidem, p. 105

¹⁷⁹Ibidem, p. 112

¹⁸⁰Idem, p. 112

¹⁸¹Ibidem, p. 124

¹⁸²Ibidem, p. 137

¹⁸³Idem, loc. cit, nota 167

¹⁸⁴Idem, loc. cit

¹⁸⁵Idem, loc. cit

¹⁸⁶Ibidem, p. 134

¹⁸⁷Idem, loc. cit

Para Schmidt, a parte central dessa reação conservadora foi em 1969, quando o Bispo Isaías Suacasas se filiou ao DOPS¹⁸⁸. No mesmo ano, Anivaldo Padilha foi preso acusado de participação na Ação Popular, conforme já dissemos anteriormente.

De acordo com o autor, o Bispo Isaías teria chegado ao Anivaldo através de um encaminhamento da primeira edição do jornal UNIDADE III, no qual se encontrava o nome de Anivaldo Padilha. Ainda segundo o autor, no jornal se encontrava artigos que o *Expositor Cristão* havia censurado¹⁸⁹. Schmidt, não aborda a matéria escrita no UNIDADE, mas destaca a reverberação do jornal no DOPS e posteriormente a Anivaldo Padilha.

Quais seriam os desdobramentos que os adeptos da nova teologia europeia que apresentava um novo olhar sobre o mundo da política e questões sociais iriam enfrentar? Afinal, a cosmovisão em relação a fé e seu lugar no mundo se difere dos conservadores.

Entre metodistas e presbiterianos a reação conservadora repercutiu de forma diferente. Entre os presbiterianos, aconteceu através de uma denominação fundamentalista, entre os metodistas foi na sua “carne” os cortes feitos. Essas foram uma das reações a todo o modo de teologia ou ação mais encarnada por parte de setores protestantes. No tópico a seguir, veremos até onde foram os conservadores, até onde os setores progressistas receberem a “disciplina”, usando aqui o termo do Bispo Sucasas.

1.4.1 “Nós” e “eles”

Essa distinção foi experimentada por Zwinglio Mota Dias quando preso em 1970 para averiguações a respeito do paradeiro do seu irmão, Ivan Mota Dias. Nessa época, era pastor da Primeira Igreja Presbiteriana da Penha. O Presbitério Rio-Norte ao qual Zwinglio estava sob a jurisdição emitiu uma carta ao I Comando do Exército, com sede no Rio de Janeiro, alegando que “se o Reverendo Zwinglio Mota Dias tiver alguma relação com a subversão, trata-se de uma opção pessoal dele, que para nada envolve este Presbitério”¹⁹⁰. Essa afirmação deixa em aberto se pensar o não envolvimento da Instituição religiosa, mas

¹⁸⁸Idem, p. 143

¹⁸⁹Idem, p. 145

¹⁹⁰DIAS, Zwinglio Mota. “Oprotagonismo dos evangélicos durante os ‘anos de chumbo’ e a busca incessante por uma ‘Eclésia reformata...’”In: ROSA, Pereira Wanderley & FILHO, José Adriano(orgs). *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. A Conferência do Nordeste 50 anos depois*. Rio de Janeiro/Lapa: MAUAD, 2012,

sim uma postura particular contra a ditadura militar bem como uma continuidade do movimento teológico.

Ao dar continuidade em suas memórias, relembra seu irmão Ivan, professor de História, formado na Universidade Federal Fluminense (UFF). Além disso, participou do 30º Congresso da UNE¹⁹¹ e foi militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR)¹⁹².

Ivan Mota Dias passou pela “Casa da Morte” em Petrópolis, cárcere privado mantido pelo Centro de Informações do Exército (CIE)¹⁹³ seu corpo ainda não foi encontrado.

Mota Dias elenca outros personagens envolvidos no período da Ditadura Militar, apoiadores e perseguidos pelo regime. Leonildo Silveira Campos¹⁹⁴ é um desses personagens citado. Perseguido e preso em 1969, Campos ficou detido na Operação Bandeirantes (OBAN), uma das organizações de repressão do regime militar. Enquanto esteve preso, foi visitado por um pastor batista e também capitão do Exército que foi levar-lhe um exemplar do Novo Testamento. O pastor-capitão foi então questionado pelo companheiro de cela de Campos: “não tinha vergonha de torturar presos a noite e levar-lhes literatura evangélica durante o dia nas celas”, e como resposta afirmou, apontando para uma pistola debaixo do paletó “Para os que desejam se converter eu tenho a Palavra de Deus, para quem não quiser há outras alternativas”¹⁹⁵.

De acordo com Mota Dias, a repressão que recaiu sobre estudantes de teologia expressa um conflito que começou no início dos anos de 1950. Período que de certa maneira iniciaram-se as reuniões de estudo da CEB. Muitos estudantes de diversas

¹⁹¹APERJ. Fundo Polícia Política do Rio de Janeiro. Setor Secreto, 127, Caixa, 433. Ver também Fundo Polícia Política. Setor Terrorismo, 18, Caixa 599. 1975-1976.

¹⁹²Cf depoimento de Nair Mota Dias. Apud CABRAL, Reinaldo & RONALDO, Lapa (Orgs). *Desaparecidos Políticos. Prisões, Sequestros, Assassinatos*. Comitê Brasileiro pela Anistia – Rio de Janeiro: Edições Opção. 1979.

¹⁹³<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI223025-15223,00-PARECIA+CASA+ERA+O+INFERNO.html>. Acesso em 18/08/11.

¹⁹⁴Leonildo Silveira Campos é Professor Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie de acordo com seu Currículo Lattes <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4703660U6>. Escreveu o artigo *Protestantes na primeira fase do regime militar Brasileiro – atos e retórica da igreja presbiteriana Independente (1964-1969)*. In. *Estudos de Religião*, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo, dezembro de 2002. Neste artigo, Campos se dedica a estudar a Igreja Presbiteriana Independente entre os anos de 1964 e 1969. Reconhecendo o contexto sociopolítico e cultural que desencadeou as ações de protestantes e também católicos a favor do Regime Militar.

¹⁹⁵ CAMPOS, Leonildo Silveira. Idem. p, 126

denominações foram expulsos porque estariam influenciados pela ideologia comunista. O mesmo aconteceu com os professores suspeitos de ideias vistas como hereges¹⁹⁶.

Anivaldo Padilha foi militante da Ação Popular, organização que surgiu entre os estudantes da Igreja Católica em uma trajetória no sentido de luta pelo socialismo com o movimento de massas. A Ação Popular se pronuncia com ideologias próprias, com um “socialismo humanista”, pois havia na época preocupações humanistas presentes na pauta nos meios marxistas no Brasil e também na Europa. Com um princípio não-confessional a organização teve uma participação de protestantes como o Richard Shaull e Paulo Wright este foi um dos líderes da organização¹⁹⁷.

Padilha se afasta do processo de mudança e se aproxima do Golpe de 1964 ao apontá-lo como um interruptor das mudanças, pois levou muitos protestantes “a prisão, a clandestinidade ou exílio grande parte das nossas lideranças e ao desmantelamento das nossas organizações, inclusive dos setores de juventude”¹⁹⁸. Após o Golpe, na América Latina, muitas organizações ecumênicas começaram a surgir, segundo Padilha. Organizações essas que se inclinaram “na reflexão teológica, defesa dos Direitos Humanos e na promoção da educação popular”¹⁹⁹.

Padilha salienta que após o AI-5, coube aos protestantes formar “redes ecumênicas internacionais com informações sobre o que se passava nos porões da Ditadura”²⁰⁰. Além disso, essas redes funcionavam como uma proteção para os perseguidos políticos e aqueles que partiam rumo ao exílio.

Padilha foi preso em 1970 pelo DOI/CODI em São Paulo e torturado com o objetivo de obter a confissão de que fazia parte de uma organização comunista. Tal acusação partiu do bispo Isaías Sucasas e seu irmão, o reverendo José Sucasas Junior²⁰¹.

Ao que nos parece, a Conferência do Nordeste marca um momento importante no setor protestante dedicado em dialogar e entender a sociedade daquela época e essa inclinação resultou em expulsões e afastamentos de fiéis das próprias igrejas, conforme

¹⁹⁶DIAS, Zwinglio Mota. Op. cit. P. 56

¹⁹⁷GOENDER, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda Brasileira: Das ilusões Perdidas à Luta Armada*. São Paulo. Editora Ática, 1987

¹⁹⁸PADILHA, Anivaldo. *Quando a Ditadura bate à porta*. ROSA, Pereira Wanderley & FILHO, José Adriano

(orgs). *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. A Conferência do Nordeste 50 anos depois*. Rio de Janeiro/Lapa: MAUAD, 2012, 82

¹⁹⁹Idem. Loc. cit

²⁰⁰Idem, Loc. cit

²⁰¹Idem, p. 83

aventamos. Anivaldo Padilha foi um dos jovens protestantes que sob a influência da teologia europeia protestante ousou militar contra a Ditadura Militar.

Não foi só no interior das igrejas que havia uma onda conservadora, mas no universo acadêmico protestante também. Em 1964, a Igreja Presbiteriana se colocou na fileira do conservadorismo e acusou o Seminário teológico de São Paulo de ser “um foco de influência marxista”²⁰². Essa situação aconteceu em outros seminários protestantes e muitos alunos seminaristas foram expulsos de seus cursos teológicos.

Leonildo Campos aponta que a CEB enviou um telegrama ao General Castelo Branco por ter afastado o perigo vermelho no Brasil. O autor salienta que os evangélicos não se envolveram na preparação do golpe, mas o apoiaram: “Vossa Excelência terá constante apoio moral e leal cooperação cristãos evangélicos”²⁰³, assina Amantino Adorno Vassão, o mesmo que prefaciou o *Diário* da Conferência do Nordeste.

É curioso notar uma presença conservadora envolvida no setor do protestantismo em uma prática teológica mais crítica. Amantino Adorno Vassão, presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, que prefaciou o *Diário*, deixou claro que não concordava com tudo o que foi dito em Recife:

(...) embora aprecie o notável trabalho da Conferência do Nordeste, não concordo com tudo que ali se disse ou se fez. Há, sobretudo, o fato indiscutível de interesse do Protestantismo Brasileiro em participar ativamente da vida nacional e de dar uma contribuição desinteressada e honesta para a solução dos nossos complexos problemas²⁰⁴.

Campos destaca que muitos evangélicos apoiaram o Golpe acreditando obedecer as autoridades do governo e assim se colocando ao lado de Deus em “nome da liberdade de culto”, em favor dos valores cristãos e contra o comunismo ateu²⁰⁵.

O autor afirma que os evangélicos não só apoiaram por meio de um telegrama, mas fizeram parte da estrutura como o DOI-CODI²⁰⁶, além disso, destaca também, mas sem revelar o nome, que um líder batista distribuía bíblias e panfletos a presos

²⁰² *O Estandarte*, 15 de março de 1964, p. 8 e 9. Apud, CAMPOS, op. cit.

²⁰³ *Ibidem*, p. 27

²⁰⁴ VASSÃO, Amantino Adorno. CÉSAR, Waldo. *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste* (diário). Rio de Janeiro: Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, 1962, p. 3

²⁰⁵ *Idem*, p. 31

²⁰⁶ Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) realizava prisões e perseguições aos opositores do regime militar e o DOI/CODI era o Destacamento de Operações e Informações/Centro de Operações de Defesa Interna, esses órgãos são responsáveis pelas mortes e desaparecimentos no período da Ditadura Militar. QUADRAT Viz, Samantha. *O Regime militar em tempo de (in) definições (1964-1968)*. In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes (Org). *Democracia e ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006

torturados²⁰⁷. No âmbito educacional, muitos evangélicos recebiam autorização do governo militar para lecionar em aulas de Educação Moral e Cívica, através de um “atestado de antecedentes político-social” dado pelo governo²⁰⁸.

1.5 Religião e Política

Cada um dos contemporâneos da CNE se apropria e aponta o que mais lhe chama a atenção e apresenta uma narrativa convergente sobre o caráter único e dialógico com outros setores da sociedade. Revela também que a Igreja enquanto seguimento social não está isolada em si, ela é fruto do seu tempo e de sua época.

Na entrevista que fizemos com Anivaldo Padilha, perguntamos se a CNE foi um evento que poderia ser visto como evento religioso ou político. A sua resposta foi categórica

É difícil você falar em um evento religioso que não seja também político. Naquele momento foi um evento político importantes mas que teve seu caráter religioso. Foi a primeira vez que as igrejas protestantes começaram a discutir o seu papel na sociedade brasileira. Até aquele momento o protestantismo no Brasil era exatamente um gueto cultural no Brasil, sem nenhuma relação com o resto da sociedade então nesse sentido foi um evento importante do processo dentro das igrejas. Portanto tem esse caráter religioso mas foi um evento político também porque mobilizou e incentivou muita gente a ter pelo menos uma atuação política²⁰⁹

De acordo com um dos contemporâneos da época, o evento pode ser visto de duas maneiras. Como um evento religioso em que a política nele envolvida contribuiu para a atuação de protestantes nessa área, especificamente na militância contra a Ditadura Civil Militar. Aline Coutrot, no artigo *Religião e Política*, afirma que o pensamento religioso (teológico) do século XX na Europa foi fortemente influenciado pelos horrores das Guerras e do holocausto. Para a autora, tal pensamento modela o comportamento do indivíduo cristão em relação à sociedade. O cristão sai da apatia e da indiferença para um esforço no testemunho de fé na construção, com a coletividade e não com a

²⁰⁷CAMPOS, Leonildo Silveira, p. 28.

²⁰⁸Idem, op. cit, p. 28

²⁰⁹PADILHA, Anivaldo. Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2014.

individualidade, do Reino de Cristo que começa aqui neste mundo e não no porvir. Assim, o cristão deixa de ser “apolítico” para ser um “militante engajado”.²¹⁰

Coutrot aponta argumentos que traduz esse deslocamento na forma de pensar e também de agir dos cristãos que são os modelos de fé teocêntrico e cristocêntrico. Para ela, a “fé teocêntrica” sugere um indivíduo frágil diante de Deus, o todo-poderoso. Esse tipo de fé está ligada à visão de um mundo em que as estruturas sociais e políticas estejam alicerçadas em um sistema patriarcal e hierárquico, de modo que não haja mudanças, pois cada um tem o seu lugar sem nenhum tipo de oposição. Por outro lado, a fé cristocêntrica veste o indivíduo de engajamento, ao apreender o Cristo encarnado na história. Deste modo, o homem está ligado ao processo histórico e o Cristo-homem torna possível a relação com o indivíduo e este com a coletividade, com a humanidade na construção do Reino. Assim, muitos cristãos engajados tendem a se identificar com a esquerda, ao passo que o modelo teocêntrico tende a se relacionar com a direita²¹¹.

Esse modo de fé cristocêntrico está em consonância com as palavras ditas pelo Pr. João Dias Araújo na CNE:

A Revolução do Reino de Deus: (...) Para Jesus, o Reino não era utopia irrealizável, mas uma responsabilidade presente. (...) Como filhos do Reino de Deus, somos parte da rebelião dos tempos atuais. Devemos estar na vanguarda dos movimentos de transformação do mundo contemporâneo²¹².

No trecho acima, vemos em tom quase imperativo do Reverendo, em que os cristãos deveriam ser a vanguarda das transformações políticas e sociais.

Ainda segundo Coutrot, mesmo que a comunidade religiosa esteja inserida em uma sociedade secular, o religioso tem grandes e desafiadoras relações com o político em que este é capaz de estruturar o religioso:

Colocando questões que não se pode evitar, apresentando alternativas, ele força as Igrejas a formularem expectativas latentes em termos de escolhas que excluem toda possibilidade de fugir do problema. A política não para de impor, de questionar, de provocar as Igrejas e os cristãos, a título individual ou coletivo, obrigando-os a admitir atos que os comprometem perante si mesmos e perante a sociedade²¹³

²¹⁰COUTROT, Aline. “Religião e Política”. In: REMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro. FGV. 2003. 2ª ed.

²¹¹ Idem, p. 338

²¹²CESAR, Waldo. *A Conferência do Nordeste: Cristo e o processo revolucionário brasileiro. (Diário)* Recife: Setor de Responsabilidade Social da Igreja do Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, 1962

²¹³Ibidem, p. 335

Os apontamentos da autora elucidam a relação entre religião e política nos permitindo compreender que os protestantes reunidos em Recife em 1962 estavam querendo dialogar e responder às demandas da época; responder de forma cristã à sociedade secular em um processo de efervescência social e política. No entanto, essa resposta cristã está ligada ao movimento teológico Europeu que dialogou com as demandas de sua época.

Ainda segundo Coutrot, a religião mantém relações com a política e amplia as “suas formas de ação, de tal forma que o assunto é de grande atualidade”²¹⁴, principalmente para as pesquisas historiográficas que abordam a recente história política e também religiosa do Brasil. O nosso caso comprova isso, ao retomar a Conferência do Nordeste e as reverberações da teologia protestante posta em debate no tempo presente.

Conforme indicamos anteriormente, o recorte temporal de nossa pesquisa é a Conferência em 1962. Conforme vimos, ela resultou de um processo oriundo de outros encontros promovidos pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja vinculada à Confederação Evangélica do Brasil e repercutiu a renovação teológica dos anos de 1950 e 1960. Ela também estava atrelada a um novo tipo de teologia despertada na Europa e também nos Estados Unidos. Essa nova teologia era inclinada às questões sociais. Outra questão importante nesse caldo de informações foram os encontros realizados pelo Conselho Mundial de Igrejas. Todas essas questões foram resultados de um processo no Pós-Segunda Guerra Mundial entre os anos de 1950 e 1960.

Com o presente capítulo, pudemos entender melhor as motivações teológicas que animaram os protestantes envolvidos na Conferência do Nordeste e vê-la como um desdobramento do movimento teológico protestante que tem a sua raiz no Pós-Segunda Guerra Mundial.

A presença do missionário Rishard Shaul no Brasil possibilitou o acesso de setores do protestantismo aberto às mudanças da sua cosmovisão. Mas Essa abertura não foi bem recebida por todo o protestantismo. O Reverendo Israel Gueiros representou em certa medida uma aversão as mudanças teológicas.

A reação conservadora se manifestou através do jornal *Diário de Pernambuco*, como meio de externar a *Reta Doutrina*, conforme diz Rubem Alves.

O autor do *Diário* narra que perdeu seu cargo no Setor de Responsabilidade Social da Igreja e departamentos da Confederação Evangélica do Brasil foram fechados. Essas

²¹⁴Ibidem p. 335

reações perduraram até depois do Golpe Militar de 1964, em que a bandeira do conservadorismo continuava tão erguida quanto da nova teologia, no sentido de que alguns protestantes movidos pela nova teologia se envolveram em grupos, como por exemplo, Anivaldo Padilha.

CAPÍTULO 2

A “Conferência do Nordeste”: Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. Um desdobramento teológico

2.1 O Diário

No presente capítulo pretendemos analisar um evento protestante, realizado em Recife no ano de 1962. O tema era *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro* e ficou

conhecido como Conferência do Nordeste (CNE). Esse evento foi o lugar em que uma nova teologia protestante foi posta em movimento produzindo alguns efeitos, tanto no setor protestante que estava aberto à mudança, na forma de ver o mundo sócio-político, quanto nos setores que viam com estranhamento essa abertura.

Vamos tomar como ponto de partida o texto *A Conferência do Nordeste (Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro)*, identificado de fato, como uma “Crônica da Conferência do Nordeste promovida pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja do Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil”²¹⁵.

Tal *Crônica* foi escrita por Waldo César e para identificar a natureza da narrativa, nos informa que “No registro de fatos e na tentativa de interpretá-los, as situações e os nomes surgem de forma um tanto arbitrária, sem preocupação cronológica ou de entrada em cena de todas as personagens”²¹⁶. Esse pequeno trecho nos revela que o autor se sente à vontade para narrar a Conferência à sua maneira e assim sugerir ao leitor que se interprete e veja o evento também a sua maneira, no sentido de que algumas coisas podem ter sido mais enfatizadas do que outras, por exemplo, a questão social e a presença da igreja em meio a toda essa temática. Neste contexto, podemos indicar “os profetas em épocas de transformações **políticas** e causas **sociais**”, proferida pelo Rev. Joaquim Beato, reitor do Seminário Presbiteriano²¹⁷, “O **nordeste** no processo **revolucionário** brasileiro”²¹⁸ de Celso Furtado, “Revolução do Reino de Deus” proferida pelo Professor presbiteriano João Dias Araújo²¹⁹, “**Mudanças sociais** da história contemporânea”²²⁰ do professor USP Paulo Singer da USP, além de “Resistências à **mudança Social** no Brasil”²²¹, do professor Juarez Rubem Brandão Lopes. Essas foram as palestras com forte tom social e Waldo transcreve de forma limitada essas conferências.

²¹⁵ CESAR, Waldo. *A Conferência do Nordeste (Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro)*. Crônica da Conferência do Nordeste promovida pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja do Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil. Recife, 22/29 de julho de 1962. Disponível em <<https://archive.org/stream/conferenciadonor01conf#page/14/mode/1up>> Acesso em 09/02/2016. O Diário se encontra também no site da Igreja Metodista de Vila Isabel, RJ. Cf. <http://www.metodistavilaisabel.org.br/docs/A-CONFERENCE%20DO-NORDESTE-livro1.pdf>. Acesso em 27/07/15.

²¹⁶ Idem, p. 5

²¹⁷ Ibidem, p. 28. Grifo nosso.

²¹⁸ Ibidem, p. 30. Grifo nosso

²¹⁹ Ibidem, p. 36

²²⁰ Ibidem, p. 37. Grifo nosso

²²¹ Ibidem, p. loc. cit. Grifo nosso

O *Diário* se configura inicialmente como uma compilação autorizada da Conferência na medida em que Waldo César era um dos responsáveis pela sua organização. Leigo da Igreja Presbiteriana de Niterói, RJ, o autor apresenta o *Diário*:

Em forma de Diário captando os principais acontecimentos da Conferência do Nordeste, o presente trabalho tem como objetivo levar o leitor até ao local e às circunstâncias da memorável reunião de estudos promovida pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja, da Confederação Evangélica do Brasil (CEB)²²².

Waldo César assina a *Crônica* como Secretário Executivo do Setor de Responsabilidade Social da Igreja.

Após a *apresentação* do *Diário*, vemos no documento a organização da Conferência dividida em comissão organizadora local e nacional²²³. Essas comissões eram formadas por membros de diferentes denominações²²⁴ protestantes, tais como metodistas, luteranos, batistas, congregacionais e presbiterianos.

Waldo César elenca os *Presentes às Reuniões*, conforme listamos na tabela 1. Nela podemos perceber que as reuniões foram majoritariamente masculinas.

TABELA 1 – Presentes às reuniões

Aharon Sapsezian,	Janos Apostol
Almir dos Santos	Jaoqueline Skiles
Aguinaldo Costa	Jether P. Ramalho
Árpád Grippi-Papp	Jaime Ferreira

²²²CESAR, Waldo. Op. Cit.

²²³ CESAR, Waldo. *A Conferência do Nordeste (Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro)*, p. 13 e 14

²²⁴ Denominação é uma igreja independente, composta por pessoas que a ela aderiam voluntariamente, de acordo com suas preferências e convicções pessoais, nos moldes do espírito da livre empresa. CUNHA, Magali do Nascimento. *Crise, esquecimento e memória. O Centro Ecumênico de Informação e a construção da identidade do Protestantismo Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento), UNIRIO, 1997, p. 60.

Aretino Pereira de Mattos	John Nasstrom
Alfonso Zimmermann	Joaquim Beato
Alzemira Miranda	José Borges dos Santos Jr.
Barbara Hall	José Geraldo da Costa
Ben-Hur Mafra	Lauro Monteiro da Cruz
Bela Mohai Zábó	Lucula Cruz
Beatriz Carvalho	Luis Carlos Weil
Claudius Ceccon	Luis Odell
Cláudio P. Jorge	Marcos Antônio Ferreira
Carlos Simões	Maria Leda Resende
Caio Toledo	Marilia Cruz
César Teixeira	Messias Amaral dos Santos
David Malta	Northon Cidade
Daniel Silveira	Orlando Valverde
David Gomes	Paul Abrecht
Dina Rizzo	Petrônio Coutinho
Dorival R. Beulke	Paulo Yokota
Eber Ferrer	Rodolfo Anders
Edmundo K. Sherril	Rodolfo Hasse
Esdras Borges Costa	Richard Shaull
Edir Cardoso	Ricardo Saur
Ewaldo Alves	Rubem Alves
Edgar Kuhlmann	Ruediger Bohnenkamp
Francisco Pereira de Souza	Sabatini Lalli
Glênio Vergara dos Santos	Theodoro Henrique Maurer Jr.
Glacia Souto	Tomiko Tanaami
Gerson Meyer	Ioshimichini Ebizawa
Gustavo Velasco	Waldo A. César
J. Gomes	Warwik Kerr
Aharon Sapsezian,	William Schsler Filho

Fonte: pag. 17.

A listagem apresentada não nos permite dizer, com clareza, se esses participantes se referem a Conferência em si ou as reuniões que antecederam. Entretanto, um dos nomes presentes na lista, Richard Shaull, um importante teólogo norte-americano, sobre o qual tratamos no capítulo anterior, tinha voltado para os Estado Unidos em 1959. Quem faz essa

afirmativa é o próprio Waldo César em um artigo publicado em 2003²²⁵, gerando indagações quanto ao motivo do nome do teólogo constar na listagem, mas acreditamos que se trate realmente das reuniões preparatórias.

Dessa listagem, conseguimos localizar algumas dessas pessoas através de Eduardo Galasso, sobre quem falaremos melhor mais adiante e perguntamos a ele se saberia dizer quem são as pessoas listadas por Waldo César, no *Diário* e alguns dias depois obtivemos a resposta²²⁶. São eles:

Aharon Sapsezian, pastor da Igreja Evangélica Armênia, secretário geral da Aste; Árpád Grippi-Papp é pastor da Igreja Evangélica Húngara, na Hungria era estudante de Teologia no Seminário Presbiteriano de Campinas; Aretino Pereira de Mattos, pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil; Alfonso Zimmermann, leigo da Igreja Metodista do Brasil; Barbara Hall, missionária norte-americana episcopal, leiga, trabalhou com estudantes da UCEB, em São Paulo; Ben-Hur Mafra, da Igreja Metodista, creio que leigo; Caio Toledo, leigo da Igreja Metodista, na época era universitário e atualmente é professor aposentado; Eber Ferrer, seminarista em Campinas, presbiteriano, atualmente é aposentado e vive na Suíça; Edmundo K. Sherril, bispo da Igreja Anglicana, norte-americano; Esdras Borges Costa, sociólogo presbiteriano, leigo; Francisco Pereira de Souza, seminarista de Campinas, SPS, pastor presbiteriano depois; Glênio Vergara dos Santos, pároco anglicano; Gerson Meyer, pastor presbiteriano; Janos Apostol, pastor da Igreja Evangélica Húngara; José Borges dos Santos Jr. Pastor presbiteriano; Lauro Monteiro da Cruz, presbiteriano independente, presbítero, deputado; Marcos Antônio Ferreira, seminarista de Campinas, SPS, presbiteriano, leigo; Maria Leda Resende, presbiteriana, leiga; Marília Cruz, presbiteriana independente, tornou-se profa. da USP, leiga, hoje falecida; Paul Abrecht, do Conselho Mundial de Igrejas; Sabatini Lalli, pastor presbiteriano; Theodoro Henrique Maurer Jr., pastor da Igreja Cristã de São Paulo, professor; William Schisler Filho, pastor metodista; Rodolfo Anders, presbiteriano da Confederação Evangélica do Brasil, pastor [sic]²²⁷.

Dessa listagem, podemos perceber a presença majoritária de presbiterianos, seguidos de metodistas, episcopais, Igrejas Evangélicas da Hungria e da Armênia, Igreja Cristã de São Paulo e Igreja Anglicana. Nesse caldo de denominações, alguns são pastores, outros professores, há ainda leigos e também seminaristas. Isso nos mostra que as reuniões de preparação não contaram somente com a cúpula das denominações, havia leigos e professores entre os pastores denominacionais. Um detalhe importante é que a única

²²⁵ CÉSAR, Waldo. *Igreja e Sociedade – Ou Sociedade e Igreja?* Religião & Sociedade. Rio de Janeiro, ISER v. 23, edição especial, 2003.

²²⁶ Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, SP (SPS). FARIAS, Eduardo Galasso, por e-mail no dia 09 de maio de 2016.

²²⁷ Idem.

pessoa da Confederação Evangélica do Brasil era Rodolfo Anders o que nos permite pensar que a organização de preparo da CNE, também contou com uma parcela fora do Setor de Responsabilidade Social da Igreja e um integrante do Conselho Mundial de Igrejas, Paul Abrecht.

Escrito em formato de diário, o documento apresenta 128 páginas com o prefácio escrito por Amantino Adorno Vassão, Presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, datado em novembro de 1962.

Dissemos anteriormente que o Diário foi assinado por Waldo César, entretanto apenas duas partes são assinadas por outras pessoas. Uma foi o prefácio, conforme vimos no parágrafo anterior e na página 11 são apresentadas as formas “De como se interpretaria a Conferência do Nordeste”²²⁸ escrita pelo então presidente da Conferência e do Setor de Responsabilidade Social da Igreja (SRSI), Almir dos Santos.

Almir dos Santos nos mostra quais as interpretações que devemos ter sobre o evento em 1962 e faz isso a partir de um lugar de fala, específico, que é a presidência do SRSI e de alguém que acompanhou todo o processo de preparação da Conferência:

(...) a Conferência tornou-se uma realização sem precedentes na história do evangelismo brasileiro, pelo alto gabarito dos seus preletores, pela participação de elementos representativos dos vários grupos denominacionais e de muitos estados d'o Brasil e também de países estrangeiros, inclusive os Estados Unidos da América do Norte, e pela tremenda repercussão que os trabalhos da Conferência alcançaram fora do âmbito evangélico²²⁹.

De acordo com o Presidente da Conferência, o evento em Recife foi único. Além disso, o tema “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro” foi apresentado para o público da época e também para o leitor do Diário não apenas “do ponto de vista bíblico e teológico por três grandes líderes do evangelismo pátrio”²³⁰, mas também do “ponto de vista socioeconômico”²³¹. Essas palavras nos mostra que de acordo com de Almir dos Santos, a Conferência foi uma tentativa de juntar as “peças”, de seguir com um viés teológico protestante dinâmico e não isolado da questão social e política.

²²⁸ Almir dos Santos. In. CESAR, Waldo. *A Conferência do Nordeste (Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro)*, p.11

²²⁹Idem. Loc. cit.

²³⁰Idem, p. 12

²³¹ Idem, et. Seq.

Outra afirmativa interessante de Almir dos Santos é sobre o que *foi* o evento em 1962. “Uma tentativa de tomar contato com a realidade brasileira, interpretá-la à luz da revelação cristã, e buscar soluções evangélicas para os problemas do momento”²³². Esse ponto de vista chama a atenção para a forma de tratamento que o presidente do SRSI confere de modo geral a teologia, como se todos os cristãos enxergassem com os mesmos olhos a junção de Igreja e Política.

Após as interpretações de Almir dos Santos sobre a *Conferência*, Waldo César parte então para a narrativa que segue uma ordem cronológica dos fatos, ainda que ele mesmo diga que não houve uma preocupação em registrá-los desta forma. O nosso autor-narrador segue essa ordem e deixa claro para o leitor aquilo o que ele decidiu narrar que foram acontecimentos diários durante os oito dias de Conferência a começar na página 17.

2.2 Reuniões preparatórias

Para que a CNE acontecesse, algumas reuniões de organização foram realizadas. Ao todo foram 12 reuniões registradas em atas. A primeira reunião foi feita no dia 16 de dezembro de 1960 para tratar do local da Conferência, a IV Reunião de Estudos do SRSI²³³. Já a última ocorreu entre os dias 14 e 15 de junho de 1962 e foi destinada a temas mais gerais.

O jornal *Diário de Pernambuco* em 24 de março de 1962²³⁴ noticiou “Líderes evangélicos preparam no Recife reunião para debater problemas sociais”. De acordo com o jornal, essa reunião foi feita na Igreja Presbiteriana de Boa Vista e um dos entrevistados foi Almir dos Santos que afirmou ao jornal que a IV Reunião do Setor de Responsabilidade Social da Igreja propunha debater “os problemas sociais do Brasil, a luz da fé cristã”²³⁵. Foi dito também pelo entrevistado que no dia 30 de março de 1962 seria feita uma reunião aberta ao público na mesma Igreja com espaço para debates sobre o tema “A presença da Igreja no Processo Revolucionário Brasileiro”²³⁶

²³² Almir dos Santos. In. CESAR, Waldo. *A Conferência do Nordeste (Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro)*, p. 13.

²³³ CESAR, Waldo. Op. cit. p. 119

²³⁴ Líderes evangélicos preparam no Recife reunião para debater problemas sociais. *Diário de Pernambuco*. 24 de março de 1962, p. 3. Hemeroteca Digital. Acesso em 08/03/2016

²³⁵ Ibidem, p. 3

²³⁶ Líderes evangélicos preparam no Recife reunião para debater problemas sociais. *Diário de Pernambuco*. 25 de março de 1962. Loc. cit.

No dia 25 de março de 1962, no jornal *Diário de Pernambuco*, foi noticiado que “Líderes evangélicos estiveram com o Diretor da Sudene”²³⁷, com o propósito de conhecer a vida local no interior de Recife, se encontrar com Celso Furtado e Francisco Julião²³⁸, envolvidos na pauta da Reforma Agrária. Além disso, de acordo com o jornal, o intuito da visita era convidar Furtado para a IV Reunião do Setor. Essa matéria não deixa claro quem eram esses líderes, mas provavelmente dentre eles estava Almir dos Santos, pois no dia 24 de março, no mesmo jornal (parágrafo anterior do nosso texto), foi noticiada a preparação para o Evento que seria realizado em Julho.

Com as reuniões registradas em atas entre o final de 1960 e junho de 1962 e o fato de Almir dos Santos aproveitar o espaço da entrevista para convidar os leitores do jornal, nos mostra que o evento em um primeiro momento foi organizado às portas fechadas, mas que nos meses que antecederam a Conferência o público foi convidado não somente para ouvir mas também para participar.

Na quarta reunião (03/09/1961) foram discutidos temas como o orçamento da CNE e o lançamento do livro “Evangelização e Política” de Philippe Maury²³⁹. A referida obra, escrita por um protestante²⁴⁰ com título tão direto nos revela que temáticas aparentemente tão opostas estavam na pauta de discussões na preparação da Conferência.

Queremos lembrar ao nosso leitor que a Conferência foi um evento religioso fortemente marcado pela temática da política durante todos os debates. Assim, inicialmente estaria explicada a razão do título da obra que ainda seria lançada. Essa aparente oposição foi mais aprofundada no capítulo anterior, já que essa temática está inserida em um

²³⁷ Líderes evangélicos estiveram com o Diretor da Sudene. *Diário de Pernambuco*. 24 de março de 1962. Hemeroteca Digital. A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, SUDENE, foi criada em 1962 em Recife e teve como superintendente, Celso Furtado. Disponível in: http://www.centrocelsofurtado.org.br/geral.php?ID_M=482. Acesso em 18 de março de 16

²³⁸ Francisco Julião, em 1949 foi chamando para advogar pela Sociedade Agrícola e Pecuária de Pernambuco (Sapp), sediada no engenho da Galileia, em Vitória de Santo Antão. Posteriormente uma associação parecida foi formada no engenho da Galileia, em Pernambuco, conhecida como Ligas Camponesas. Disponível in: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/francisco_juliao.

²³⁹ Disponível para leitura: in: <https://archive.org/stream/evangelizacaoepo00maur#page/n5/mode/2up> Acesso em 14/05/15.

²⁴⁰ Para não perdermos o foco de nosso objeto, mas ao mesmo tempo não “passar em branco” [faremos aqui uma breve menção sobre o autor da obra] com base no que diz a edição brasileira, escrita pelo pastor Jorge Cesar Mota sobre Philippe Maury. De acordo com Mota, Maury é um teólogo francês da Igreja Reformada e era Diretor do Departamento do Conselho Mundial de Igrejas (pelos idos de 1962). Mota narra brevemente a trajetória de Maury. Ex-combatente da Segunda Guerra Mundial na resistência clandestina e após ter experimentado os horrores da guerra, teve uma experiência ecumênica com estudantes dos continentes africano, americano e asiático. Para o pastor francês, não tem como exercer a fé cristã sem envolvimento na política. Cabe lembrar que essas informações constam no livro disponível no link da nota anterior. Essa brevíssima informação servirá para situar o leitor sobre a análise do evento em Recife que dialogou com pessoas/campo político diferente do universo religioso assim como fez o Maury.

contexto histórico específico de certa teologia vinculada à Segunda Grande Guerra. A essência dessa teologia será apresentada e debatida também no capítulo um.

Cabe destacar que na publicação da juventude Metodista, *Cruz de Malta*, em maio de 1957, cinco anos antes da CNE, há uma propaganda sobre o lançamento de um livro, editado pela Comissão Igreja e Sociedade da Confederação Evangélica do Brasil, com o título “O Cristão e a Política” escrito por John C. Bennett, conforme vemos na imagem a seguir.

Imagem 1. “O Cristão e a Política”

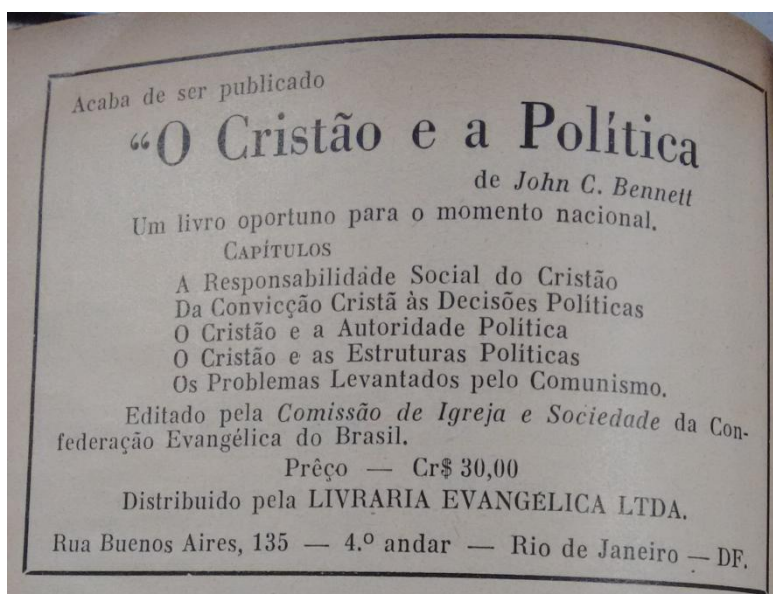


Imagem 1:” O Cristão e a Política”. John C. Bennett. *Cruz de Malta*, maio de 1957, p 42. Acervo da Biblioteca Nacional do Brasil

Essa publicação em uma revista voltada para o público jovem metodista nos aponta que havia um entusiasmo da CEB para que essa juventude tivesse acesso a relação entre protestantes e o mundo da política e das questões sociais.

No ano anterior à CNE foi realizada a quinta reunião, também registrada em ata (2/12/61). Nessa reunião foi criado o Centro de Estudos Brasileiro (CEEBRAS), encarregado de cuidar da Conferência²⁴¹.

²⁴¹CÉSAR, Waldo. *A Conferência do Nordeste. Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*. p. 121

No jornal metodista *Expositor Cristão* foi noticiada a criação do CEEBRAS. De acordo com o jornal, ficariam a cargo do Setor de Responsabilidade Social da Igreja o aprofundamento dos estudos por ele realizados e a administração do Centro²⁴².

De acordo com o editorial do *Expositor Cristão* o objetivo do CEEBRAS era “confrontar o pensamento teológico” com as questões político-sociais no país. Além disso, foram criados grupos de estudos dedicados a questões específicas, tais como reforma agrária e reforma universitária. Citaremos na íntegra os objetivos e a metodologia de trabalho do Centro:

1. Confrontação do pensamento teológico como os fatos e acontecimentos político-sociais do Brasil:
 - a) reunião de grupos especiais para o estudo de problemas específicos, conforme sua urgência (Reforma Agrária, reforma universitária, manifestos de natureza política e econômica, etc.);
 - b) elaboração de estudos especiais, por meio de pesquisas ou preparação de livros, comentários e traduções relacionadas com temas acima e os objetivos do Centro.
2. Canalização de esforços e movimentos, dentro e fora da Igreja, relacionados com a situação social brasileira. Em outras palavras, considerar com interesse [sic] e honestidade as lutas no sentido de reconstrução da sociedade.
3. Possibilidade de encontro de elementos em função de fronteira:
 - a) na política, economia, educação, sociologia, âmbito profissional em geral;
 - b) elementos comprometidos ou interessados em posições-chave na presente conjuntura social brasileira;
 - c) elementos preocupados com a renovação da própria Igreja em relação ao seu testemunho na sociedade, tendo em vista que essa renovação não se processa no vácuo, mas em função das necessidades do homem.
4. Preparação de elementos para ação na sociedade, através dos encontros mencionados, cursos, publicações. Igrejas, faculdade de teologia, etc., poderão solicitar ajuda neste sentido. Na medida de suas possibilidades o Centro fornecerá bolsas de estudo.
5. Documentação e informações sobre os acontecimentos.
6. Cooperação com órgãos similares nacionais e do exterior, de formação cristã ou não²⁴³

Os tópicos anteriores nos apontam que o CEEBRAS se esforçava em articular os grupos de debates sobre temas específicos, divulgação de livros e traduções de temas que fossem de interesse do Centro. Além disso, tinha como propósito se articular com grupos de “dentro” e também com os de “fora” bem como a renovação da própria Igreja e seu “testemunho na sociedade”.

²⁴²O CEEBRAS foi fundado em 02 de dezembro de 1961, pelo Reverendo Almir dos Santos, por ocasião dos 6 anos de atividade do Setor de Responsabilidade Social da Igreja. *Expositor Cristão*. 1º de abril de 1962. Ano 77. Número 7, p. 1

²⁴³*Expositor Cristão*. 1º de abril de 1962. Ano 77. Número 7, p. 1. Acervo da Biblioteca Nacional - Brasil

De acordo com a matéria no *Expositor Cristão*, o CEEBRAS aguardava a liberação de verba para que se estruturasse e assim prosseguisse com o seu trabalho. Nesse contexto, o corpo de “assessores” teria em sua formação elementos que representassem as “Igrejas e especialistas renomados.”²⁴⁴

De acordo com a lembrança de César, o Centro de Estudos seria um projeto para cinco anos. O Conselho Mundial de Igrejas apresentava um “apoio financeiro muito bom para viagens, estudos, debates, e nós começamos a promover várias reuniões de estudos”²⁴⁵, deste modo o Conselho funcionou como órgão de fomento para as reuniões de estudo.

De acordo com o *Expositor Cristão* e o *Diário* os objetivos do CEEBRAS foram alcançados à medida que os tópicos, citados acima, está relacionado com que foi discutido em Recife, conforme veremos no presente capítulo.

Outra ata que nos chamou atenção foi a da sétima reunião (12/02/1962). Nela, constam informações sobre as razões que sustentam o tema da Conferência, enquanto resultado de um esforço para pensar a realidade social a nível internacional e nacional enfatizando o Nordeste. Tal esforço estaria baseado em fundamentos para interpretação “teológica da responsabilidade social da igreja; Interpretação dos movimentos sociais e ideológicos; Posição da Igreja com relação a problemas específicos: reforma agrária, desenvolvimento, etc.”²⁴⁶. Esses apontamentos registrados na reunião foram reafirmados por Waldo César em entrevista ao Jornal do Brasil, conforme veremos adiante.

Esses fundamentos registrados em atas, meses antes da CNE, que Waldo César apresenta no *Diário*, faz-nos pensar em uma praticidade e um manejo de fé protestante que está vinculado a questões que faziam parte da pauta cotidiana dos idos de 1960 e que de certa maneira pode ser visto no Nordeste e especificamente em Recife.

2.3 - O Nordeste, “região problema”

O Nordeste era visto como uma “região problema” diante da miséria, da seca, pelos índices de mortalidade infantil e pela baixa qualidade na saúde e na educação²⁴⁷.

²⁴⁴*Expositor Cristão*. 1º de abril de 1962. Ano 77. Número 7, p. 1. Acervo da Biblioteca Nacional - Brasil

²⁴⁵ Entrevista de Waldo César à revista eletrônica Novos Diálogos. *Waldo César: vida e compromisso com a responsabilidade social da igreja*. In: << <http://www.novosdialogos.com/artigo.asp?id=596>>. Acesso em 29 de agosto de 2015

²⁴⁶ CESAR, Waldo. *A Conferência do Nordeste (Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro)*, p. 122

²⁴⁷ Cf. <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Politica/MovimentosSociaisCampo> Acesso em 11 de setembro de 2015.

De acordo com Vânia Lousada Moreira, o presidente Juscelino Kubitschek (1956-1951) não tinha grandes interesses na definição de uma política agrária²⁴⁸. Esquivou-se em resolver questões sobre os conflitos no campo, os movimentos políticos e sociais como “as Ligas Camponesas que agitavam o Nordeste, a crescente organização do sindicato rural ou, ainda, outros tantos movimentos rurais, inclusive armados, que surgiram no Sul, Sudeste e Centro-Oeste”²⁴⁹

Segundo a historiadora, Bruna Marques Cabral²⁵⁰, o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek (JK), alcançou certo sucesso mas não contemplou diversos setores sociais²⁵¹. Grande parte da população continuou à margem dos avanços acarretados pelo desenvolvimento, promessas não foram cumpridas, os sertanejos não mudaram seu nível de vida, muito menos as disparidades regionais foram ultrapassadas²⁵².

Cabral afirma que diante dos efeitos limitados do Plano de Metas, “a luta pela cidadania política dos trabalhadores rurais também estabeleceu uma nova realidade na história social do Brasil”²⁵³. Dessa maneira, os movimentos no campo, especificamente, as Ligas Camponesas, chamaram a atenção de religiosos para entender o que estava acontecendo, como fizeram o metodista Almir dos Santos e o padre Melo.

Em 15 de junho de 1962, foi noticiado no jornal *Expositor Cristão* a visita do Rev. Almir dos Santos no Engenho da Galileia, local de fundação das Ligas Camponesas para entrevistar Celso Furtado e o Padre Melo²⁵⁴

Imagem 2 “Almir dos Santos no Nordeste vai ao Engenho da Galiléia (*sic*), entrevista Celso Furtado, Padre Melo e nos traz a declaração de que nós fazemos um Pique-Nique sobre um vulcão”.

²⁴⁸MOREIRA, Vânia Maria Lousada. “Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural” In: FERREIRA, Jorge (org.). *O Brasil Republicano (Volume 3)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 157-194

²⁴⁹Idem, p. 184

²⁵⁰CABRAL, Bruna Marques. *Do clero para todo clero. A Revista Eclesiástica Brasileira e a Reforma Agrária (1950-1964)*. Autografia. Rio de Janeiro. 2015.

²⁵¹Idem, p. 109. Plano de Metas era o plano desenvolvimentista de JK que estava distribuído nos setores: energético, transporte, alimentação, indústria de base e educação. Cada setor, em conjunto, visava a ampliação industrial. Cf. MOREIRA, Vânia Maria Lousada. Op. cit., 159

²⁵²Idem, p. 109

²⁵³Idem, loc. cit

²⁵⁴Em relação a luta no campo, Padre Melo, ficou ao lado de 300 famílias que foram despejadas de seus lares de forma arbitrária. Cf. BEULKE, Dorival. A grande fogueira”. Cruz de Malta, p.16-18 (jan./fev. 1962). Apud CUNHA, Magali (orgs). *“As igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste”*. São Paulo. ASTE. 2012

ALMIR DOS SANTOS NO NORDESTE VAI AO ENGENHO GALILEIA, ENTREVISTA GELSO FURTADO, PADRE MELO E NOS TRAZ A DECLARAÇÃO DE QUE NÓS FAZEMOS UM —

PIQUE-NIQUE SÓBRE UM VULCÃO

ESTEVE RECENTEMENTE em Recife, preparando a "Conferência do Nordeste" do Setor de Responsabilidade Social da Igreja da Confederação Evangélica do Brasil, o Rev. Almir dos Santos, professor de nossa Faculdade de Teologia. De volta em São Paulo foi ele procurado por nossa reportagem para dizer de suas impressões do contato tido com o povo daquela zona brasileira, economicamente deflagrada.

— O que foi que o prezado irmão viu no Nordeste?

— O contraste gritante entre dois grupos — uma cidade como Recife, bonita, bem asfaltada, com todos os recursos da civilização, e cercada de um colar de mocambos, onde a existência é a mais precária possível. Vi miséria indescritível. Aqui no Sul há pobreza, mas no Nordeste há miséria. Visitei a "Casa da Criança", que procura atender a um pouco deste clamor. Lá as mães podem levar os seus filhos e deixá-los por 48 horas apenas, para casos de desidratação e desnutrição, por exemplo. O número é tão grande de crianças, que vi duas em cada cama. Quando apontei isto à enfermeira encarregada ela me disse que aquelas lá as camas estavam "folgadas" — porque geralmente são três crianças em cada cama.

— Visitamos uma fazenda no "agreste", zona de seca. As famílias vêm de duas léguas para lavar a roupa, dar água ao gado e levar água para beber. E a água é a mesma para todos os três serviços. Vi ali umas filhas. Perguntei a uma secheta a respeito das lides do campo e que "tempo" era aquele. E ela me respondeu: — Agora é tempo de passar fome, "seco" mógo. Só em Recife as estatísticas acusam 200.000 desempregados. Na casa pastoral de nossa missão em Recife, às horas das refeições, é um sem fim de esmoleiros pedindo comida.

— Como é que a liderança do Nordeste está encarando esta situação?

— Entre os evangélicos notei uma preocupação pelo que possa resultar deste estado de coisas. Um irmão me disse: — Nós estamos fazendo pique-nique em cima de um vulcão!

CONTINUA A PAG. 3

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA METODISTA DO BRASIL

EXPOSITOR CRISTÃO

Ano 77 — N.º 12 São Paulo, 15 de junho de 1962

A revolução social brasileira é como um trem em movimento. Cabe à Igreja resolver se o apanha ou fica para trás



Fonte: Expositor Cristão. Ano 77, nº 10, 15 jun 1962.

Em entrevista ao *Expositor*, Rev. Almir dos Santos destacou o contraste que havia na cidade de Recife. Uma bela cidade contornada de mocambos. Em uma fazenda no agreste, relata que famílias andam longas distâncias para lavar roupas, dar água ao gado e levavam essa mesma água para beber. O Rev. afirma que os evangélicos estão preocupados com essas questões e afirma que um irmão havia dito que “nós estamos fazendo um pique-nique em cima de um vulcão”. No *Diário*, essa afirmação foi mencionada por Waldo Cesar, mas sem muita precisão de quem havia dito no jornal dado o contexto em que ela foi citada.

No *Diário* há uma breve menção sobre o Nordeste visto sob o ponto de vista internacional, especificamente dos Estados Unidos, de acordo com César:

Mas por que o Nordeste? Em primeiro lugar, porque o Nordeste se tornou centro das preocupações da política nacional e internacional. O próprio presidente Kennedy enviou o seu irmão para estudar os problemas daquela região. Outros grupos, inclusive bispos católicos, lá estiveram reunidos e fizeram pronunciamentos públicos sobre a situação nordestina dentro da situação brasileira. Em segundo lugar, porque o nordeste apresenta o ponto mais crítico da crise brasileira. Podemos citar, para lembrar aos diletos irmãos que Recife, capital do nordeste e local eleito

para a realização da Conferência, é chamada de “a Moscousinha brasileira”, a pequena Moscou brasileira²⁵⁵

Sobre a situação do Nordeste, o jornal *O Globo*, no dia 23 de julho de 1962 (segundo dia dos trabalhos da CNE), noticiou que o “Drama do Nordeste Brasileiro” foi exibido em um programa de TV (não citado na matéria) pela emissora *National Broadcasting Company*. O programa foi narrado pelo correspondente da emissora no Rio de Janeiro, Wilston Hall²⁵⁶

No referido programa, Hall afirmou que para retirar o Nordeste da difícil situação, o governo juntamente com a Aliança para o Progresso iria precisar da cooperação de latifundiários, Igreja e da população de modo geral. O repórter afirmou que “será uma tarefa árdua contra uma oposição tenaz e concentrada, pois os latifundiários enriquecidos dizem que jamais mudará”²⁵⁷

Em entrevista ao Jornal do Brasil, Waldo César, justifica a escolha do local:

Toda a Conferência foi planejada de forma que seus objetivos estivessem evidentes. A escolha do local, Recife, foi determinada pelo fato de ser a capital Pernambucana um dos mais sérios sinais da crise presente e do contraste da vida brasileira. Embora estas características do Brasil estejam em toda parte, no Recife elas são de uma evidência chocante, desde o belo aeroporto internacional, aonde os guris maltrapilhos cercam os passageiros e apontam para os sanduíches que eles comem (...) Alguém definiu a tranquilidade de certos senhores e instituições, naquela cidade, como um piquenique em cima de um vulcão²⁵⁸

Por outro lado, a palavra *Revolução* é explicada ao Jornal como uma perspectiva cristã de mudança na estrutura social e não como uma ação violenta²⁵⁹. Em entrevista para a revista eletrônica *Novos Diálogos*, Waldo César rememora o tema da “responsabilidade social da igreja”, explicando que a expressão era a única que dava conta de explicitar um real compromisso de mudança, pois naquela época, embates e debates se davam entorno

²⁵⁵ CÉSAR, Waldo. CESAR, Waldo. *A Conferência do Nordeste (Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro)*, p 24

²⁵⁶ Cf. “O drama do Nordeste brasileiro na TV dos EUA”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 23 de Julho de 1962. p 6. Acervo da Biblioteca Nacional - Brasil

²⁵⁷ Ibidem, p. 6

²⁵⁸ Entrevista de Waldo Cesar ao Jornal do Brasil. *Evangélicos debatem no NE “Cristo e a Pré-Revolução”*. 1º Cad. Quarta-feira, 8-8-62, p. 10. Edição 00183. Biblioteca Nacional. Jornal do Brasil.

²⁵⁹ Idem Loc. cit

das reformas de base, do então presidente João Goulart, e das Ligas Camponesas de Francisco Julião²⁶⁰

Na presidência de João Goulart a temática das reformas estava em cena. Tais reformas eram um “conjunto de medidas que visava alterar as estruturas econômicas, sociais e políticas do país”²⁶¹. As reformas eram amplas, direcionadas aos setores bancário, fiscal, administrativo, urbana e universitário, além de ampliar o direito de voto aos analfabetos e a legalização do Partido Comunista Brasileiro (PCB), assim como o controle do capital estrangeiro, do monopólio estatal e de setores estratégicos da economia²⁶².

Diante dessa movimentação em torno das reformas, a palavra *Revolução* tinha a capacidade de expressar a mudança que a sociedade queria e no qual setores da Igreja Protestante iriam se envolver.

De acordo com o artigo do Professor e Pastor Zwinglio Mota Dias, a Conferência “assumiu as teses do Governo João Goulart advogando pelas Reformas de Base (Agrária, Bancária, Urbana, Eleitora e Universitária)”²⁶³. Além disso, era um momento de grandes mudanças e essas davam o tom na vida política, cultural e social. Para os cristãos envolvidos no SRSI, o Nordeste simbolizava o atraso a ser superado e uma forma dos cristãos terem o mesmo desejo de mudança de seus compatriotas, afirma o autor.²⁶⁴

Dorival Rodrigues Beulker na época da CNE era integrante da Comissão Local da Conferência. Beulker é pastor metodista aposentado, professor e diretor do Instituto Metodista de Ensino Superior. De acordo com o pastor, Recife era o foco das preocupações, tanto interna quanto externamente, pois havia sido visitado pelo irmão do presidente dos EUA na época, John Kennedy, bem como a visita de bispos católicos e nas palavras do autor:

Recife, considerada a capital do Nordeste e local eleito para a realização da Conferência, estava sendo atualmente conhecida como a

²⁶⁰ CÉSAR, Waldo, Revista Novos Diálogos *Waldo César: vida e compromisso com a responsabilidade social da igreja*. Disponível in: file:///C:/Users/PC/Desktop/Novos%20Di%C3%A1logos.html. Acesso em 25/06/15

²⁶¹ FERREIRA Jorge, “Sociedade e Esquerda no Brasil” In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes (Org). *Democracia e ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

²⁶² *Ibidem*, p. 97

²⁶³ DIAS, Zwinglio Mota. *A Conferência do Nordeste de 1962: um intento de encarnação*. In. CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs). *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012.

²⁶⁴ *Idem*, loc. cit

“Moscouzinha Brasileira”. E o Nordeste, por sua vez, tinha sido apelidada de “Cuba Brasileira” ou “Estopim da Revolução”²⁶⁵

Essas duas pontuações de Beulke e Mota Dias revelam o momento sociopolítico da época, que somado ao movimento teológico protestante, contribuíram para o desdobramento da Conferência. Além disso, a juventude foi impactada com essa efervescência, mas encontrou dentro do universo protestante a reação conservadora.

Em entrevista Mota Dias afirmou que:

A Conf. do Nordeste impactou positivamente os movimentos de estudantes e jovens das igrejas, ávidos por uma nova interpretação teológica da realidade brasileira e do papel das igrejas nelas. Isto gerou muitos conflitos com os grupos conservadores que tinham o controle do poder nas igrejas²⁶⁶.

Convém destacar, por exemplo, Dorival Beulke como partícipe da CNE e Zwinglio Mota Dias, um dos que acompanhou o processo, configuram-se em uma “comunidade afetiva”²⁶⁷ pois as suas memórias se comportam de maneira a desempenhar uma unidade dentro do setor protestante que compartilha das lembranças da Conferência ao “acentuar as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo”²⁶⁸.

Essas lembranças não formam apenas um conjunto de testemunhos do passado. É importante que essas memórias tenham pontos de contato entre elas para assim formem uma base comum de lembranças a respeito da CNE²⁶⁹.

2.4 - A Conferência

O cartaz feito para divulgar o evento, media 1 metro por 70 cm²⁷⁰, nele constava uma cruz em meio a instrumentos de trabalho do campo conforme vemos na imagem abaixo do Salão Nobre do Colégio Agnes²⁷¹

²⁶⁵Idem, p. 20

²⁶⁶MOTA Dias, Zwinglio. Por e-mail em 30 de janeiro de 2015

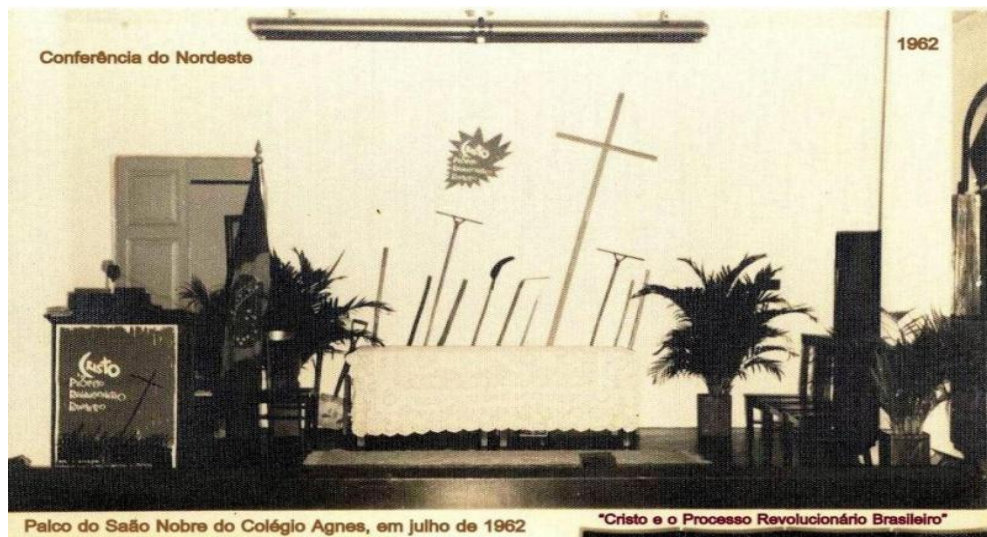
²⁶⁷POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989

²⁶⁸Idem, p. 3

²⁶⁹Idem, p. 4

²⁷⁰Ibidem, p. 31

Imagem 3 - Conferência do Nordeste, *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*,
Salão Nobre do Colégio Agnes Erskine, Recife, julho de 1962



Fonte: VILELA, Márcio Ananias. *Diálogos entre religião e política: discursos e práticas da Igreja Presbiteriana do Brasil durante as décadas de 1960 e 1970*. Tese de Doutorado em História, UFPE, Recife, 2014.

Em entrevista, em 2008, Waldo César afirma que o cartaz foi encomendado à Claudius Ceccon²⁷² e que deu alguns problemas. O cartaz dispunha de uma uma cruz, ladeada por ferramentas agrícolas, dentre elas a foice, tendo o tema *Cristo E o Processo Revolucionário* escrito em vermelho²⁷³. Em uma das reuniões da CEB, Ceccon e Waldo foram convocados para explicarem o porquê do vermelho. Waldo César destacou que o vermelho era uma cor litúrgica²⁷⁴ Essa rememoração nos revela que a Confederação Evangélica do Brasil apresentava certo cuidado ou temor com o comunismo ateu.

²⁷¹ Segundo o sítio da instituição, “O atual Colégio Presbiteriano Agnes Erskine foi fundado a 16 de agosto de 1904 com o nome de Colégio Americano de Pernambuco. Sua história está ligada ao trabalho missionário presbiteriano do Norte do Brasil: Cf. link <http://www.agnes.com.br/colégio.php#identidade>. Acesso em 14/05/15.

²⁷² Silvius Petrus Claudius Ceccon era arquiteto, jornalista, caricaturista. Iniciou sua carreira de jornalista em 1952 como auxiliar de paginador da revista *O Cruzeiro*. Em 1954 realizou caricaturas políticas para o *Jornal do Brasil*. No ano de 1964 trabalhou na revista *Pif-Paf*, dirigida por Millôr Fernandes (1923). Em 1969 integra a equipe de fundadores do jornal *O Pasquim*. Disponível em: http://www.catalogodasartes.com.br/Detailhar_Biografia_Artista.asp?idArtistaBiografia=3685 Acesso em 16 de julho de 2015 Cf. MOTA, Zwinglio Dias (Org.) *Memórias Ecumênicas Protestantes Os Protestantes e a Ditadura: Colaboração e Resistência*. Rio de Janeiro: koinonia Presença Ecumênica e Serviço, 2014.

²⁷³ CÉSAR, Waldo. *Waldo César: vida e compromisso com a responsabilidade social da igreja*. Loc. cit.

²⁷⁴ CÉSAR, Waldo. Depoimento [jan. 2008]. Entrevistadores: R. Oliveira et al. Rio de Janeiro: Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, 2008. *Fita 2, lado A*. Entrevista concedida ao Projeto Trajetórias Ecumênicas

Entendemos o cartaz de forma muito significativa pois oferece elementos para refletirmos as questões da época bem como o tom da Conferência em si. O *C* de Cristo parece uma foice e a letra *T*, um martelo. O desenho das letras faz todo o sentido de estarem ali, diante dos debates da época em torno da Reforma Agrária. Naquela época, as Ligas Camponesas estavam intensamente atuantes bem como as disputas em torno da reforma agrária. Não podemos esquecer que antes da Conferência, líderes foram à Recife e entrevistaram Francisco Julião, conforme vimos nos parágrafos acima.

No *Diário* constam também as denominações protestantes que estiveram presentes: batistas, congregacionais, episcopais, luteranos, metodistas, reformados, presbiterianos e pentecostais, somando 16 estados, incluindo Pernambuco. Embora não citadas nominalmente, segundo informações de Waldo César havia representantes de igrejas protestantes de outros países como Estados Unidos, México e Uruguai.

O evento contou com a participação do Bispo Almir dos Santos (Igreja Metodista) João Dias Araújo (Igreja Presbiteriana), Joaquim Beato (da Igreja Presbiteriana Unida) e Rubem Alves (Igreja Presbiteriana), Rev. Oton Dourado, Bispo José Pedro Pinheiro (Igreja Metodista), Carlos Cunha, Rev. Sebastião Gomes Moreira (Igreja Presbiteriana Independente do Rio de Janeiro), Rev. e também reitor do Seminário Presbiteriano do Centenário, Joaquim Beato.

Estiveram presentes, especialmente no primeiro dia, representantes do mundo da política como o governador de Pernambuco, Cid Sampaio²⁷⁵ o presidente da Câmara dos Deputados, Paulo Guerra²⁷⁶; o prefeito de Palmares²⁷⁷ e presbiteriano Luiz Portella²⁷⁸.

Waldo Cesar registra também a presença do comandante da VII Região Militar, cujo nome não é citado²⁷⁹. Em um vídeo publicado em dois de abril de 2014, o autor

de Koinonia Presença Ecumênica e Serviço. Por cor litúrgica entendemos o vermelho em alusão ao sangue de Jesus.

²⁷⁵Cid Feijó Sampaio foi governador de Pernambuco entre os anos de 1959 e 1962. Cf. <http://www.pe.gov.br/governo/galeria-de-governadores/cid-feijo-sampaio/> Acesso em 02/09/2015

²⁷⁶ Paulo Pessoa Guerra à época da Conferência foi Deputado Estadual em Pernambuco, eleito em 1959. Em 1963 foi eleito vice-governador de Miguel Arraes. Cf. <http://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/2180> Acesso em 02/09/2015

²⁷⁷ O nome da cidade, Palmares, “recorda a rebelião dos escravos africanos que, de 1630 a 1697, constituíram um reino ou confederação de quilombos, que recebeu a denominação de Palmares”. Sua economia está pautada na no açúcar. Cf. <http://www.palmares.pe.gov.br/a-cidade/> Acesso em 02/09/2015

²⁷⁸ Luis Portela de Carvalho, foi prefeito da cidade de Palmares em 1959. Em seu mandato, desapropriou a Usina Treze de Maio para ampliar os bairros de Santo Onofre e Santa Luzia. Cf. <http://www.portalpe10.com.br/2013/noticias/destaques/265/1/especial-luis-portela-de-carvalho-o-homem-que-redescobriu-palmares>. Acesso em 02/09/15.

²⁷⁹CÉSAR, Waldo. *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste (diário)*. Rio de Janeiro: Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, 1962. p. 23

rememora a CNE com os preletores e as autoridades. Sobre a presença do chefe de polícia, Waldo cita-o com um sorriso frouxo, sem saber o porquê de uma autoridade militar estar presente em um evento religioso²⁸⁰.

Fez parte da mesa de abertura todo o corpo organizacional da Conferência. O Rev. Messias Amaral dos Santos (vice-presidente da CEB); Rev. Hermes Silva, (presidente da Comissão Organizadora Local); o Rev. Guanais Dourado (presidente regional da CEB); o Rev. Almir dos Santos (presidente do SRSI); Carlos Cunha (secretário-executivo da CNE) e Waldo Cesar (secretário-executivo do SRSI).²⁸¹

Waldo Cesar registra que na abertura do evento foi cantando o hino nacional e foram feitas orações, partindo então para a narrativa dos debates empreendidos, além de descrever o cenário social da cidade de Recife naquela época. A descrição dos acontecimentos e ações relacionadas com o pensamento teológico e com algumas abordagens sócio-políticas da realidade brasileira daquela época revela como certos setores do protestantismo estavam buscando dialogar com tal realidade.

De acordo com o cientista político Joanildo Burity em sua obra *Fé na Revolução: Protestantismo e o Discurso Revolucionário Brasileiro (1961-1964)*, o empenho dos protestantes “em refletir sobre questões políticas não é uma aparição tardia deste século”²⁸², pois lideranças da Reforma Protestante do século XVI, como Lutero, Calvino, Müntizer, entre outros, refletiam sobre o universo político. De acordo com o autor, existe, em certa medida, uma tradição do protestantismo em dialogar com o que acontece na sociedade.

A Conferência do Nordeste é um símbolo dessa herança protestante. Ela foi o último fôlego de setores do protestantismo que se articulou com setores da sociedade para discutir a “realidade brasileira” e propor mudanças à luz do pensamento cristão. Após o Evento muitos dos que estiveram em Recife perderam seus cargos/funções tanto na CEB quanto na Igreja. Waldo César em suas lembranças, destaca que chegou a pastorear uma Igreja Presbiteriana em Laranjeiras, no Rio de Janeiro e afirma que não podemos esquecer que por outro lado, aqueles protestantes que se colocaram contra essas articulações dos conferencistas do nordeste também estavam em diálogo com a sociedade que temia o avanço do comunismo.

²⁸⁰ Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xxxshAqA7C8> Acesso em 06/09/15

²⁸¹ CÉSAR, Waldo. Op. cit., p. 40

²⁸² BURITY, BURITY, Joanildo. *Fé na Revolução. Protestantismo e o discurso revolucionário brasileiro (1961-1964)*. Rio de Janeiro. Novos Diálogos. 2011, p. 121.

2.4.1 “Revolução do Reino de Deus. Revolução controlada e prevista.”

A preleção de abertura foi com o Rev. Almir dos Santos, no domingo, dia 22 de julho, com o título “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro” com uma abordagem teológica no Evangelho de Lucas 4:18-19. Nessa referência bíblica, de acordo com o Reverendo, Jesus teria iniciado seu ministério com o chamado “Manifesto de Nazaré”, nomenclatura dada por Almir dos Santos para essa passagem bíblica. No referido “Manifesto” são oferecidas “as bases para uma reconstrução total da sociedade”²⁸³.

Waldo César oferece ao leitor a sua interpretação da preleção oferecida pelo Rev. Almir:

[...] Que é que caracteriza o processo revolucionário que atravessamos? É uma revolta generalizada contra a situação atual e a luta para sair do subdesenvolvimento. Certas expressões aparecem quando se levanta esse problema: autodeterminação, nacionalismo, revolução social. Mas o orador afirmou que não era técnico nesses assuntos. Era ministro de Deus. Ia falar, portanto, do Evangelho e trazer a sua mensagem para o momento²⁸⁴.

De acordo com a narrativa, vemos que o Rev. Almir comentou sobre a sociedade brasileira e indagou aos seus ouvintes o que caracterizava o “processo revolucionário” que atravessavam naquela época. O Rev. explicou que se tratava de uma “revolta generalizada contra a situação atual e a luta para sair do subdesenvolvimento”²⁸⁵.

Ainda de acordo Waldo César, o Rev. Almir explica aos presentes na Conferência o texto do Evangelho de Lucas: “O Espírito do Senhor é sobre mim, Pois que me ungiu para evangelizar os pobres”²⁸⁶ e em seguida explica:

Que significa a afirmação de Jesus de que veio para *evangelizar os pobres*? Os pobres são os economicamente deserdados. Que seriam as boas-novas para os pobres? Torná-los contentes com a sua pobreza? Se assim fosse, valeria a acusação de que a religião é um ópio. Que seria, então? Oferecer-lhes recompensa no outro mundo? Nesse caso, a religião não seria operante nas relações humanas neste mundo. As únicas boas-novas eficazes seriam as de que não haveria mais pobres. A pobreza pode e deve ser abolida²⁸⁷.

²⁸³ CÉSAR, Waldo. *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste (Diário)* p., 41

²⁸⁴ *Ibidem*, p., 42

²⁸⁵ César, Waldo, CÉSAR, Waldo. *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste (diário)*. Rio de Janeiro: Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, 1962, p. 43

²⁸⁶ Bíblia de Estudo Plenitude. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil. 2005

²⁸⁷ *Ibidem*, p. 23

Esse ponto de vista revela certo tipo de leitura teológica do Rev. Almir, que contesta a aceitação da pobreza como algo vindo de Deus e devendo então ser abolida, e não aceita pelos pobres como uma recompensa vindoura²⁸⁸.

O narrador segue na descrição da comunicação do Rev. Almir, que defendia a ideia de que a fé cristã passava, então, por dois perigos ao confrontá-la com a “situação social”²⁸⁹; “aceitar um programa de ação, mas negar a dinâmica do Espírito, o poder de Deus. Isto é humanismo. Ou então aceitar essa dinâmica mas negar um programa de ação. O plano sem o poder é mera ficção; o poder sem plano é simples nulidade”²⁹⁰. Os dois, podem criar um novo mundo²⁹¹. Essa colocação nos revela que a religião pode interagir com a política, mas a esfera religiosa não abrirá mão da sua perspectiva de ver o mundo e a sua política.

No dia 23 de Julho, os trabalhos da conferência se iniciaram com uma mesa sobre o tema “O Nordeste no Processo Revolucionário Brasileiro”, proposta de Celso Furtado. Waldo César apresenta ao leitor do seu *Diário*, “o jovem Furtado, economista, nordestino e Superintendente da SUDENE”²⁹². Como um filho do Nordeste, dirige-se ao auditório com pessoas que possuem o mesmo objetivo que era a melhoria de vida dos seus irmãos²⁹³. Não vemos muita clareza na narrativa da comunicação do economista.

Segundo a narrativa de Waldo César, Furtado explicaria os motivos para o momento “pré-revolucionário”; Tais motivos estavam relacionados à concentração de riquezas que excluem as massas rurais “que constituem a maioria do povo brasileiro”²⁹⁴; “a dualidade estrutural” da sociedade polarizada em urbano e rural. A cidade desenvolvia-se com “a renda aumentando dia a dia, e onde as classes operárias vêm obtendo maior participação na riqueza e aumentado seu poder de reivindicação” na direção oposta está o trabalhador rural “vivendo num regime econômico para-feudal, preso à terra, com baixa

²⁸⁸Esse tipo de leitura teológica sobre a pobreza veremos no capítulo 1.

²⁸⁹CÉSAR, Waldo. *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste* (diário), p. 43

²⁹⁰ Ibidem, Loc. cit

²⁹¹ Ibidem, Loc. cit

²⁹²Criada em dezembro de 1959, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, era uma forma de intervenção do Estado no Nordeste com o objetivo de desenvolver a região. “Sua instituição, envolveu, antes de mais nada, a definição do espaço que seria compreendido como Nordeste e passaria a ser objeto de ação governamental: os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia e parte de Minas Gerais”. E conjunto esses estados compunham 30% da população brasileira. Cf. <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/Sudene>. Acesso em 30/07/2015.

²⁹³CÉSAR, Waldo. Op. cit., p. 52

²⁹⁴Ibidem, p., 53

produtividade, em condições precárias, sem nenhuma ou quase nenhuma participação política, seja no sentido estrito ou no sentido reivindicatório”.

Além dessas questões há também um movimento que busca novas formas de mudanças sociais “que seria, em última análise, a Revolução Brasileira”²⁹⁵. Tal revolução é algo “controlado e previsto”²⁹⁶.

Após as palavras de Celso Furtado, é chegado o culto. O ritual sagrado, a Ceia do Senhor, veio acompanhado da pregação do episcopal, pároco da Igreja do Redentor (RJ), o Rev. Rev. Curt Kleemann. O foco das palavras do Rev. foi sobre a “responsabilidade social” e segundo a narrativa de Waldo César, a relação da Igreja com o “mundo necessitado” não era nova pois de acordo com o livro de Atos 2: 42, 44 e 45: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações (...) E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um tinha necessidade”²⁹⁷.

Segundo as interpretações de Waldo César sobre a Ceia do Senhor como centro da “responsabilidade social”:

E que significam o pão e o vinho, que representam eles senão nossa estrutura social e econômica? O pão e o vinho são produtos manufaturados. Eles constituem um símbolo de nosso sistema econômico eivado de injustiça e pecado; simbolizam, por assim dizer, a vida de todos os que participaram de sua produção. No pão está o lavrador humilde e espoliado que lançou a semente na terra e a colheu. No pão está o senhor da terra e até o latifundiário... (não nos esqueçamos disso para não cairmos no pecado da idolatria, considerando filhos de Deus apenas uma parte da humanidade). No pão está o governo com seus impostos, o sistema econômico que o produziu. No pão estão os empregados e empregadores e até as longas filas de pessoas cansadas²⁹⁸

Waldo continua dizendo que os participantes da Ceia precisam ter a dimensão social em um “simples pedaço de pão e de um cálice de vinho a Deus”. Parece-nos que a preocupação da Igreja com o “mundo necessitado” não é algo novo, oriundo do Pós-Grandes Guerras, mas algo que é desde o início do cristianismo e da prática cristã. O narrador-personagem trouxe para si, a responsabilidade ao registrar que o Rev. Kleemann

²⁹⁵ CÉSAR, Waldo. *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste (diário)*. Ibidem, p. 53

²⁹⁶ Ibidem, loc. cit

²⁹⁷ Bíblia de Estudo Plenitude. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil. 2005

²⁹⁸ Ibidem, p. 55.

“falou sobre a Ceia do Senhor como o ponto focal de nossa responsabilidade social”²⁹⁹ revela que compete aos cristãos essa responsabilidade.

No *Diário* há uma descrição de como era a cidade de Recife. No tópico *A cidade e a Conferência* consta que os participantes se dedicaram a atividades turísticas.

César salientou o que Josué de Mello, partícipe do Setor de Responsabilidade Social da Igreja, “colheu” da cidade:

Dona Julieta, 19 anos. Paga Cr\$ 400,00 de aluguel do barraco aonde [sic] mora com a tia. Está a procura de um homem que possa sustentá-la, mas não o encontra. Não tem religião e está descrente dos poderes públicos. Dona Martinha, 9 filhos. Mora na favela há quinze anos (...) os filhos não estão na escola porque não tem roupa. Dois dos quais já são rapazes e vivem desempregados (...) Segundo as palavras de D. Martinha: “Não aguento mais. Eu vou começar a roubar. A dor da fome é muito dura. Estou doida que o comunismo chegue, pelo menos vai tirar cabedal de muita gente.” Em uma “fábrica de pamonhas” com cinco operários, o dono, tão pobre quanto seus operários. Estavam conversando sobre Julião e o “levante”. Um dizendo que queria revolução, outro dizendo que não, porque vindo a revolução não podia mais vender suas pamonhas. E daí todos morreriam de fome³⁰⁰.

No *Diário*, Waldo César afirma que, em geral, as igrejas sentem a necessidade de interagir com a sociedade. Dessa forma, a Conferência é um grande esforço para tal interação, dado a participação de tantas igrejas. Entretanto há a imprescindibilidade de solucionar outros problemas sociais no Brasil³⁰¹.

Nas páginas finais do *Diário*, Waldo afirma que encontrou sobre sua mesa dois documentos. Um se tratava de um pronunciamento de ministros protestantes cearenses sobre a situação dos camponeses que não possuem terra e são explorados por grandes agricultores e assim não colhem dos frutos de seu trabalho. É curioso que protestantes de outro estado do Nordeste tenham ido à Recife e se mostram envolvidos na pauta da reforma agrária e que de esses cearenses não estavam no Setor ou mesmo na CEB para se importarem com as questões do campo. A maneira que Waldo narra, parece-nos desconhecer o trabalho desses protestantes cearenses.

Entre os papéis que encontrei na minha mesa havia dois dentro dessa preocupação. Um do Conselho de Ministros Evangélicos do Ceará, que

²⁹⁹ Ibidem, loc. cit.

³⁰⁰ CÉSAR, Waldo. *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste (diário)*, Ibidem, p, p 73

³⁰¹ CÉSAR, Waldo. p. 96

fazia pronunciamento sobre a reforma agrária (...). O Conselho de Ministros Evangélicos do Ceará (...) falando no sofrimento do camponês e na importância de reconhecer a sua dignidade: o homem criado livre tem "o direito de procurar viver feliz na seara que Deus plantou e lhe entregou para cultivar e se beneficiar com os seus frutos". E coloca a reforma agrária no âmbito de outras reformas igualmente indispensáveis, como a urbana³⁰².

O outro documento encontrado na mesa de César era o Pronunciamento Social da Igreja Presbiteriana do Brasil, que defendia o envolvimento da Igreja (não setores da Igreja) em questões sociais nacionais e internacionais e que “O imperativo que impõe à Igreja a obrigação de fazer pronunciamentos sobre questões sociais da atualidade nacional e internacional deriva de sua vocação profética de proclamadora e testemunha do reino e de sua submissão e fidelidade à Palavra de Deus”³⁰³.

A Reforma agrária defendida por ministros protestantes e o Posicionamento Social da Igreja ajudam a entender o desdobramento teológico protestante posto em prática no evento. Entretanto, Waldo afirma nas páginas finais do *Diário* que há outras tentativas de análise e solução dos problemas sociais brasileiros.

Essa sentença nos faz pensar se ele não estaria se referindo de forma sutil àqueles que veem com muito estranhamento essa aproximação com questões que circulavam também pela pauta da esquerda, como a questão agrária, tão falada pelos líderes da Conferência e também presente na agenda do Governo de João Goulart.

Na página 126, Waldo menciona que durante o evento funcionou uma livraria em que foram vendidas obras de diferentes vertentes. Dentre eles, livros com temáticas sociais materiais de propaganda anti-comunista, entregue pelo Secretário de Segurança, o que talvez, explica a sua presença no primeiro dia de abertura. Nessa mesma página, o autor do *Diário* nos diz algo que não é muito claro no decorrer de sua narrativa, que são as diferentes vozes em um debate. Tal cenário se dá pelo fato de, segundo ele, desde o início da preparação da Conferência, havia uma preocupação em “escutar o que os outros poderiam dizer ou sugerir”³⁰⁴. Não sabemos o porquê de o autor silenciar sobre umas coisas e outras. Entretanto, em entrevista à revista eletrônica *Novos Diálogos*, afirmou que a CNE produziu dois livros, um com as conferências na íntegra e o outro é diário escrito

³⁰² Idem, p. 58

³⁰³ CÉSAR, Waldo. Loc. cit

³⁰⁴ CÉSAR, Waldo. *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste (Diário)*.

como uma “uma divulgação mais popular. As conferências eram pesadas”³⁰⁵. Essa afirmativa talvez explique as escolhas de Waldo ao narrar aqueles dias em Recife.

2.5 - Narrador-Personagem e o seu olhar

Para traçar o perfil do autor do *Diário* iremos nos pautar em entrevistas concedidas por ele em diferentes momentos.

Waldo César foi líder da União da Mocidade Presbiteriana e diretor do *Jornal da Mocidade*, em Niterói. O narrador-personagem era alguém experiente em eventos no universo protestante. Em 1947, em Oslo, liderou uma equipe de oito pessoas para a Conferência Mundial da Juventude Cristã³⁰⁶. De acordo com suas palavras:

Eu ia ser pastor (empurraram-me para isso aí). Meu pai tinha o maior interesse, expectativa; cheguei a fazer 2 anos do Seminário Centenário; depois não tinha mais como ir lá. O Presbitério do Rio de Janeiro, onde eu tinha muito boa relação, queria me ordenar para o pastorado de qualquer jeito; mas eu não aceitei. Fiz o curso, mas, o pastorado não aceitei. Entretanto, acabei o curso no Instituto Ecumênico em Bolsey; tornando-me candidato ao pastorado no Presbitério do Rio de Janeiro. Deram-me a Congregação de Laranjeiras, como experiência pastoral, meu tutor eclesiástico era o Reverendo AMANTINO [*sic*]³⁰⁷.

Nessa entrevista, Waldo não diz em que ano tudo isso aconteceu mas é bem específico ao dizer que em 1964, a chegar no culto havia outro em seu lugar:

Quando cheguei à Congregação, em 1964, levava tudo muito a sério; preparava o culto; estava muito assustado, era uma experiência difícil. Chego à Congregação, está lá sentado um pastor, chamado Edgar Bandeira. O PRESBITÉRIO TINHA FEITO UMA INTERVENÇÃO [*sic*] sem me dizer nada. Fiz o culto, o pastor pregou, acabou o trabalho, ele veio falar comigo e eu DISSE: “... NÃO PRECISA FALAR NADA.

³⁰⁵ Idem, Revista Novos Diálogos *Waldo César: vida e compromisso com a responsabilidade social da igreja*. Disponível in: file:///C:/Users/PC/Desktop/Novos%20Di%C3%A1logos.html. Acesso em 25/06/15

³⁰⁶ WALDO, César. “O Itinerário de Vida de um Coração Ecumênico...”. In: DIAS, Zwinglio Mota. *Memórias ecumênicas protestantes – Os protestantes e a Ditadura: colaboração e resistência*. Rio de Janeiro: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 2014. Esse livro é uma coletânea de entrevistas de alguns protestantes envolvidos com o compromisso de dialogar com outros setores sociais.

³⁰⁷ CÉSAR, Waldo. Depoimento [jan. 2008]. Entrevistadores: R. Oliveira et al. Rio de Janeiro: Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, 2008. *Fita 2 lado A*. Entrevista concedida ao Projeto Trajetórias Ecumênicas de Koinonia Presença Ecumênica e Serviço.

ATÉ A VISTA '[sic] Eu me afastei da Igreja Presbiteriana. Fiquei circulando por aí, em várias Igrejas³⁰⁸.

Waldo César, o atuante personagem do cenário da Conferência e líder de juventude foi retirado de seu cargo de pastoreio no ano em que foi instaurada a Ditadura Militar.

Algo que nos chama a atenção é o fato do Waldo Cesar ser o narrador e personagem de um evento protestante que faz parte de um grupo com diferentes denominações. A CEB possuía em seu interior questões que não eram consensuais, como a confecção do cartaz, por exemplo. Ao mesmo tempo a CEB era uma fração do campo religioso protestante que disputava a perspectiva de mundo. Essa disputa se deu no campo teológico durante o processo de realização da Conferência, período em que circularam nos jornais questões relacionadas à cosmovisão dos envolvidos, vista como comunista. Tal posicionamento foi abordada no capítulo um, pois nele vimos o trilha teológico que nos permite enxergar o que foi escrito no presente capítulo como um desdobramento de uma nova teologia que encontrou lugar nos debates em Recife.

Waldo César é caracterizado em nossa pesquisa como narrador-personagem porque sob o nosso ponto de vista, ao nos depararmos com o *Diário* da Conferência, vemos sua assinatura sobre o que aconteceu no Evento. Esse mesmo narrador é também personagem de um processo de construção de uma teologia mais engajada com as questões sociais, como a produzida pelo CEEBRAS, por exemplo. Um 'tipo' de cristianismo para fora da igreja, voltado para as preocupações com a coletividade, com o social³⁰⁹.

Observar a CNE com os olhos de Waldo César, a partir de sua narrativa, é perceber como um evento particular (protestante) se configura como um espaço de disputa mais amplo em que o universo religioso protestante também se dispõe a debater e oferecer à luz da fé cristã propostas em defesa de questões sociais. O referido autor destaca que:

Por isso, conclamamos o Governo à obediência a Deus, fonte de toda a autoridade e poder (Rm 13.1). É seu dever primário estabelecer justiça, salvaguardar a ordem e assegurar ao povo os direitos fundamentais de liberdade, crença e opinião. (...) Conclamamos também todo o povo brasileiro a pugnar pela justiça, dentro da ordem. Não precisamos copiar revoluções. A nossa revolução é urgente, mas recusa as violências de qualquer espécie. Também não nos podemos conformar com esse tipo de violência silenciosa das mortes por inanição, das mortes dos que mal acabam de nascer, ou das vidas que amaldiçoam a terra que cultivam, ou

³⁰⁸ Ibidem.

³⁰⁹ Sobre esse tipo de cristianismo veremos melhor no capítulo 1

das que não encontram oportunidades para o estudo, mendigam ou se prostituem para comer o pão de cada dia³¹⁰.

O trecho acima é revelador, pois ele convoca o “povo brasileiro” a pelear em prol da justiça, a rejeitar a revolução violenta e também a “violência silenciosa” que é a morte e miséria. Deste modo:

(...) apelamos para o esforço honesto em prol da reconstrução dos fundamentos políticos e sociais presentemente abalados. Toda a Nação é chamada para essa tarefa. A crise nacional que atravessamos pode ser a grande prova de Deus para o povo brasileiro e porventura, nova oportunidade para reconstruir os fundamentos da vida nacional³¹¹.

Percebemos, através do *narrador*, que a proposta cristã sobre as questões sociais apresentadas e debatidas na Conferência revela que os protestantes também estavam animados e envolvidos com a pauta das mudanças nas estruturas sociais e políticas. Constatamos também o que nosso narrador-personagem não se aprofunda ou não privilegia a participação das mulheres, constando apenas os nomes de algumas delas na organização, como pode ser extraído do *Diário*.³¹²

A organização foi dividida entre Comissões (Organizadora Nacional e Local), e comissão de Divulgação e Relações Públicas contando apenas com três mulheres. São elas: Jaqueline Skiles, Hilda Hees e Edla de Oliveira, no mais eram todos homens³¹³. Cabe destacar que apenas uma delas a denominação religiosa é registrada por Waldo César, que é a Edla de Oliveira, presbiteriana. Há também uma listagem dos presentes às reuniões preparatórias e o número de mulheres eram apenas sete e homens sessenta e dois. Deste modo vemos que as reuniões preparatórias eram majoritariamente masculinas.

No decorrer da narrativa, o autor faz sucintas passagens de algumas mulheres. Com o intuito de ter clareza, citaremos na íntegra as breves menções às mulheres na CNE ao longo do *Diário*:

a) Lizette Cardoso arranjou a mesa com flores. O Estúdio Evangélico instalou o gravador e o microfone. D. Anne, do Agnes, vai tocar o hino nacional.³¹⁴

b) Maria do Carmo roda no mimeógrafo o primeiro estêncil de uma pilha.³¹⁵

³¹⁰ As igrejas filiadas à CEB assinaram essa proclamação. WALDO, César, op. cit. p. 98.

³¹¹ Ibidem.

³¹² Páginas em que as mulheres são apenas citadas: p. 6, p. 7, p.9, p. 22, p. 29, p. 56, e p. 64. CÉSAR, Waldo. *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste* (diário).

³¹³ Idem p. 64

³¹⁴ Idem, p. 22

³¹⁵ Idem, p. 29

- c) Jacqueline Skiles, e outros, arrumam a sala da exposição que se inaugura à noite.³¹⁶
- d) As professoras Edla Oliveira e Helena são chamadas à frente e homenageadas por todos, como reconhecimento pela hospedagem tão boa³¹⁷.

Essas mulheres foram personagens da CNE e que ao serem citadas têm a sua importância em um evento cuja presença masculina era majoritária. Não encontramos nenhum artigo sobre essas mulheres. A única referência que encontramos foi a Jacqueline Skiles³¹⁸. Em Recife ela participou da mesa ao lado do Rev. Almir dos Santos, Rev. Ewaldo Alves e do prof. Gilberto Freire. De acordo com o *Diário*, Skiles explica a importância da exposição que contou com obras de artistas brasileiros que tratavam da temática social.³¹⁹

O narrador-personagem registra em seu *Diário* o que foi dito pelos participantes, mas a ausência de personagens femininas nessa trama é algo pertinente. A única mulher comunicadora não teve a sua mensagem minimamente transcrita por Waldo nas páginas do *Diário*. Haveria algum “atraso” nos arraiais protestantes sobre o lugar da mulher em espaços públicos?

Waldo César relata que o evento recebeu algumas críticas por um homem chamado Jaime Ferreira:

— Sr. Presidente, na próxima reunião devemos ter maior número de operários presentes, inclusive mulheres que trabalham nas fábricas; e também camponeses. Como podemos falar sobre assuntos que envolvem essas pessoas, sem a presença delas?! Houve muita teologia, Sr. Presidente. Eu me senti esmagado ao lado de tantos teólogos!³²⁰

Parece-nos que o evento para esse participante não foi tão longe o quanto ele esperava. Ele questiona a ausência de operários e operárias. E nos lança uma questão: Em que medida a ausência feminina, protestante ou não, de forma mais sistemática nos debates narrados no *Diário* também significa a ausência nos púlpitos protestantes?

³¹⁶ Idem, loc. cit

³¹⁷ Idem, p, 64

³¹⁸ Encontramos no sítio eletrônico http://www.livronauta.com.br/livro-Jacqueline_Skiles_Outros-Paz_e_Terra_3_Ecumenismo_e_Humanismo_Encontro_e_Dialogo-Paz_Terra-Sebo_Curupira-Campinas-28848831. Uma obra escrita por Jacqueline Skiles intitulada por *Ecumenismo e Humanismo, Encontro e Diálogo*. O ano da obra não foi divulgado no sítio de livros usados mas apenas a Editora Paz e Terra e a quantidade de páginas, 252.

³¹⁹ Xilogravuras, cerâmicas, desenhos. Artistas como Cândido Portinari, Carybé, Oswaldo Goeldi, Vitalino e Derli Barroso, este último era o único evangélico no rol desses artistas Ibidem, p.57

³²⁰ CESAR, Op. Cit., p. 64

2.6 Ausências na Conferência

A CNE não tratou de muitos assuntos, afinal o tema era bem recortado, *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*. Dissemos anteriormente sobre a ausência das mulheres durante o debate CNE e essa ausência não é percebida somente por nós. O artigo de Zwinglio Mota Dias, Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, em seu artigo, *A Conferência do Nordeste de 1962: um intento de encarnação (Anotações sobre as relações do Protestantismo com a Realidade social brasileira)*³²¹, aponta os principais temas tratados e a motivação dos mesmos. Indica também pontos não tratados pelos conferencistas, entre eles está o tema das mulheres, em suas palavras: Os problemas relativos às questões de gênero também não frequentaram a agenda da Conferência”³²².

Na tentativa de entender essa ausência faremos uma digressão do ano de 1962, e voltaremos ao século XIX com o intuito de entender como os protestantes enxergavam o papel feminino na sociedade.

O estudo de Elizete da Silva e Bianca Daeb's Almeida, *Mulheres protestantes: uma trajetória nem sempre submissa*, assinala as percepções sobre a mulher, construída por anglicanos e batistas entre o final do século XIX e metade do século XX³²³.

As autoras começam a abordagem do tema a partir do relato bíblico em que Deus havia punido o primeiro casal ao expulsá-los do paraíso e lançando sobre eles maldições eternas. A mulher seria punida com dores ao dar à luz. Tal punição seria por ter desobedecido o mandamento divino de saber o que não competia a eles. Essa passagem se encontra na *Bíblia Sagrada* no livro de Gênesis, capítulo 3³²⁴.

O papel subalterno da mulher era mantido no Novo Testamento. Algumas mulheres foram financiadoras de trabalhos missionários, dentre elas Lídia, Febe e Priscila, mas nos cultos deveriam ficar caladas e a liderança dos trabalhos deveria ser masculina. Como por exemplo os trabalhos de missões de Paulo, Tito, Marcos, Silas e Pedro.

Na perspectiva de Martinho Lutero, mesmo vista como inferiores, as mulheres e seus trabalhos domésticos e os homens com seus trabalhos públicos possuíam igual valor

³²¹ DIAS, Zwinglio Mota. In. RENDERS, Helmut; SOUZA, José Carlos de; CUNHA, do Nascimento Magali (orgs). *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012.

³²² Ibidem, p. 114

³²³ SILVA, da Elizete & ALMEIDA, Bianca Daeb's. “Mulheres protestantes: uma trajetória nem sempre submissa.” In. SANTOS, Lyndon, de Araújo, ALMEIDA, Vasni, SILVA, da Elizete (Orgs.). *Fiel é a Palavra*. Leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana. UEFS Editora, 2011.

³²⁴ Ibidem, p. 337

para Deus. Entretanto, para o reformador a culpa pela expulsão do Paraíso está sobre os ombros da mulher, Eva. Assim sendo, como punição, as mulheres seriam subalternas em relação aos homens, cabendo apenas atividades domésticas³²⁵.

De acordo com Silva e Almeida, Lutero representava o pensamento transitório do medievo para a modernidade, pois, ao mesmo tempo em que mantém o julgo da inferioridade da mulher como consequência do pecado contra a autoridade divina, traz também a ideia de que homens e mulheres são iguais perante o Criador³²⁶.

Quanto ao calvinismo, este destoa do pensamento luterano ao defender que a mulher não é inferior espiritualmente ao homem após o pecado original. A mulher na leitura calvinista era juntamente o homem à imagem de Deus. Mas, era inferior por determinação divina para que o “equilíbrio social” fosse mantido.³²⁷

Essencialmente, os reformadores não mudaram em relação à cosmovisão anterior e sua concepção sobre o feminino, mas ampliaram a possibilidade de participação na vida religiosa, negada pelo catolicismo. Silvia e Almeida assinalam, a partir da afirmativa de Natalie Davis, que mulheres “se revoltaram contra os padres e entraram em novas relações religiosas que as levaram para junto dos homens ou as aproximavam deles, mas que os mantiveram na desigualdade”³²⁸.

A participação feminina nos cultos juntamente com homens e o acesso às leituras bíblicas incentivaram a alfabetização dessas mulheres, muitas vezes conduzida pelos próprios maridos. Era nova para as mulheres a possibilidade de serem atuantes na liturgia dos cultos em “comunidades religiosas” do seguimento protestante³²⁹.

Silva e Almeida assinalam que a Reforma Protestante atraiu uma quantidade significativa de mulheres para atividade filantrópicas e ministeriais. Nos corais, as vozes femininas e masculinas se misturavam nos cultos públicos. As autoras afirmam que “Acusados como religião de mulheres, “refúgio de mulheres”, o protestantismo, no entanto, manteve limites claros no que tange à participação feminina “³³⁰, pois ainda havia

³²⁵ SILVA, da Elizete & ALMEIDA, Bianca Daeb's. “Mulheres protestantes: uma trajetória nem sempre submissa.” p. 339

³²⁶ Ibidem, Loc. cit.

³²⁷ SILVA, da Elizete & ALMEIDA, Bianca Daeb's. “Mulheres protestantes: uma trajetória nem sempre submissa.” p. p. 340

³²⁸ DAVIS, NATALIE. *Culturas do povo*. São Paulo. Paz e Terra. 1990, p 79 Apud, SANTOS, Lyndon, de Araújo, ALMEIDA, Vasni, SILVA, da Elizete (Orgs.), op. Cit., p. 340

³²⁹ Idem, p. 340

³³⁰ Idem, loc. cit

uma relação desigual, como no caso dos púlpitos, em que as vozes ainda eram masculinas até meados do século XIX quando o pastoreio passou a receber ordenanças femininas³³¹.

No mesmo século XIX, as ideias do pensamento feminista também chegaram às mulheres protestantes europeias e norte-americanas. Em Lyon, Eugénie Niboyet, filha de um pastor, fundou jornais destinados à questão, como o *Le Conseiller des Femmes* e o *La Voix des Femmes*. Após 1848, em Paris, criou o clube feminino “*a Société de la Voix des Femmes*” no qual discutiam questões relacionadas ao gênero. Eugénie tinha a ciência do árduo caminho que seria a mudança de mentalidade sexista e masculina. Nesse contexto, a reação não tardou e a filha de pastor foi comparada à Jezabel, uma personagem bíblica do Velho Testamento. Jezabel era de origem fenícia e que ao se casar com o israelita Acabe, levou para Israel costumes idólatras e estranhos.³³²

Tal comparação desqualificava a agenda feminista protestante, pois acusava de imorais e enganadoras as mulheres que compartilhavam das ideias de Eugénie. De acordo com as autoras, o “clube da *Madame Niboyet*” não apresentava nada que pudesse se comparar a figura de Jezabel, pois Eugénie Niboyet não rompeu com a tradição do protestantismo. A feminista protestante advogava pela educação das mulheres e escolas secundárias para meninos e meninas. A pauta era simples, mas somente pelo fato das mulheres estarem se reunindo publicamente e sem a presença masculina era algo novo para os homens acostumados e vê-las em silêncio nos espaços públicos³³³.

Em solo norte-americano, nos anos 30 do século XIX, de origem protestante, duas irmãs, Sarah e Angelina Grinké, obtiveram destaque na causa abolicionista e militante no movimento emancipacionista das mulheres. As irmãs acreditavam que as passagens bíblicas foram equivocadamente interpretadas e que homens e mulheres eram divinamente inspirados pelo Espírito Santo³³⁴.

Silvia e Almeida pontuam que o ativismo das irmãs é antecessor ao *Seneca Falls Convention*, em 1848, visto como marco do movimento de mulheres dos EUA. As Grinké realizavam conferências mistas causando alvoroço no universo masculino. Utilizavam o sacerdócio universal para desconstruir a submissão das mulheres forjada sobre os ombros de Eva³³⁵.

³³¹ Idem, p. 341

³³² DAVIS, NATALIE. *Culturas do povo*. São Paulo. Paz e Terra. 1990, p 79 Apud, SANTOS, Lyndon, de Araújo, ALMEIDA, Vasni, SILVA, da Elizete (Orgs.), op. cit, p. 343

³³³ Ibidem, 342

³³⁴ Idem, loc. cit.

³³⁵ Idem, p. 343

O intenso ativismo em prol dos direitos das mulheres teve como resultado a ordenação da primeira mulher ao ministério congregacional de Antoinette Brow em 1853. Desfazendo uma tradição desde o século XVI. Passados 45 anos após a conquista de Brow, em 1898, foi publicada a *The Woman's Bible*, a *Bíblia da Mulher*, dirigida por Elizabeth Cady Stanton, que segundo Silva e Almeida constitui uma releitura dos textos bíblicos com aprofundado estudo quanto à questão da mulher.

A *Bíblia da Mulher* foi lançada em Washington e foi motivo de escândalo entre setores religiosos, lideranças protestantes e também na Associação Americana do Sufrágio da Mulher, que segundo Silva e Almeida, não compreendeu a profundidade do trabalho de Elisabeth C. Stanton. As referidas autoras não mencionam a denominação protestante, mas apenas a formação e inspiração no sacerdócio universal e na igualdade de gênero como imagem de Deus³³⁶.

As auras são categóricas ao afirmarem a importância da *Bíblia da Mulher* por sua atualidade e importância no esforço de retomar as origens e a matriz do pensamento em relação à opressão feminina. As sufragistas não apreenderam que ao fazer a crítica bíblica golpearam os alicerces da cultura norte-americana que reforçava a supremacia masculina³³⁷.

O artigo de Silva e Almeida é interessante para a nossa pesquisa por esclarecer como eram vistas as mulheres entre os protestantes e como foi essa construção à partir dos reformadores, bem como a sua desconstrução com o movimento de mulheres protestantes na Europa e também nos EUA. Dessa forma nos ajuda a refletir o porquê de tão poucas mulheres presentes na CNE.

No Brasil, as igrejas protestantes andavam no mesmo passo que as igrejas europeias e norte-americanas em relação a participação de mulheres como pastoras ou pregadoras, conforme salienta Reily Duncan Alexander³³⁸. Com uma obra de grande fôlego sobre as origens do protestantismo no Brasil, Reily, afirma que em 1930, entre os metodistas foi admitida à ordenação feminina ao cargo de presbítera. Em 1946, foi criada a ordem das Diaconisas³³⁹. Em São Paulo, a Zeni Lima Soares, ingressou à Ordem da Igreja Metodista do Brasil, sendo então a primeira presbítera em 1971³⁴⁰.

³³⁶ DAVIS, NATALIE. *Culturas do povo*. São Paulo. Paz e Terra. 1990, p 79 Apud, SANTOS, Lyndon, de Araújo, ALMEIDA, Vasni, SILVA, da Elizete (Orgs.), op. cit, p. 344

³³⁷ Ibidem, p. 344

³³⁸ ALEXANDER, Reily Duncan. *História Documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo, Aste, 2003

³³⁹ Idem, p. 391

³⁴⁰ Idem, p. 393

Entre os luteranos, em 1836 na Alemanha, foi estabelecido o Instituto de Diaconisas. Essas mulheres eram preparadas no Instituto para trabalharem em hospitais ou obras sociais, conforme salienta Reily³⁴¹. Essas diaconisas chegaram no Brasil, atuaram como “assistentes comunitárias” mas o pastoreio somente na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, somente em 1976, com a pastora Rita Marta Panke³⁴².

De acordo com o autor, a Igreja Presbiteriana Independente (IPI) consente mulheres à diaconia desde 1934, porém, sem caracterizá-la como “uma ordem espiritual”, reconhecendo como tal, apenas o presbiterato, a quem caberia o cuidado das coisas espirituais da congregação³⁴³.

A aceitação de mulheres ordenadas e com voz no espaço público, não é algo isolado de sua luta na sociedade. De acordo com Giovana Eleutério Levatti³⁴⁴, o sufrágio do século XIX passou a ser conhecido como “primeira onda” nos EUA, pautado de forma predominante no interesse das “mulheres brancas” de classe média³⁴⁵.

No Brasil, deputados e senadores foram pressionados para que o voto feminino fosse conquistado. Tal direito foi assegurado pelo então presidente Getúlio Vargas em 1934, mas as mulheres só puderam votar após 1945, exatamente após o fim do primeiro governo Vargas.³⁴⁶

É interessante destacar que o movimento feminista no Brasil não está alheio ao que estava acontecendo. O feminismo acionou mulheres de vários países europeus, dos EUA e posteriormente, da América Latina como o sufrágio³⁴⁷. O feminismo ressurgiu nos anos de 1960 em um momento de contestações, como a Guerra do Vietnã, movimento estudantil na França e o movimento Hippie com sua ideia contestatória dos costumes. Além disso, afirmava que “pessoal é político” no sentido de que o que é comum ao cotidiano particular pode ser também um instrumento de proposta política. Tal afirmativa traz para o debate o público e o privado em que aquele se refere ao estado, à política e tudo o que ele possa estar vinculado. Já o privado está circunscrito ao ambiente familiar, doméstico e

³⁴¹Idem, 393

³⁴² Idem, 395

³⁴³ Ibidem, loc. cit.

³⁴⁴LEVATTI, GIOVANA Eleutério. *Um breve olhar acerca do Movimento Feminista*. In: http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/Um-Breve-Olhar-acerca-do-Movimento-Feminista_Giovanna-Levatti.pdf Acesso em 30/11/2015

³⁴⁵ Idem, p.2

³⁴⁶ Idem, p. 3

³⁴⁷COSTA, Ana Alice Alcântara. “O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política”. *Gênero*. Niterói, v. 5, n. 2, p. 9-35, 1. sem. 2005. Disponível in: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/380>. Acesso em 22/03/16

pessoal³⁴⁸. Dessa forma o pessoal também é político, pois o movimento feminista traz para este campo de discussão as opressões sofridas no ambiente privado³⁴⁹.

O movimento feminista irá ressignificar a forma de apreender a política “ao colocar novos espaços no privado e no doméstico”³⁵⁰. No final no século XIX muitos brasileiros compunham a força de trabalho nas indústrias. Com a influência das ideias anarquistas e socialistas que aqui aportaram com imigrantes, integraram as lutas nos sindicatos em prol de melhores salários, condições de higiene e saúde, além de combater a discriminação por ser mulher³⁵¹.

Esses breves comentários sobre o movimento de mulheres entre o final do século XIX e início do século XX, seja na Europa, EUA e até mesmo no Brasil, contribuem para a reflexão sobre a ausência de mulheres do universo protestantes como conferencistas ou a presença feminina nos discursos rememorando, talvez a Eugénie Niboyet ou as irmãs Grinké. Retomar a importância da *Bíblia da Mulher*, pois como salientou Silva e Almeida, o livro sagrado feminino com uma certa releitura abalou o alicerce da cultura de culpabilidade feminina, mas não foi objeto de análise na nova teologia que surgiu no pós-Segunda Guerra.

2.7 Cinquenta anos depois...

De acordo com Rubem Alves, falecido teólogo presbiteriano que presenciou todo o processo da CNE, as “memórias não podem ser esquecidas. O passado, uma vez vivido entra em nosso sangue, molda nosso corpo, escolhe nossas palavras. É inútil renega-lo”³⁵². Os protestantes que rememoram a Conferência são, além de pastores, professores das Faculdades de Teologia ou mesmo leigos que se “apropriaram”³⁵³ da Conferência e da sua memória. Uma vez feita a “apropriação” da memória ela é capaz de “moldar as palavras”.

De acordo com Michael Pollak, a memória é algo construído social e individualmente³⁵⁴. Segundo o autor, existe uma relação muito tênue entre identidade e

³⁴⁸Idem, 10

³⁴⁹ Ibidem, p. 11

³⁵⁰ Ibidem, loc. cit

³⁵¹ Ibidem, p. 12

³⁵² ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância*. Edições Loyola. São Paulo 2004

³⁵³ Usaremos no presente capítulo o termo “apropriação” para nos referirmos aos protestantes que não estiveram na Conferência do Nordeste mas que passados cinquenta anos trata como se tivesse presenciado.

³⁵⁴ POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, v. 5, n. 10, 1992. p. 204.

memória: “a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”.O outro também faz parte na construção de si. Não pode-se construir uma imagem de si, isenta de interferências, e oscilações em função do outro³⁵⁵.

A rememoração dos cinquenta anos da Conferência constitui uma memória comum, afetiva e também uma construção de si e do grupo. Ainda segundo Pollak, cada grupo, incluímos aqui os setores protestantes, devem fazer investimento e trabalho necessário para que cada indivíduo *do grupo* tenha o sentimento de “unidade, continuidade e de coerência”³⁵⁶.

Anteriormente, vimos que a CNE falava especificamente para a Igreja daquela época. Além da especificidade da fala, Waldo Cesar enxerga a Conferência como uma representação de uma necessidade das igrejas em dialogar com a sociedade e propor novidade de vida para o povo. Neste sentido foi um esforço diante da participação das variadas denominações:

O fato decisivo é que as igrejas em geral sentem a necessidade de uma relação mais vital com a sociedade, de forma que o Evangelho possa permear os acontecimentos e contribuir para o estabelecimento de novas formas de vida para o nosso povo. A Conferência do Nordeste é um dos esforços mais amplos nesse campo, dado o seu caráter nacional e a participação de tantas denominações³⁵⁷.

É perceptível a importância que o narrador atribui à Conferência ao descrevê-la em forma de diário, bem como o envolvimento das igrejas na sociedade.

Passados cinquenta anos após a Conferência, dois livros foram publicados em comemoração. Essas obras contêm artigos nos quais os contemporâneos da CNE e que respiraram os ares da nova teologia e a reação conservadora, rememoram todo o clima da época.

A obra *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 anos da Conferência do Nordeste* é a reunião de palestras da Semana de Estudos Teológicos da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista realizado em 2011 para retomar a importância do evento de Recife. A obra

³⁵⁵ Idem, loc.ci

³⁵⁶ Idem, p. 207

³⁵⁷ CÉSAR, Waldo. *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste (Diário)*. Rio de Janeiro: Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, 1962

lançada em 2012 trata das igrejas e as mudanças sociais com foco na comemoração do cinquentenário da Conferência.

De acordo com os organizadores da obra, a Conferência do Nordeste foi o auge da conexão “cívica e cultural, socioeconômica e política das igrejas integrantes da antiga Confederação Evangélica do Brasil antes da Ditadura”³⁵⁸. Essa afirmativa se encontra na obra dedicada à comemoração/cinquentenário da Conferência do Nordeste. Os autores desse livro, exceto pela leiga Magali do Nascimento Cunha, são pastores (metodistas e presbiterianos) e também professores de teologia de faculdades das referidas denominações. Além disso, há um artigo de um orador que esteve em Recife em 1962, o Pr. Metodista aposentado Dorival Beulke, que à época da Conferência fez parte de sua Comissão Local, conforme já citamos anteriormente.

Outra obra que apresenta o mesmo foco em relação a CNE é o livro organizado por Wanderley Pereira da Rosa e José Adriano Filho, editado em 2012, o qual foi resultado de um congresso realizado na Faculdade Unida de Vitória/ES³⁵⁹. O título da obra é *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. A Conferência do Nordeste 50 anos depois*³⁶⁰

O livro contém artigos de atores que estiveram na CNE, tais como Joaquim Beato (Pastor da Igreja Presbiteriana Unida e professor da Universidade Federal do Espírito Santo) e João Dias Araújo (Pastor da Igreja Presbiteriana Unida, preletor da CN).

Segundo os autores, Rosa e Filho, “milhões de evangélicos contemporâneos não conheciam esta história e não faziam ideia dos acontecimentos daquele período”³⁶¹. Essa afirmativa nos faz pensar em um livro focado também na atual geração de evangélicos. Além disso, os autores salientam que “desejávamos um resgate da memória do protestantismo desta época, uma celebração da Conferência do Nordeste e uma reflexão sobre os evangélicos dos nossos dias”³⁶². A obra tem como foco ser uma comemoração e o resgate de memória e a reverberação da teologia protestante parece ter conquistado os autores da obra:

³⁵⁸ CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs). *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012, p. 9.

³⁵⁹ Fundada por pastores presbiterianos, entre os quais está o organizador do livro, Pr. Wanderley Pereira da Rosa, Pr. Simonton César Araújo e Pr. Alcimar Ribeiro de Paula. Visto em www.faculdadeunida.com.br/site/institucional/institucional-nossahistoria. Acesso em 23/09/2014

³⁶⁰ ROSA, Pereira Wanderley & FILHO, José Adriano (orgs). *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. A Conferência do Nordeste 50 anos depois*. Rio de Janeiro/Lapa: MAUAD, 2012

³⁶¹ Idem, p, 8

³⁶² Idem, p. 7

Era o ano de 1962. Um grupo de protestantes ligados a movimentos e instituições que buscavam pensar a realidade social do nosso país e perguntavam pelo lugar dos evangélicos brasileiros nesse processo se reuniu na cidade de Recife para a célebre Conferência do Nordeste. Além de teólogos, grandes nomes da intelectualidade brasileira estavam presentes, como Gilberto Freire e Celso Furtado. Muitos tiveram que enfrentar as armas da ditadura militar. Cinquenta anos se passaram e nós, evangélicos brasileiros contemporâneos, nos perguntamos pelo nosso papel diante dos tremendos desafios sociais do Brasil³⁶³

Esse trecho é revelador, pois os autores da obra, evangélicos contemporâneos, perguntam-se sobre o seu papel social no Brasil, cinquenta anos depois.

As duas obras que trazem a rememoração da CN são compostas por pessoas de dentro do campo religioso protestante, no qual há alguns que estiveram na CN e outros que não estiveram, mas que atualmente integram algum grupo de trabalho sobre o seu passado religioso e político e que, por questões de identidade/pertencimento ao campo religioso, configura uma escrita de si, uma escrita da história política e religiosa, que é pessoal e também coletiva.

De acordo com o artigo do Professor e Pastor Zwinglio Mota Dias³⁶⁴, intitulado por “*O protagonismo dos evangélicos durante os ‘anos de chumbo’ e a busca incessante por uma ‘Eclésia reformata...*”, o autor toma como ponto de partida sobre a Conferência do Nordeste: 1- a especificidade da Conferência como sendo o “primeiro, e talvez o único, grande evento organizado pelas instituições eclesiásticas protestantes brasileiras para tratar de questões sociopolíticas que caracterizavam a vida nacional”³⁶⁵; 2 - a representatividade da Conferência como um momento de “disputas teológico-ideológicas que cindiam a realidade eclesiológica protestante no país”³⁶⁶.

Embora o autor use poucas palavras para tratar do significado da Conferência, estas são bem pontuais e delimitadas, além de afinadas com as qualificações da Conferência como um evento de caráter único.

Outro ator do universo protestante que se “apropria”³⁶⁷ da CNE é Anivaldo Padilha. Assim como Mota Dias, Padilha é um contemporâneo da CNE, bem como da

³⁶³ ROSA, Pereira Wanderley & FILHO, José Adriano (orgs.). Op. cit, p. 8

³⁶⁴ Como abordaremos neste sub-tópico as apropriações da Conferência a partir de um pastor protestante - também professor - iremos nos referir a Zwinglio Mota Dias como Pastor em alguns momentos, porque a presente pesquisa ao se tratar do protestantismo pensamos que seja mais apropriado

³⁶⁵ DIAS, Zwinglio Mota. Idem, op. cit, p. 55-56

³⁶⁶ Ibidem, p. 56

³⁶⁷ Usaremos o termo “apropriação” no sentido de qualificar a maneira como atores protestantes, que não participaram da Conferência em 1962, interpretam-na e consideram-na como se tivesse participado dos debates e das reuniões de preparação.

chegada da nova teologia protestante no Brasil, através do Rishard Shaull. Além disso, reflete sobre o grau de importância que a Conferência exerce sobre setores do protestantismo no Brasil. No desenvolvimento de nossa pesquisa tivemos a oportunidade de entrevistá-lo, cruzando as informações colhidas com o artigo *Quando a Ditadura bate à porta*³⁶⁸. Neste, o autor se apropria do que foi o evento, partindo do entendimento da CNE como o resultado de um processo, fruto de seu tempo e de seu contexto que começou na década de 1950, em que protestantes reunidos em torno da CEB e sob a inspiração do movimento ecumênico objetivaram engajar as igrejas em dialogar com a realidade daquela época.

De acordo com o autor, a juventude de então foi desafiada a romper com os muros e “conhecer o Brasil ignorado pelas nossas igrejas, e atender ao chamado para contribuir para a superação das desigualdades sociais que caracterizaram e caracterizam a sociedade brasileira”³⁶⁹.

Em entrevista conosco Padilha buscou em sua memória, e afirma que acompanhou o processo da Conferência, enquanto jovem naquela época:

Eu pelo menos olhava com muita expectativa a Conferência porque ela ia tratar de temas que naquele momento as igrejas jamais tinham abordado. A questão das reformas, a questão cultural, a situação do Nordeste, a situação do Brasil e no mundo, enfim era uma expectativa muito grande³⁷⁰

Essa afirmativa de Anivaldo Padilha nos faz pensar em uma juventude protestante que via o processo da Conferência como algo realmente novo para o segmento religioso. Ele, nos parece impactado com as questões abordadas por um determinado setor do protestantismo.

Outro ator com um olhar mais apurado de quem presenciou tudo o que Padilha narrou, foi Dorival Rodrigues Beulker, na época da CNE era integrante da Comissão Local da Conferência do Nordeste. Beulker é pastor metodista aposentado, professor e diretor do Instituto Metodista de Ensino Superior, Ele esteve presente nas comemorações sobre o

³⁶⁸ PADILHA, Anivaldo. *Quando a Ditadura bate à porta*. ROSA, Pereira Wanderley & FILHO, José Adriano (orgs). *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. A Conferência do Nordeste 50 anos depois*. Rio de Janeiro/Lapa: MAUAD, 2012,

³⁶⁹ Idem, p. 75

³⁷⁰ Entrevista concedida no dia 12 de dezembro.

cinquentenário da CNE escreveu o artigo *A Conferência do Nordeste em 1962*³⁷¹. De acordo o autor

(...) o passado continua sempre em ordem para ser trazido à memória, valorizado e estudado, mormente quando se trata de evento inusitado, memorável, oportuno e exitosamente bem sucedido, como é o caso em tela da Conferência do Nordeste³⁷²

Com essas palavras temos a percepção de que rememorar a Conferência é importante para o nicho protestante que dela participou direta ou indiretamente. As palavras usadas são de saudação ao *memorável evento*, qualificação ajustada com Zwinglio Mota Dias.

Após o brinde com as palavras à *memorável Conferência*, Beulke explica o que ela foi e para tal faz o uso das afirmações ditas na época pelo Reverendo Almir dos Santos, em que:

a Conferência do Nordeste foi uma tentativa bem sucedida de: a) levar as Igrejas Evangélicas a tomarem contato mais direto com a preocupante Realidade Brasileira Atual; b) interpretar essa Realidade à luz da revelação cristã; c) buscar soluções evangélicas para os atuais problemas socioeconômicos e políticos brasileiros³⁷³

De acordo com essas palavras retomadas por Beulke, vemos o intento da Conferência em relação as Igrejas Evangélicas que era fazê-las pensar e agir com base no pensamento cristão (protestante) para solucionar os problemas políticos e de ordem socioeconômica.

Para dar continuidade em sua explicação do que foi a CNE, Beulke, retoma a afirmativa de Waldo César,

A Conferência do Nordeste foi, antes de tudo, um grande esforço no sentido de levar as Igrejas Evangélicas a: a) falarem na linguagem contemporânea em que vivemos; b) se encontrarem com a Realidade Brasileira Atual; c) propiciarem condições favoráveis para o encontro entre o teólogo e o sociólogo; entre o teólogo e o economista; e entre o teólogo e os engajados nas mais diversas situações cotidianas da atualidade³⁷⁴

³⁷¹ BEULKER, Dorival Rodrigues. *A Conferência do Nordeste em 1962*. In: *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs). São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012.

³⁷² Idem, p. 13

³⁷³ CÉSAR, Waldo. *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste* (diário). Recife: Confederação Evangélica do Brasil, 1962, vol. 1, p. 162. Apud BEULKER, Dorival Rodrigues. *A Conferência do Nordeste em 1962*. In: Idem, op. cit, 14

³⁷⁴ CÉSAR, Waldo. op. cit

De certa maneira, Padilha está em concordância com o tópico *c* sobre os cristãos protestantes dialogarem com outros setores da sociedade.

Em entrevista ao Padilha nos afirmou que a CNE contribuiu para que houvesse uma mudança nas igrejas no sentido de interagir com as questões sociais da época e mudar o viés individualista e moralista os quais estavam habituados, conforme suas palavras no parágrafo anterior. Quanto à Conferência do Nordeste, Padilha destaca que esta “gerou também foi a necessidade de uma renovação da Igreja a gente começou a discutir a questão da missão da igreja no Brasil, a participação dos cristãos na luta pela justiça era objeto de grande debate no meio das igrejas (*sic*)”³⁷⁵.

Padilha relaciona a teologia protestante com o clima da Conferência do Nordeste, bem como a crítica ao capitalismo e ao socialismo:

Naquele momento já estava claro para a gente que a revolução seria socialista. Cristo e o processo revolucionário seria como, à luz da nossa teologia, da centralidade de Cristo, à luz de toda essa compreensão como é que deveria ser a nossa participação na revolução. Não se tratava de cristianizar a revolução, mas qual a contribuição os cristãos poderiam dar. (...)para a gente a questão do comunismo não se colocava, a questão nossa era a luta pela justiça, então a gente se aliava também com os comunistas nessa luta. Do ponto de vista teológico estava muito claro para nós que o cristianismo, digamos o Reino de Deus não poderia ser identificado com nenhum processo político, nenhum modelo político-econômico, nenhum sistema econômico essa era a nossa crítica a identificação do cristianismo com o capitalismo e a nossa visão ao socialismo também tinha que ser crítica tanto é que esses setores que eram considerados progressistas mas anticomunistas depois do Golpe alguns aderiram ao Golpe inclusive pessoas que estava presentes na Conferência...

³⁷⁶

Ao que nos parece, recordar a CNE traz consigo a mesma qualificação e importância para esses atores.

Galasso Farias, Presbiteriano Independente e ex-aluno de Rishard Shaull, em seu artigo *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste* nos chama a atenção devido ao enfoque direcionado à Conferência e sua gênese:

Um **marco** na trajetória das igrejas evangélicas que despertavam para a busca de uma contextualização da mensagem do evangelho de Cristo em nosso país. (...) mais importante experiência ecumênica, capaz de

³⁷⁵ PADILHA, Anivaldo. Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2014

³⁷⁶ Idem.

extrapolar seus acanhados limites culturais, para projetar além da Igreja no Brasil, em direção à sociedade na América Latina³⁷⁷

A afirmativa acima engrossa ainda mais o caldo de elogios e classificação sobre a Conferência. Dentro de tal especificação há espaço para tratar do missionário presbiteriano Richard Shaull, que segundo Galasso, foi de grande importância no processo de desencadeou o evento em Recife.

A Conferência do Nordeste foi um evento importante para um determinado setor do Protestantismo Histórico que atendeu a um esforço reflexivo e teológico do século XX na Europa e nos EUA, conforme aventamos anteriormente. Vimos que a agenda dos protestantes naquela época tinha elevado teor político e a temática social era a que estava na ordem do dia, como foi o caso da reforma agrária e de diálogo com outros setores da sociedade, afinal, foi um evento religioso que contou com a participação de atores de fora do referido universo. Um evento rememorado por Waldo César e também por outros protestantes, cinquenta anos depois.

³⁷⁷FARIA, Eduardo Galasso. “Richard Shaull e a Conferência do Nordeste”. In: In: *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs). São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012, p. 91. Grifo nosso.

CONCLUSÃO

Na presente pesquisa, nos empenhamos em analisar a Conferência do Nordeste como um evento político-religioso que esteve ancorado em um tipo de teologia protestante que começa a se movimentar no Pós-Segunda Guerra. O ponto de partida para análise foi o *Diário* escrito por Waldo César.

Expomos como foram as reuniões de preparação da Conferência apresentava o tom do que seria a vindoura CNE fortemente marcada por temas da agenda política e social de sua época. Vimos também que a criação do Centro de Estudos Brasileiros (CEEBRAS) tinha por objetivo uma duração mais longa que era de continuar os debates em torno das demandas da realidade brasileira dos idos de 1960, mas não foi concluído por falta de verba.

Apontamos também que a Conferência foi um esforço de diálogo com outros setores sociais. Durante os debates pessoas de fora do universo protestante estiveram lá. Além disso, personagem como o Rev. Almir dos Santos foi ao Engenho da Galileia para ouvir o que os camponeses tinham a dizer.

Chamamos a atenção para alguns pontos como a ausência feminina na Conferência. Com a narrativa do Waldo César temos pouca informação sobre as mulheres, até porque o *Diário* foi escrito de maneira que quem fosse lê-lo o faria de acordo com o ponto de vista do seu autor. Apenas algumas foram citadas, permitindo-nos pensar em um evento masculino. Se elas estiveram presentes como debatedoras, a forma como Waldo nos apresenta deixa pouco claro.

Analisamos também a teologia protestante que emerge na Europa e nos Estados Unidos. Uma corrente teológica que pregava ações mais concretas dos cristãos protestantes na sociedade e a “responsabilidade social” dos evangélicos encontra ressonância entre aqueles mais abertos a mudanças. Essa nova perspectiva foi posta em debate como foi com a criação da Confederação Evangélica do Brasil (CEB) e o Setor de Responsabilidade Social da Igreja (SRSI) que juntos organizaram a Conferência do Nordeste.

Como esforço teológico, o Conselho Mundial de Igrejas teve importante papel fomentando os debates teológicos. Tais debates chegaram ao Brasil por meio do teólogo presbiteriano, Rishard Shaull que lecionou no Seminário Presbiteriano de Campinas, influenciando muitos jovens seminaristas protestantes.

O referido teólogo defendia que o cristão deveria ter uma atitude mais atuante na vida política e defendia a aproximação entre protestantes e comunistas, pois ambos tinham como prerrogativa lutar contra a opressão do sistema capitalista na defesa de uma sociedade mais justa.

Essa nova teologia foi duramente criticada por fundamentalistas. Essa crítica aparece através dos jornais e também através de apoio à Ditadura Militar. Muitos jovens protestantes que estavam abertos a nova corrente teológica protestante responderam a essa nova possibilidade de cosmovisão, de forma mais enérgica, às questões de sua época. Alguns militaram contra a Ditadura Militar, romperam com suas vidas religiosas por conta da clandestinidade e desapareceram como foi o caso de Ivan Mota Dias, Paulo Wrigth e Heleny Mota Dias.

Creemos ter alcançado com a presente pesquisa o objetivo de analisar a Conferência do Nordeste como um esforço de setores do protestantismo histórico dispostos e debater a pauta política de sua época, conectada à nova perspectiva teológica comprometida com as questões sociais. E que essa mesma teologia avançou cronologicamente e produziu efeitos que seguiram pela linha do tempo e que cinquenta anos depois ainda não foi esquecido.

Além disso, por mais que o tema da Conferência já tenha sido sistematizado em outras pesquisas, conforme aventamos na introdução, o leitor poderá perceber que as reuniões de preparação contaram não só com a cúpula das denominações que compuseram o Setor de Responsabilidade Social da Igreja e a Confederação Evangélica do Brasil, mas também com leigos, professores, seminaristas e igrejas internacionais. Até o momento da conclusão da pesquisa, não encontramos nenhum outro trabalho que analise os cinquenta anos da Conferência do Nordeste. Nosso trabalho é um ponto de partida, pois existem ainda outros efeitos da Conferência que não puderam, por questões de tempo, serem analisadas. Como, por exemplo, a mudança do discurso do Reverendo e depois Bispo, Almir dos Santos ou ainda como repercutiu entre os fiéis a prisão de Anivaldo Padilha, Helenny Telles Guariba entre outros que em maior ou menor medida sofreram perseguição dentro das suas denominações. A temática das mulheres, que aventamos no Capítulo I

também pode ser mais investigada pois nos faz pensar que por mais a nova teologia tenha trazido um modo de pensar e agir mais encarnado com a realidade, ela não superou algumas fronteiras que é o *lugar do e o lugar da mulher*.

FONTES CONSULTADAS

APERJ, Fundo Polícia Política do Rio de Janeiro. Setor Secreto

Diário da Conferência do Nordeste

Diário de Pernambuco, 09 de nov. 1961, p. 6

_____. 24 de mar. de 1962 p. 3

_____ 24 de jul. de 1962, p. 5

_____ 29 de jul. de 1962, p. 12

_____ 16 de jul. de 1967, p. 18

_____ 23 de jul. de 1967, p. 8

Estudos de Religião, Ano XXI, n. 33, 136-158, jul/dez 2007

Expositor Cristão. 1º de abril de 1962. Ano 77. Número 7, p. 1. *O Estandarte*, 15 de março de 1964, p. 8 e 9

FARIA, Eduardo Galasso. Por e-mail em 01 de outubro de 2014 e 09 de maio de 2016.

Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional

Jornal do Brasil. Evangélicos debatem no NE “Cristo e a Pré-Revolução”. 1º Cad. Quarta-feira, 8-8-62, p. 10. Edição 00183

MOTA Dias, Zwinglio. Por e-mail em 30 de janeiro de 2015

O Globo. Rio de Janeiro, 23 de Julho de 1962. p 6.

PADILHA, Anivaldo. Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2014

BLIOGRAFIA CITADA

ABUMANSSUR, Edin Sued. *A Tribo Ecumênciã. Um Estudo do Ecumenismo no Brasil nos anos 60 e 70*. Dissertação em Ciências Sociais defendida em 1991 na Universidade Pontifícia Católica, SP.L

ALEXANDER, Reily Duncan. *História Documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo, Aste, 2003

ALMIR DOS SANTOS. In. CESAR, Waldo. *A Conferência do Nordeste (Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro)*

ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância*. Edições Loyola. São Paulo 2004

_____. *Religião e Repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005

ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição sem fogueiras*. 2 ed. Rio de Janeiro: ISER, 1982

BARRETO, Raimundo C. Jr. *O Movimento Ecumênico e o Surgimento da Responsabilidade Social no Protestantismo Brasileiro*

BEULKE, Dorival. A grande fogueira”. Cruz de Malta, p.16-18 (jan./fev. 1962). Apud CUNHA, Magali (orgs). *“As igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste”*. São Paulo. ASTE. 2012

BEULKER, Dorival Rodrigues. *A Conferência do Nordeste em 1962*. In: *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs). São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012.

BÍBLIA DE ESTUDO PLENITUDE. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil. 2005

BITTENOURT, Filho. “ISAL e seu contexto - um ensaio”. In: ROSA, Wanderley Pereira da, e FILHO, José Adriano (orgs). *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. A conferência do Nordeste 40 Anos depois. (1962-2012)*. Rio de Janeiro, Mauad, 2012

BRITO, André Souza. *Fermento da Massa. Ecumenismo em tempos de Ditadura Militar no Brasil, 1962-1982*. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação da UFRuralRJ, defendida em 2010.

BURITY, Joanildo. *Fé na Revolução. Protestantismo e o discurso revolucionário brasileiro (1961-1964)*. Rio de Janeiro. Novos Diálogos. 2011, p. 121.

CABRAL, Bruna Marques. Do clero para todo clero. A Revista Eclesiástica Brasileira e a Reforma Agrária (1950-1964). Autografia. Rio de Janeiro. 2015.

CÉSAR, Waldo. “Evanston, 1954 A.D.” *Cruz de Malta*. Fevereiro – Março de 1955. Acervo da Biblioteca Nacional do Brasil

_____. *A Conferência do Nordeste (Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro)*. Crônica da Conferência do Nordeste promovida pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja do Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil. Recife, 22/29 de julho de 1962

_____. Depoimento [jan. 2008]. Entrevistadores: R. Oliveira et al. Rio de Janeiro: Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, 2008. *Fita 2 lado A*. Entrevista concedida ao Projeto Trajetórias Ecumênicas de Koinonia Presença Ecumênica e Serviço. Por cor litúrgica entendemos o vermelho em alusão ao sangue de Jesus.

_____. *Igreja e Sociedade – Ou Sociedade e Igreja?* Religião & Sociedade. Rio de Janeiro, ISER v. 23, edição especial, 2003.

_____. *Waldo César: vida e compromisso com a responsabilidade social da igreja*. Loc. cit.

CAVALCANTI, Erinaldo. *Medo, memória e narrativa: o (anti)comunismo em Pernambuco nos anos 1960*.

COUTROT, Aline. “Religião e Política”. In: REMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro. FGV. 2003. 2ª ed.

CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs). *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012

CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs). *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012, p. 9.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Crise, esquecimento e memória. O Centro Ecumênico de Informação e a construção da identidade do Protestantismo Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento), Uni-RIO, 1997

DAVIS, NATALIE. *Culturas do povo*. São Paulo. Paz e Terra. 1990, p 79 Apud, SANTOS, Lyndon, de Araújo, ALMEIDA, Vasni, SILVA, da Elizete (Orgs.), op. Cit., p. 340

DIAS, Zwinglio Mota. In. RENDERS, Helmut; SOUZA, José Carlos de; CUNHA, do Nascimento Magali (orgs). *“As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste”*. São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012.

DIAS, Zwinglio Mota. *“O protagonismo dos evangélicos durante os ‘anos de chumbo’ e a busca incessante por uma ‘Eclésia reformata...’*” In: ROSA, Pereira Wanderley & FILHO, José Adriano (orgs). *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. A Conferência do Nordeste 50 anos depois*. Rio de

DIAS, Zwinglio Mota. *A Conferência do Nordeste de 1962: um intento de encarnação*. In. CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs). *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012.

FARIA, Eduardo Galasso. *“Richard Shaull e a Conferência do Nordeste”*. In: In: *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs). São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012

FERREIRA Jorge, *“Sociedade e Esquerda no Brasil”* In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes (Org). *Democracia e ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006

- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, Tempo Presente e História Oral*
- GASPARIO, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo, Companhia das letras 2002.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda Brasileira: Das ilusões Perdidas à Luta Armada*. São Paulo. Editora Ática, 1987
- GREEN, James N. *Apesar de Vocês. Oposição à ditadura brasileira nos Estados unidos, 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- JÚNIOR, Arnaldo Huff. *Um protestantismo protestante: Richard Shaull, missão e revolução*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, defendida em 2012.
- MATTOS, Paulo Ayres. *Tudo suporte por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação*. In: *As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*. CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs). São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012.
- CABRAL, Reinaldo & RONALDO, Lapa (Orgs). *Desaparecidos Políticos. Prisões, Sequestros, Assassinatos*. Comitê Brasileiro pela Anistia – Rio de Janeiro: Edições Opção. 1979.
- LOPES, Soares Zilma Adélia. *Forças Religiosas e atitudes políticas: uma análise da Conferência do Nordeste(1962)*. Monografia defendida pela EFPE em 2014
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *Labirintos do Medo: o Comunismo (1950 – 1964)*. In CLIO: Revista de pesquisa histórica, n° 22, 2004.
- MOREIRA, Vânia Maria Lousada. “Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural” In: FERREIRA, Jorge (org.). *O Brasil Republicano (Volume 3)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 157-194
- PADILHA, Anivaldo. *Quando a Ditadura bate à porta*. ROSA, Pereira Wanderley & FILHO, José Adriano (orgs). *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. A Conferência do Nordeste 50 anos depois*. Rio de Janeiro/Lapa: MAUAD, 2012
- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio.” *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989

_____ “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, v. 5, n. 10, 1992. p. 204.

QUADRAT, Samantha Viz. “O Regime militar em tempo de (in)definições” (1964-1968). In: MARTINHO, 2005

REMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998

RENDERS, Helmut. “Os temas cultura e cidadania na Conferência do Nordeste de 1962” In: “*As Igrejas e as mudanças sociais: 50 Anos da Conferência do Nordeste*”. CUNHA, do Nascimento Magali, RENDERS, Helmut, SOUZA, José Carlos (orgs). São Bernardo do Campo: EDITEO/São Paulo: Aste, 2012. p.73

ROLLEMBERG, Denise “A ditadura civil militar em tempos de radicalização” In: I MARTINHO, 2006, op. cit. p., 144.

ROSA, Pereira Wanderley & FILHO, José Adriano (orgs). *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro. A Conferência do Nordeste 50 anos depois*. Rio de Janeiro/Lapa: MAUAD, 2012

SALLES, Rodrigues Jean. *A luta armada contra a ditadura militar. A esquerda brasileira e a influência da revolução cubana*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

SCHÜNEMANN, Rolf. *Do Gueto à Participação. O surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975*. São Leopoldo: Sinodal, 1992

SHAULL, Richard. *Entre Jesus e Marx. Cristianismo e a revolução social*. São Paulo: União Cristã dos Estudantes do Brasil. 1953

SCHMIDT, Daniel Augusto. *Protestantismo e Ditadura Militar no Brasil*. São Paulo. Editora Reflexão

SILVA, da Elizete & ALMEIDA, Bianca Daeb's. “Mulheres protestantes: uma trajetória nem sempre submissa.” In. SANTOS, Lyndon, de Araújo, ALMEIDA, Vasni, SILVA, da Elizete (Orgs.). “*Fiel é a Palavra*”. *Leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana. UEFS Editora, 2011.

SILVA, Elizete da. *Protestantismo ecumênico e realidade brasileira: evangélicos progressistas em Feira de Santana*. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2010

SILVA, Paulo Julião. *Protestantes no embate anticomunista em Pernambuco (1945-1964)*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Pernambuco em 2010.

VILELA, Daniel Marques “A Igreja contra os coronéis.” In: *Revista História Viva*. Ano V. N 60. São Paulo

VILELA, Márcio Ananias. Discursos e práticas da igreja presbiteriana do Brasil durante as décadas de 1960 e 1970: diálogos entre religião e política. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, 2014

WALDO, César. “O Itinerário de Vida de um Coração Ecumênico...”. In: DIAS, Zwinglio Mota. *Memórias ecumênicas protestantes – Os protestantes e a Ditadura: colaboração e resistência*. Rio de Janeiro: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 2014.

WALDO, César. Igreja e Sociedade ou Sociedade e Igreja? *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro, ISER v. 23, edição especial, 2003.

SITES CONSULTADOS

<https://archive.org/stream/evangelizacaoepo0+A24+A1:A25+A1:A26+A24+A1:A25+A1:A28+A1:A27+A1:A26+A1:A25>

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Politica/MovimentosSociaisCampo>

<https://www.youtube.com/watch?v=IGISCTecezE#t=85>, Cf

<http://www.palmares.pe.gov.br/a-cidade/>

<http://www.desaparecidospoliticos.org.br/pessoa>

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/Sudene>

<http://jovensfortesdolestedeminas.blogspot.com.br/>

http://koinonia.org.br/protestantes/baixar_o_livro.

<http://koinonia.org.br/protestantes/produtos/video/17/muros-e-pontes-memoria-protestante-na-ditadura/>.

<http://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/1503/1050>.

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI223025-15223,00-PARECIA+CASA+ERA+O+INFERNO.htm>

<http://www.agnes.com.br/colegio.php#identidade>

<http://www.brasilrepublicano.com.br/index.php>

http://www.catalogodasartes.com.br/Detailar_Biografia_Artista.asp?idArtistaBiografia=3685

http://www.centrocelsofurtado.org.br/geral.php?ID_M=482.

<http://www.cnv.gov.br/index.php/2012-05-22-18-30-05/veja-todos-os-grupos-de-trabalho/28-papel-das-igrejas-durante-a-ditadura>.

<http://www.metodistavilaisabel.org.br/docs/A-CONFER%C3%80ANCIA-DO-NORDESTE-livro1.pdf>.

<http://www.pe.gov.br/governo/galeria-de-governadores/cid-feijo-sampaio/>

<http://www.portalpe10.com.br/2013/noticias/destaques/265/1/especial-luis-portela-de-carvalho-o-homem-que-redescobriu-palmares>.

<https://archive.org/stream/conferenciadonor01conf#page/14/mode/1up>>

https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/francisco_juliao

https://portal.metodista.br/fateo/noticias/Magali_conferencia.pdf

<https://www.faculdadeunida.com.br/site/institucional/institucional-nossahistoria>

<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/724/568>

http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1339723652_ARQUIVO_Medo,memoriaenarrativa-o_anti_comunismoemPernambucoanos1960._ABHO_.pdf

<http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/bitstream/tede2/4788/2/Paulo%20Juliao%20da%20Silva.pdf>